

Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Ana Catarina Gonçalves Lopes

(A)CERCA DE AZAMOR
estruturas militares ao manuelino
Volume 2

Outubro de 2009



Ana Catarina Gonçalves Lopes

(A)CERCA DE AZAMOR
estruturas militares ao manuelino
Volume 2

Tese de Mestrado

Área: Cultura Arquitectónica

Ramo: História da Arquitectura

Trabalho efectuado sob a orientação do

Prof. Doutor Jorge Manuel Simão Alves Correia

Outubro de 2009

DECLARAÇÃO

Nome : Ana Catarina Gonçalves Lopes

Endereço electrónico: analopes@arquitectura.uminho.pt

Telefone: 96 29 20 209

Número do Bilhete de Identidade: 12315228

Título dissertação:

(A)CERCA DE AZAMOR

estruturas militares ao manuelino

Orientador(es):

Prof. Doutor Jorge Manuel Simão Alves Correia

Ano de conclusão: 2009

Designação do Mestrado ou do Ramo de Conhecimento do Doutoramento:

Ciclo de Estudos Integrado em

Área: Cultura Arquitectónica / Ramo: História da Arquitectura

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 30/10/2009

Assinatura: _____

ANEXOS

ÍNDICE

NOTA TÉCNICA/CONSIDERAÇÕES, p.9

ANEXO A - Lista de Governadores e Capitães do Castelo de Azamor, p.11

ANEXO B – *Planta de Azamor* – decalcagem de 1992, p.13

ANEXO C – Desenhos de levantamento, análise e especulação sobre a cidade de Azamor (actuais Medina e bairro Kasbah/Mellah), p.17

ANEXO D – Desenhos de levantamento, análise e especulação do muro de atalho, p.29

ANEXO E – Desenhos de levantamento, análise e especulação do Baluarte de São Cristóvão, p.35

ANEXO F – Desenhos de levantamento, análise e especulação do Baluarte do Raio, p.41

ANEXO G – Desenhos de levantamento e análise da Casa dos Capitães, p.47

ANEXO H – Desenhos de levantamento, análise e especulação da Porta da Vila, p.55

ANEXO I – Desenhos de levantamento e análise da Porta da Ribeira, p.61

ANEXO J – Desenhos de levantamento e análise da Porta da do Combate, actual Bab el Medina (Porta da Cidade), p.67

ANEXO K – Desenhos de levantamento e análise do Baluarte N, p.71

ANEXO L – Desenhos de levantamento e análise do Torre NE, p.75

ANEXO M – Desenhos de levantamento, análise e especulação do Baluarte do Rio, p.79

ANEXO N – Desenhos de levantamento, análise e especulação da vila portuguesa em Azamor, p.87

ANEXO O – *Carta de Rui Barreto a D. Manuel I* – 21 de Fevereiro de 1514, p.99

ANEXO P – *Carta de Francisco e Diogo de Arruda a D. Manuel I* – 31 de Março de 1514, p.117

ANEXO Q – *Carta de Nuno Gato a D. Manuel I* – 31 de Março de 1514, p.123

ANEXO R – *Carta de António Leite a D. Manuel I* – 27 de Julho 1514, p.129

ANEXO S – *Carta de Simão Correia a D. Manuel I* – 3 de Outubro de 1516, p.145

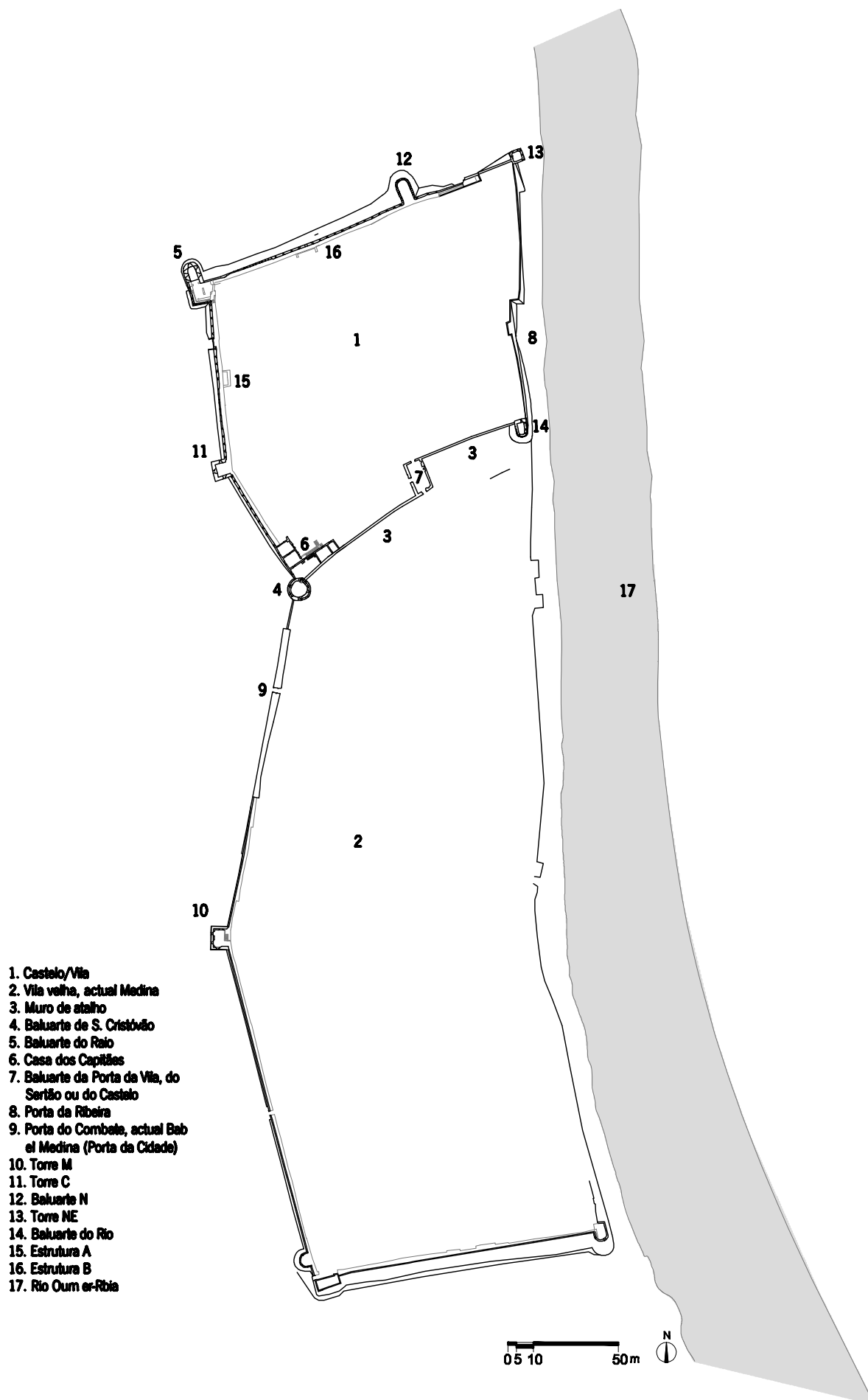
ANEXO T – *Regimento da obra do muro e atalho da cidade de Azamor* – 11 de Setembro de 1517, p.149

ANEXO U – *Carta de Duarte Roiz Alcoforado, da guarnição de Azamor, a D. Manuel I* – 11 de Agosto de 1517, p.153

ANEXO V – *Carta dos doze eleitos pelo povo de Azamor, dirigida a D. Manuel I* – 12 de Agosto de 1517, p.161

ANEXO W – *Regimento para a alfândega da cidade de Azamor* – 19 de Fevereiro de 1518, p.165

ANEXO X – *Carta de mercê do rei D. Manuel dirigida aos moradores de Azamor* – 23 de Julho de 1518, p.169



Azamor. Planta do actual contorno amuralhado

NOTA TÉCNICA/CONSIDERAÇÕES

O presente volume pretende acompanhar a dissertação apresentando alguns dos desenhos que acompanham o trabalho a uma escala mais adequada. Os desenhos do Castelo de Azamor com todas as suas estruturas e Medina correspondem a produção gráfica original, resultado de medições efectuadas em Azamor¹. Para um melhor entendimento dos elementos gráficos conjecturais recorre-se, por vezes, à utilização de alguma cor ou mancha. Porque nem todas as estruturas têm uma designação reconhecida, tornou-se fundamental estabelecer uma nomenclatura específica, permitindo um reconhecimento imediato do objecto arquitectónico a que se vão referindo as imagens. Deste modo, é importante salientar que a área correspondente à Vila portuguesa em estudo se poderá denominar também de *Castelo*, corresponde ao actual bairro Kasbah/Mellah é delimitada a Sul pelo muro de atalho. A restante área urbana de Azamor entremuros, objecto de reflexão comparativa, diz respeito à Vila velha, actual Medina – cidade. Quanto às estruturas militares, as designações coevas abrangem apenas o Baluarte de São Cristóvão, Baluarte do Raio, Casa dos Capitães, Baluarte da Porta da Vila (do Sertão ou do Castelo), Porta da Ribeira e Porta do Cambate (Bab el Medina – Porta da Cidade). A tudo o mais foram atribuídas designações relacionadas com a sua localização e/ou tipologia:

- Torre M: estrutura torreada integrada na muralha da Medina;
- Torre C: estrutura torreada integrada na muralha do Castelo português;
- Baluarte N: baluarte em ponto intermédio da muralha Norte;
- Torre NE: torreão na extremidade do Castelo português entre as muralhas Norte e Este;
- Baluarte do Rio: baluarte sobre o rio, entre os muros Este e Sul;
- Estrutura A e Estrutura B: as duas estruturas interiores que se anexam ao caminho de ronda.

Os restantes anexos correspondem a documentação considerada pertinente ao acompanhamento do trabalho.

¹ O levantamento que efectuámos e do qual retiramos elementos essenciais à dissertação aqui proposta, é resultado de missões de campo efectuadas em Junho - Julho de 2008 e Junho de 2009. Possibilitou o registo do estrato actual urbano e perímetro amuralhado de Azamor, cidade integrante do Projecto de Investigação “Portugal e o Sul de Marrocos – Contactos e Confrontos, Séculos XV-XVIII”, em desenvolvimento pelo Centro de História de Além-Mar da FCSH-Universidade Nova de Lisboa, Universidade dos Açores e Universidade do Minho, no qual participamos.

ANEXO A

Lista de Governadores e Capitães do Castelo de Azamor

1513-1514? – Rui Barreto

1514?-1516 – D. Pedro de Sousa

1516-1518 – Simão Correia

1518-1525 – D. Álvaro de Noronha

1525-1529 – Jorge Viegas

1529-1530 – António Leite

1530-1534 – Pedro de Mascarenhas

1534-1535 – Lançarote de Freitas (interino)

1535-1537 – D. Álvaro de Abranches

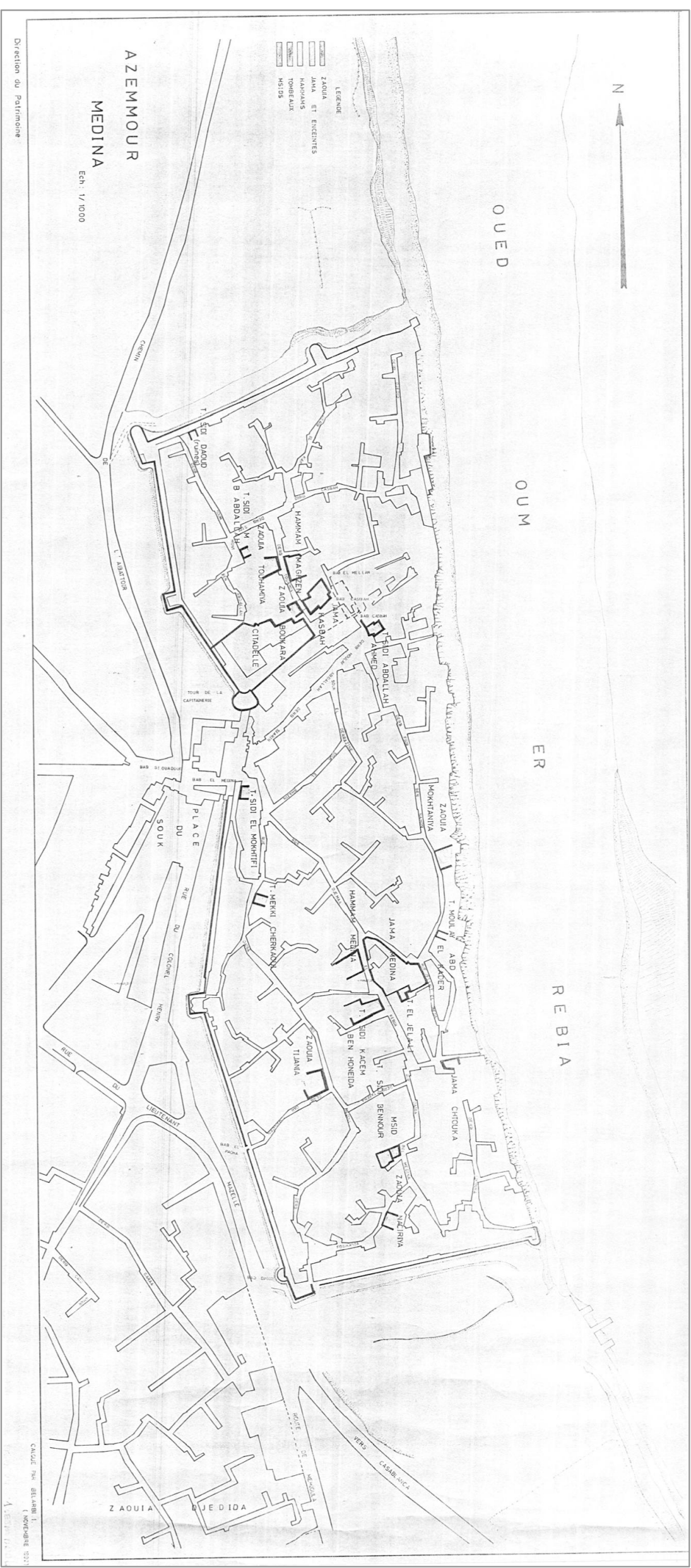
1537-1541 – António Leite

1541 – D. Fernando de Noronha

Recolha feita in CORREIA, Jorge – Implantação da cidade portuguesa no Norte de África: da tomada de Ceuta a meados do século XVI. Porto, FAUP publicações, 2008, p.73.

ANEXO B

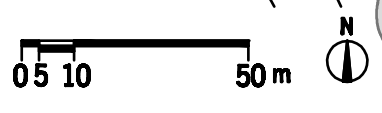
Planta de Azamor – decalcagem de 1992 (Centre des Études et des Recherches du Patrimoine Maroco-Lusitanien)



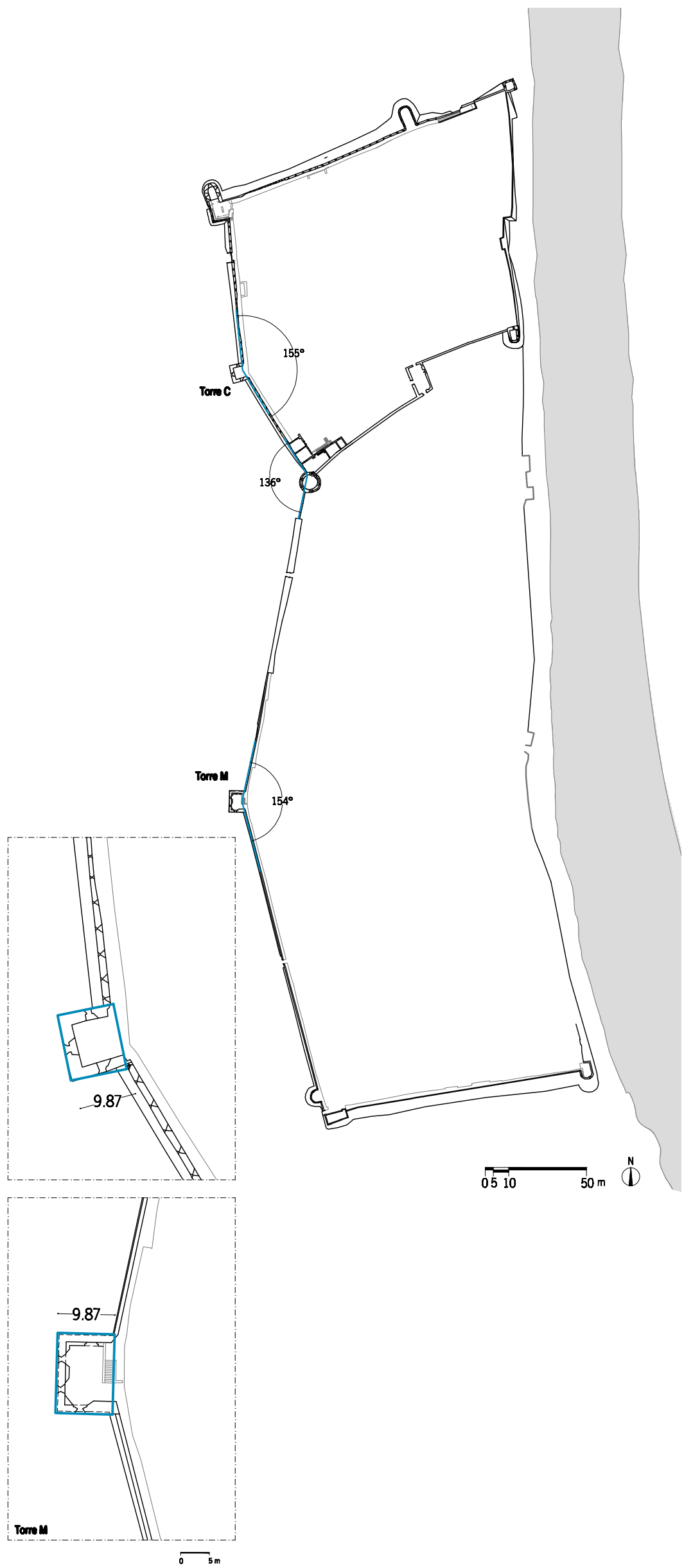
ANEXO C – Desenhos de levantamento, análise e especulação sobre a cidade de Azamor
(actuais Medina e bairro Kasbah/Mellah)



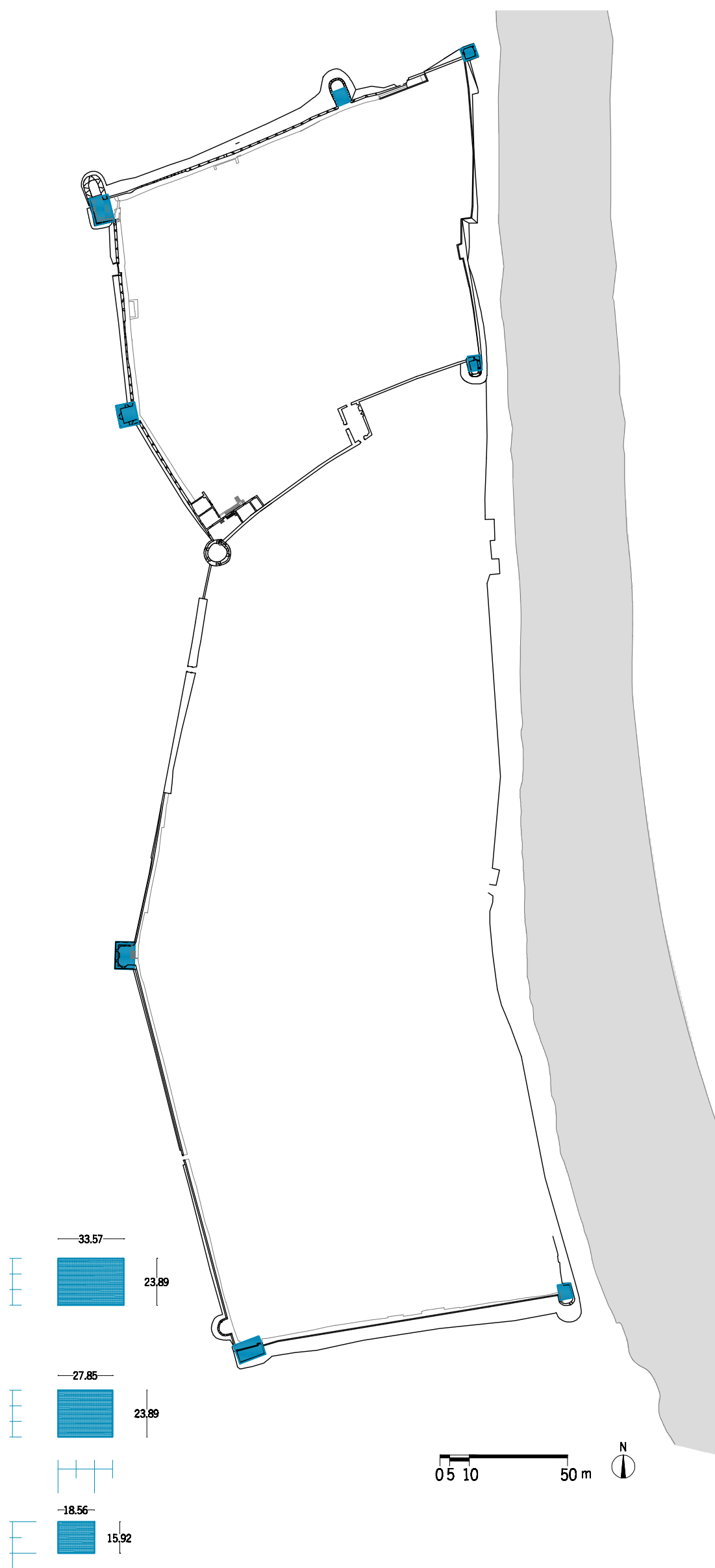
- 1. Actual bairro *Kasbah/Mellah*
- 2. *Medina*
- 3. *Rio Oum er-Rbia*
- 4. *Bab el Medina*
- 5. *Bab el Kasbah*
- 6. *Antiga Casa do Capitão português*
- 7. *Mesquita da Kasbah*



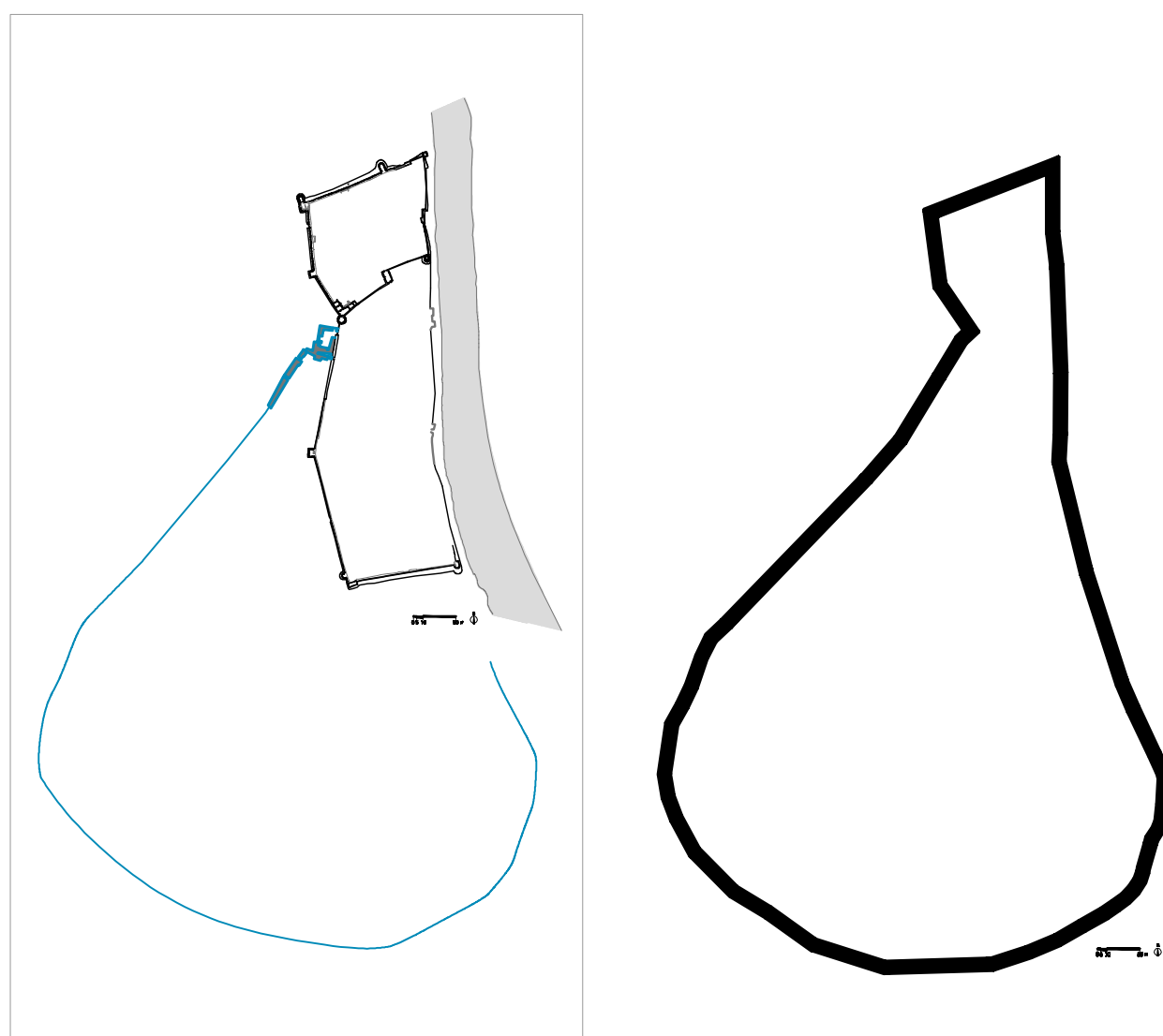
-Azamor. Planta actual do bairro Kasbah/Mellah e Medina (levantamento)



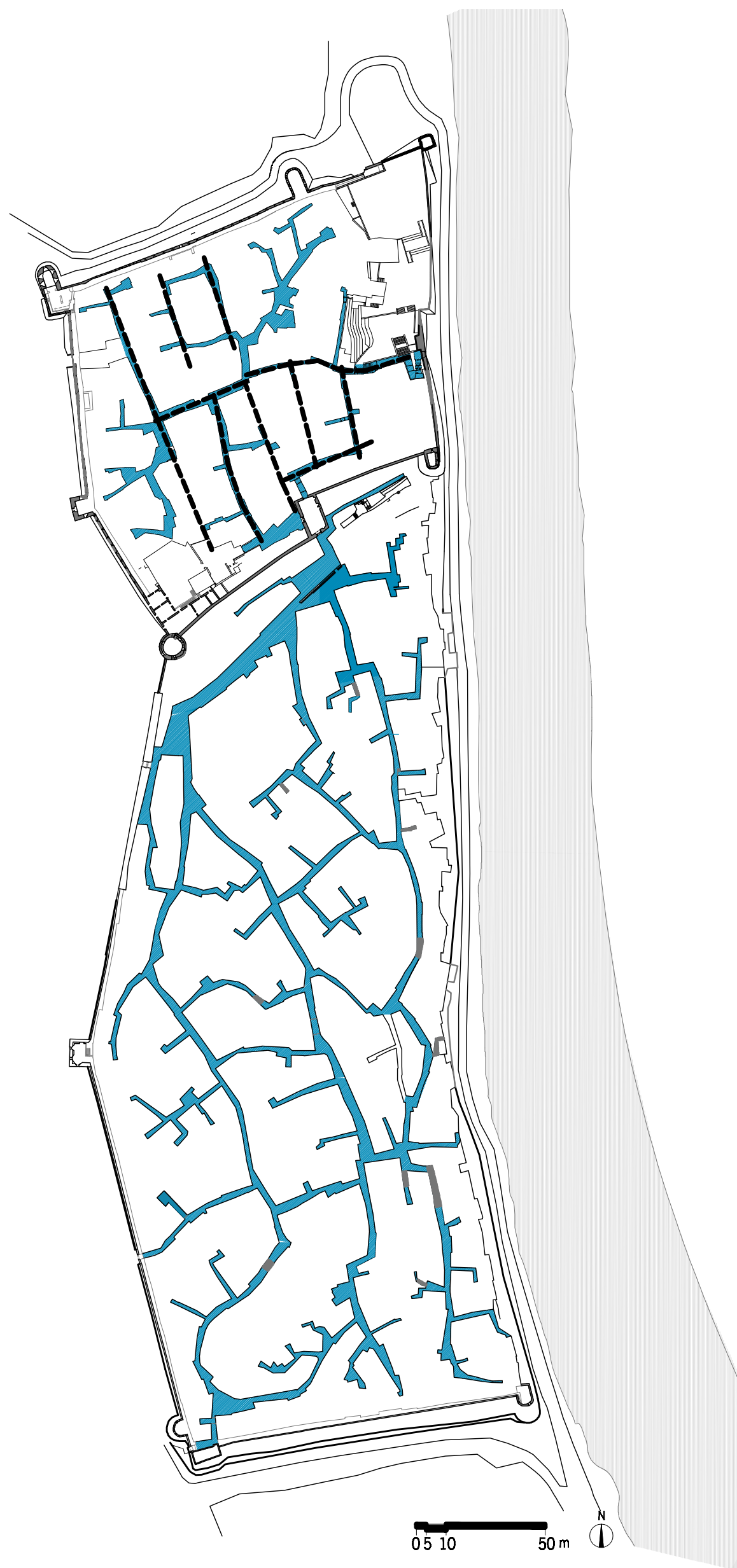
-Planta (estudo dos ângulos de inflexão da muralha)
-Plantas da Torre C e Torre M (estudo de composição)



-Planta (estudo das formas rectangulares que estruturam as construções militares e esquema interpretativo)

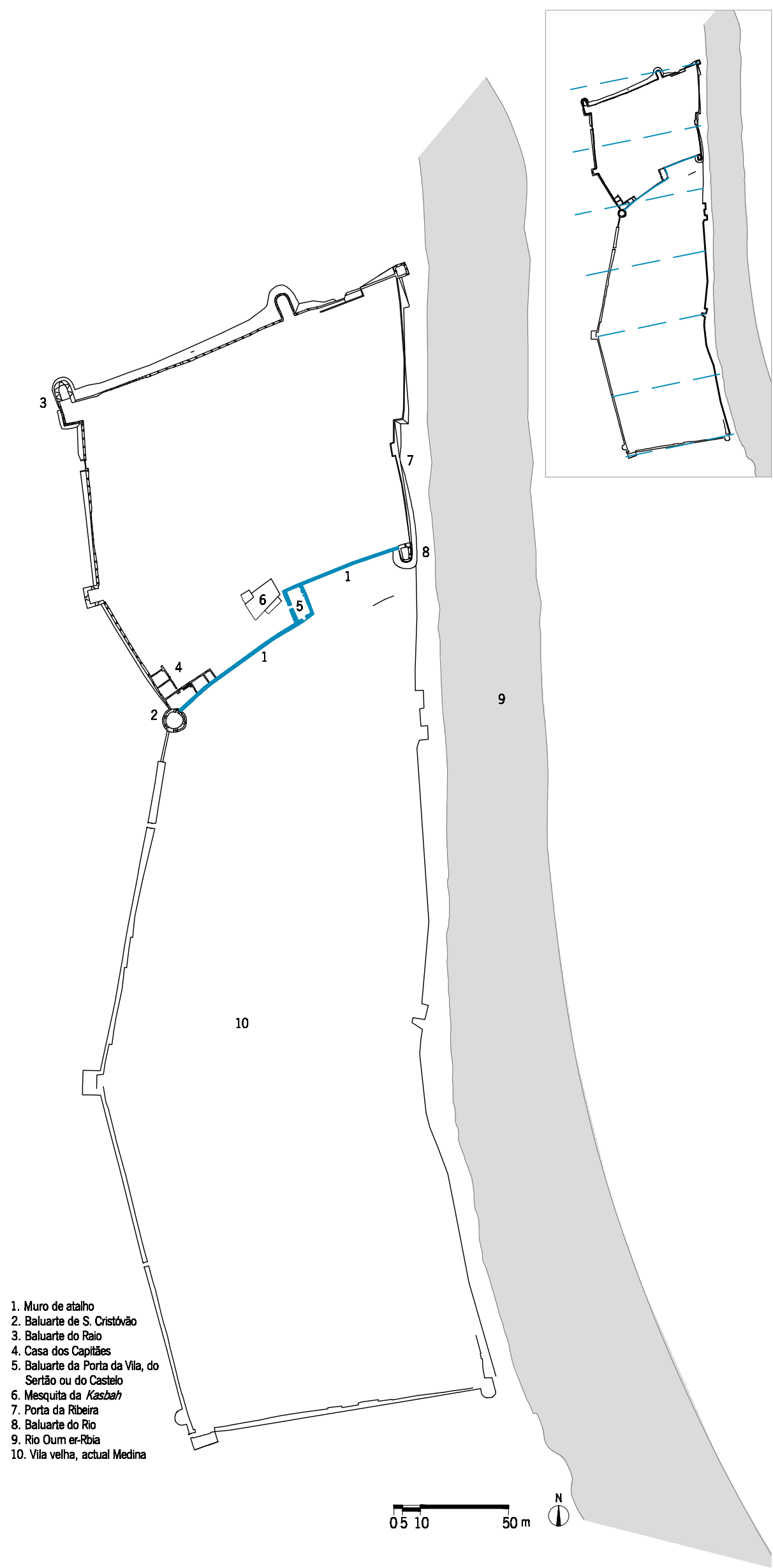


- Levantamento de vestígios de muralha
- Sobreposição do levantamento a uma foto aérea para reconstituição de uma outra área urbana
- Desenho da estrutura que aparece na planta e em fotos antigas
- Especulação da forma uma possível ocupação islâmica anterior

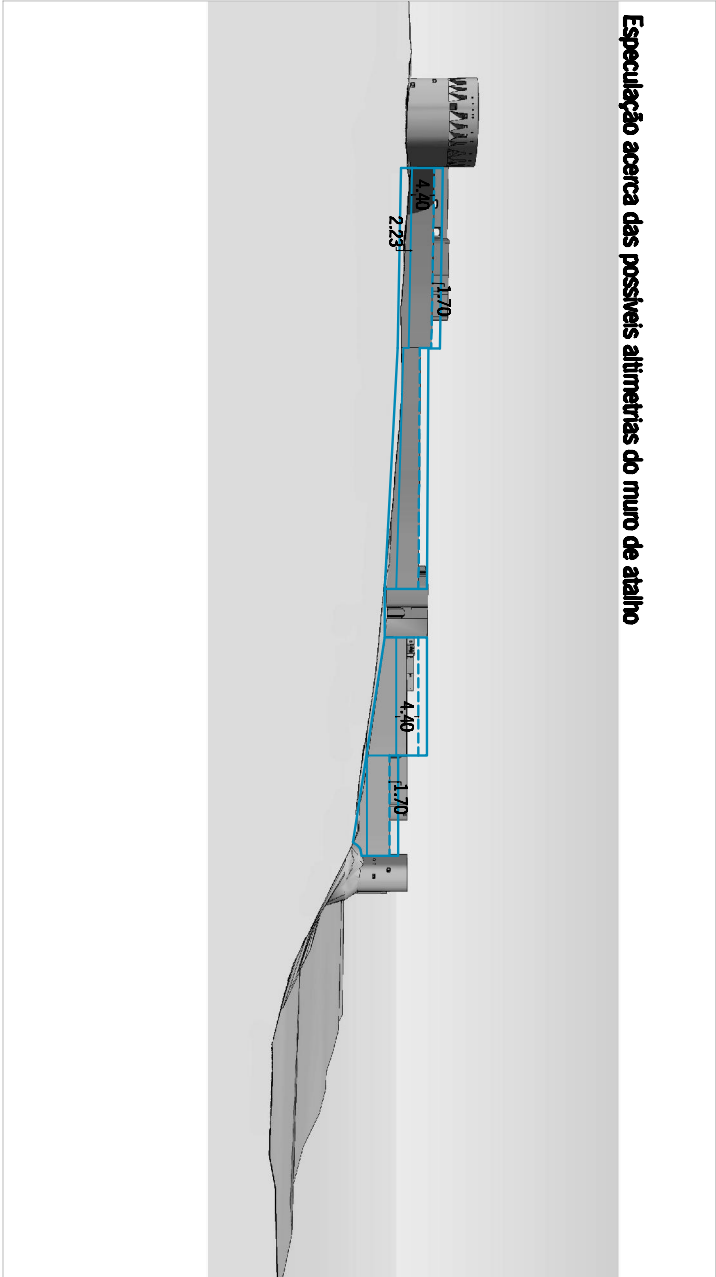
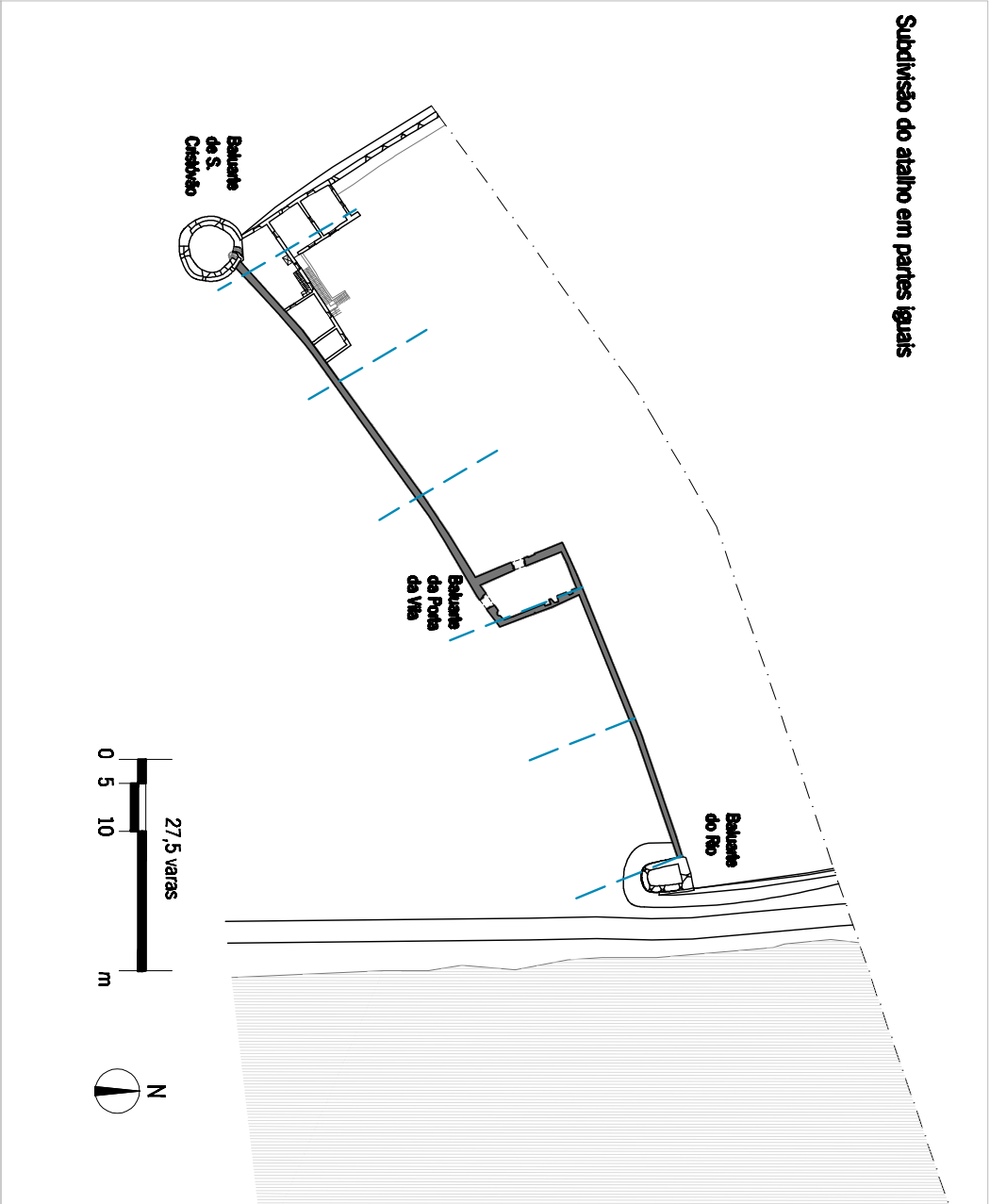
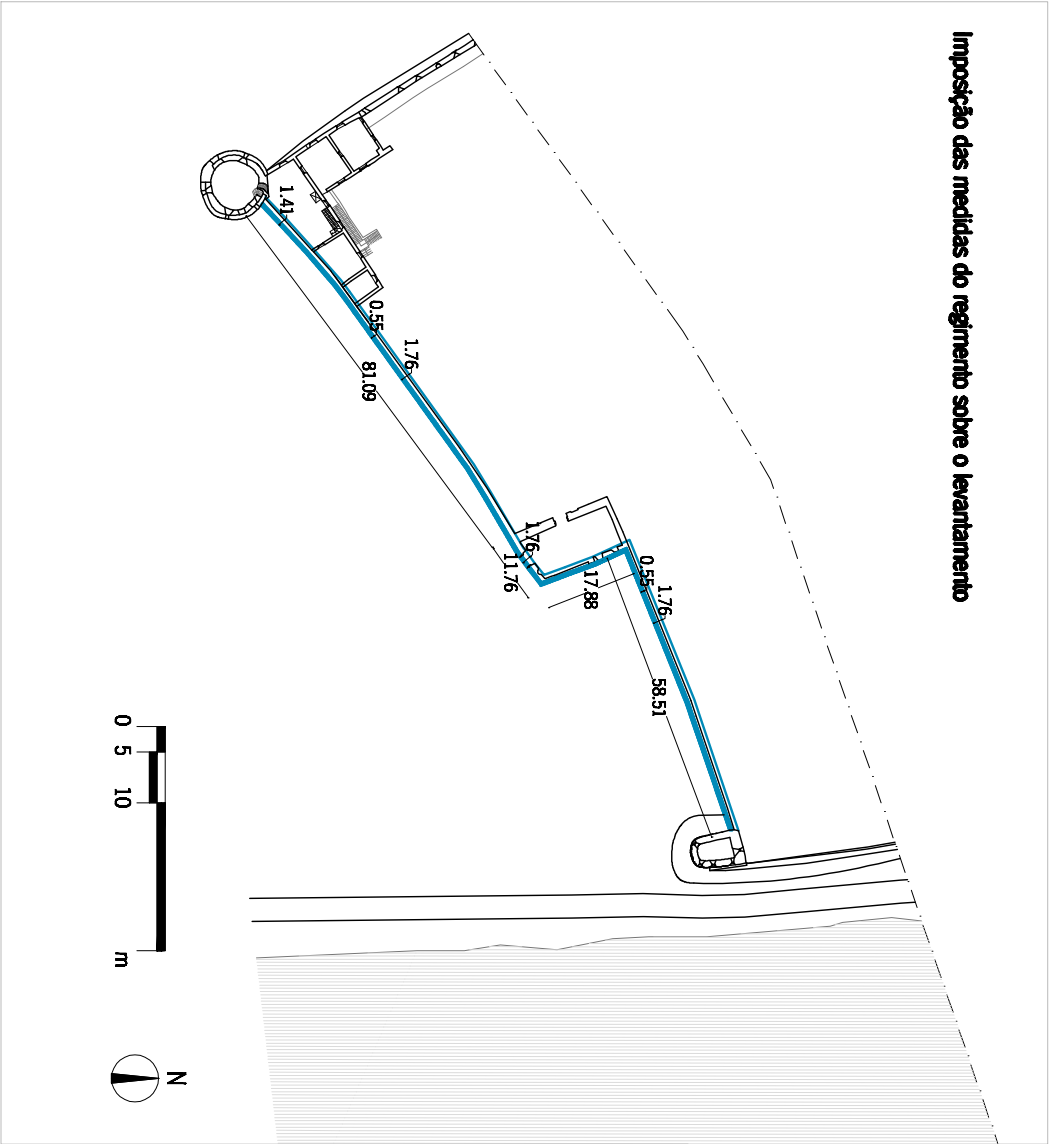


-Planta dos actuais bairros Kasbah/Mallah e Medina (antigo Castelo português e vila velha)
evidenciando a malha estabelecida pelas ruas

ANEXO D – Desenhos de levantamento, análise e especulação do muro de atalho

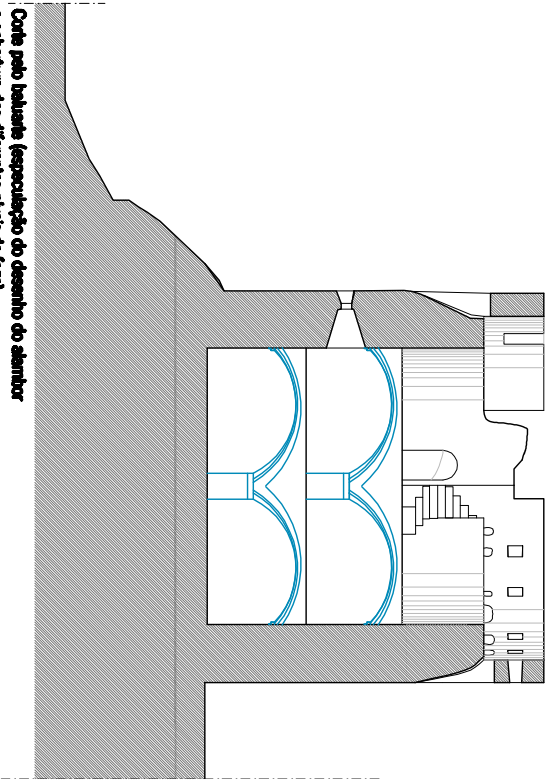
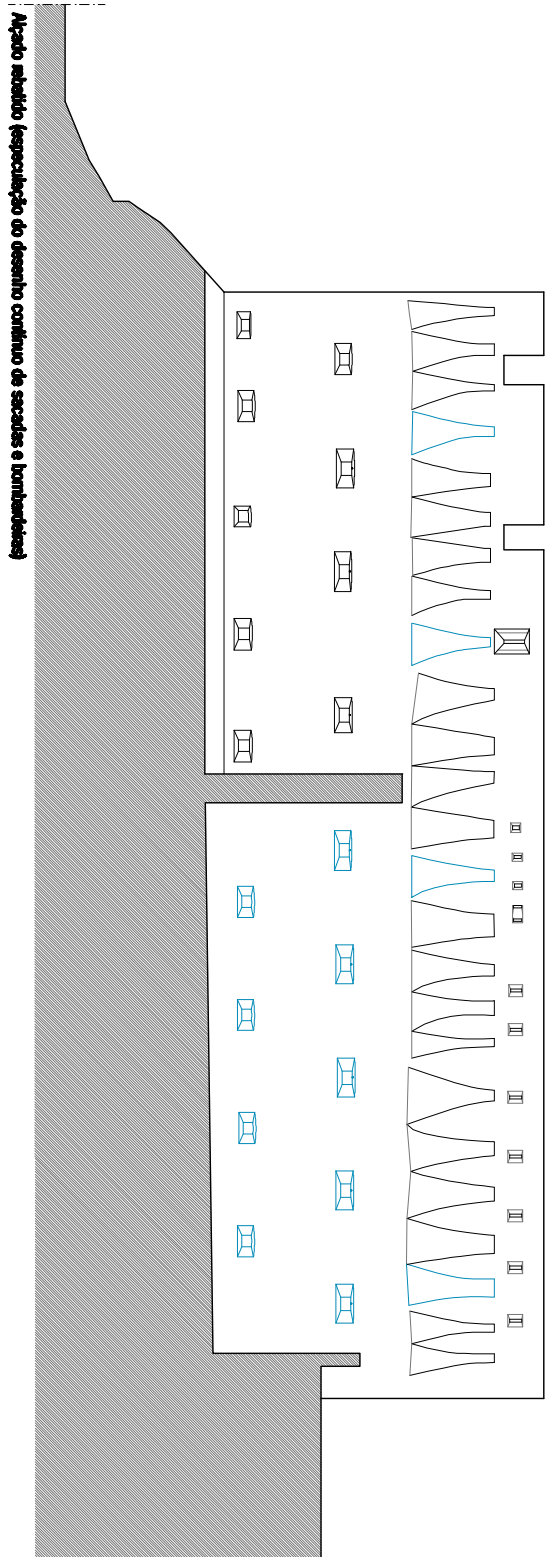
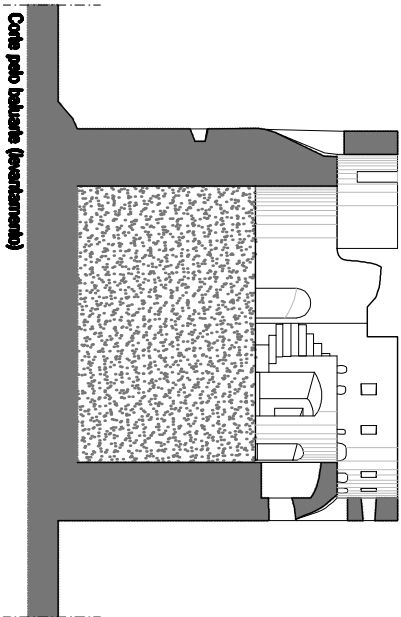
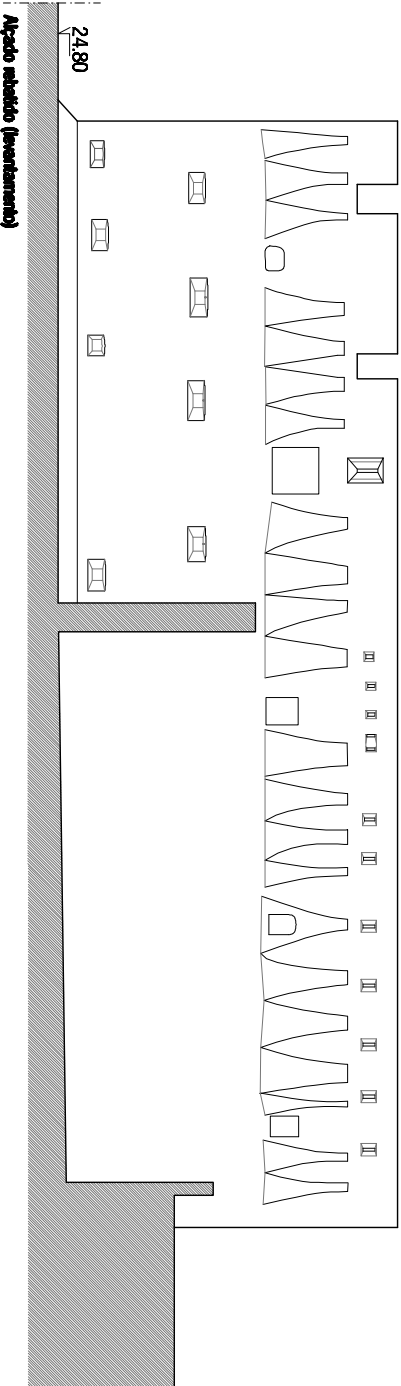


-Traçado do muro de atalho no contexto da cidade e esquema de subdivisão da área amuralhada em partes iguais

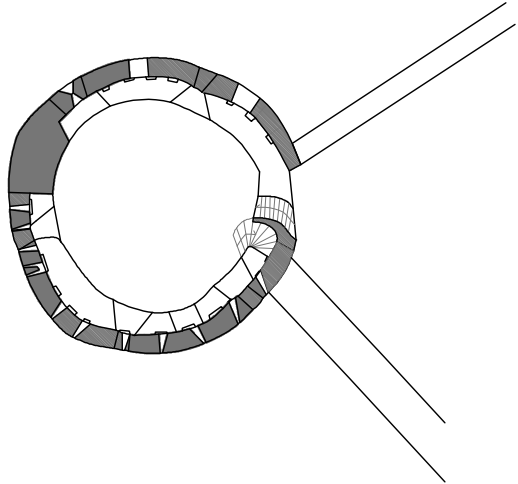


- Estudos sobre o traçado do muro de atalho
- Especulação sobre as alímetrias do muro de atalho

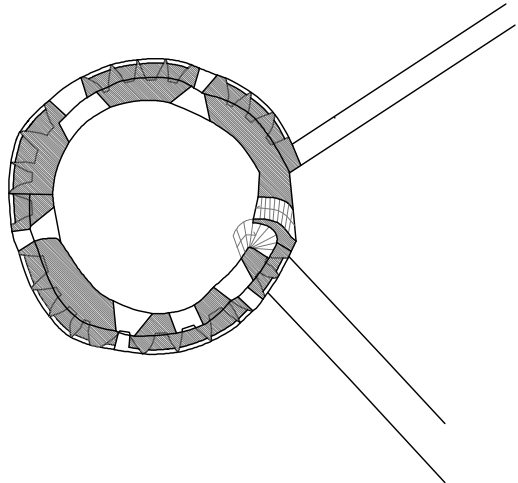
ANEXO E – Desenhos de levantamento, análise e especulação do Baluarte de São Cristóvão



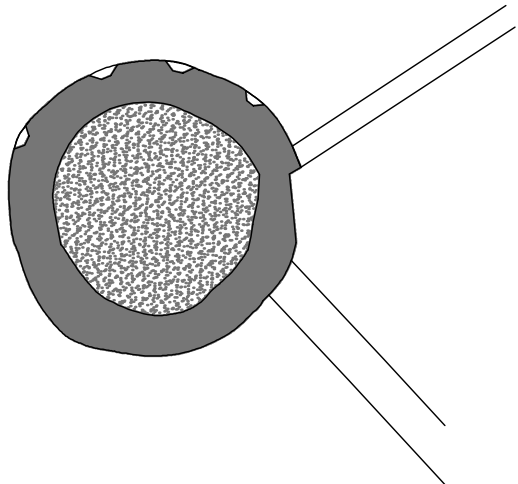
-Alçados e Cortes do Baluarte de São Cristóvão (levantamento e especulação)



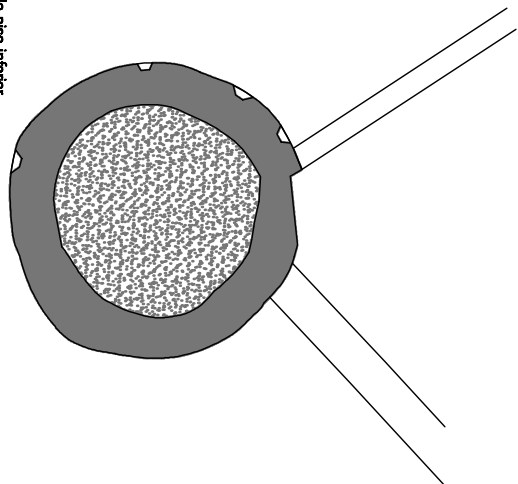
Planta à cota do petroni



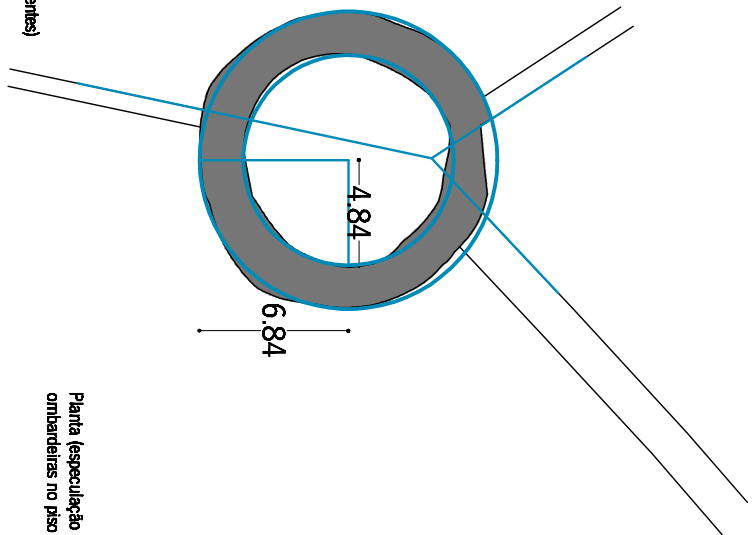
Planta do piso superior



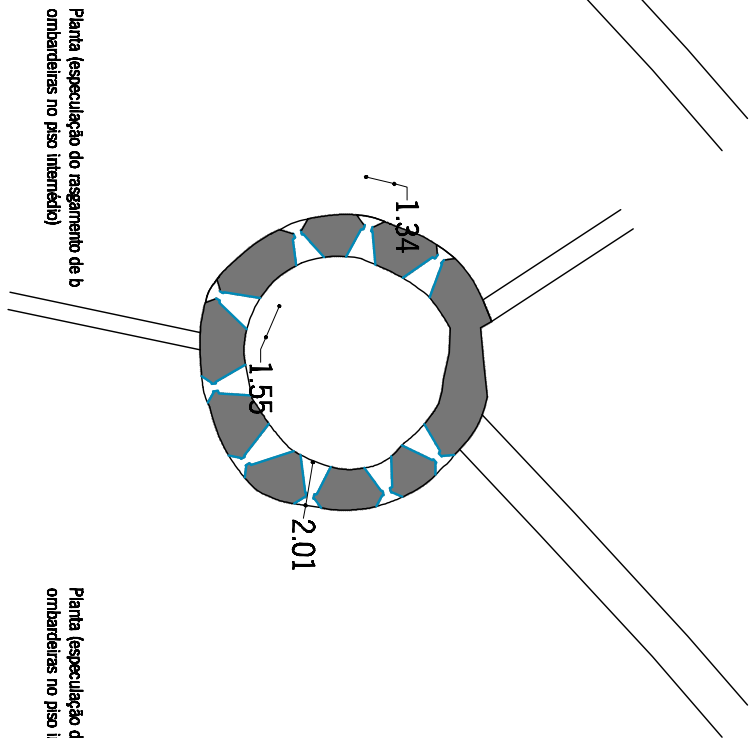
Planta do piso intermédio



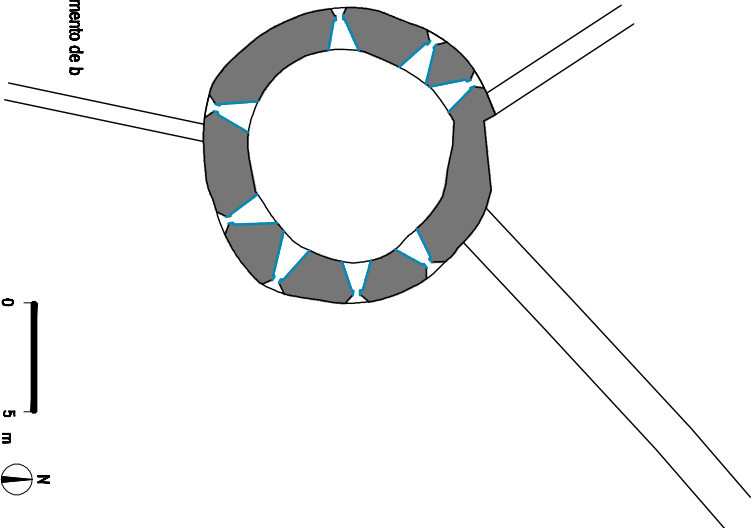
Planta do piso inferior



Planta (estudo de traçado e cruzamento da geometria do baluarte com os muros adjacentes)



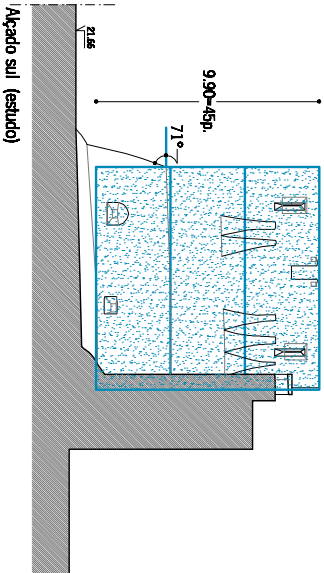
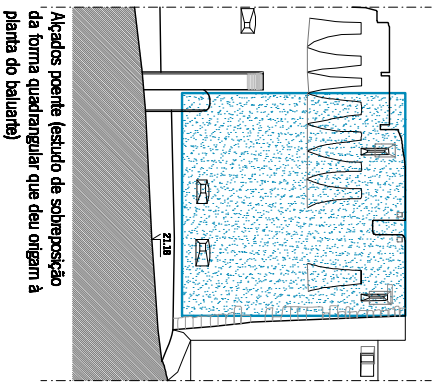
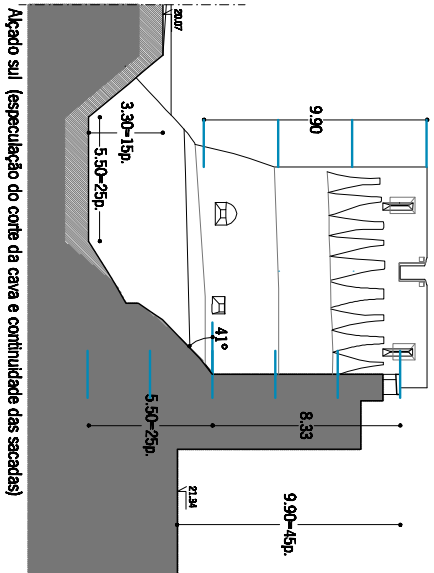
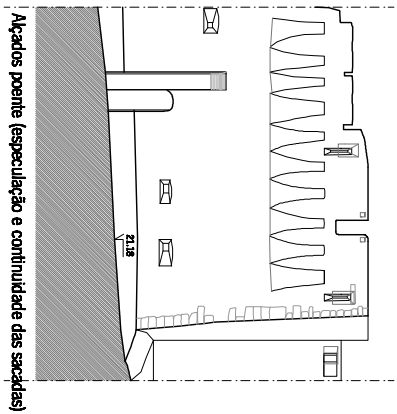
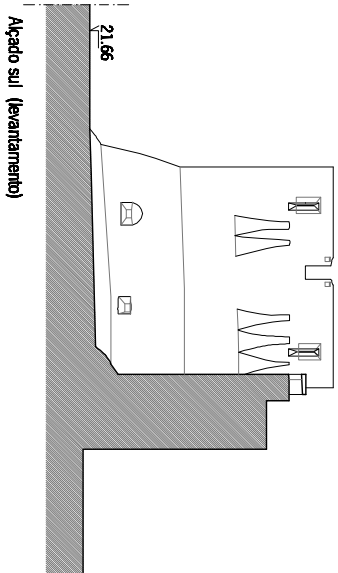
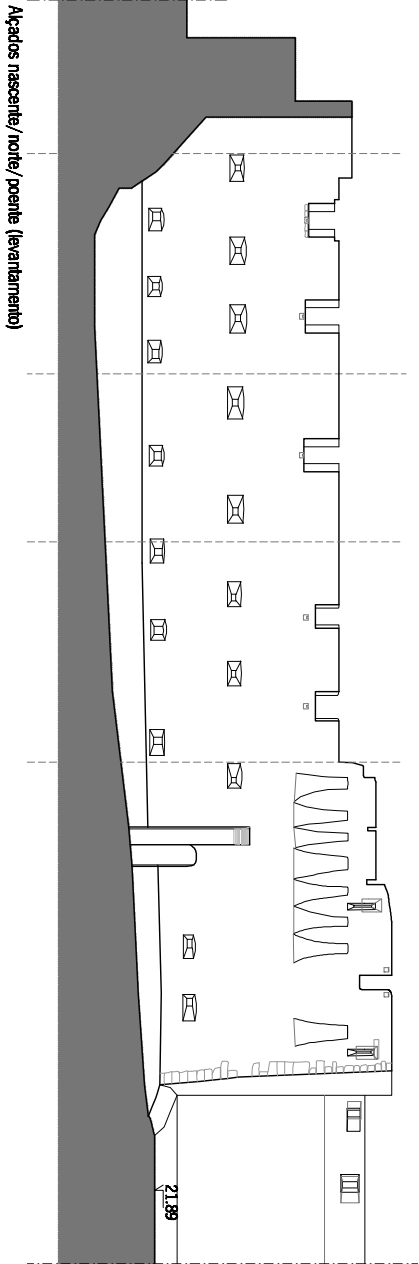
Planta (speculação do rasgamento de b ombaideiras no piso intermédio)



Planta (speculação do rasgamento de b ombaideiras no piso inferior)

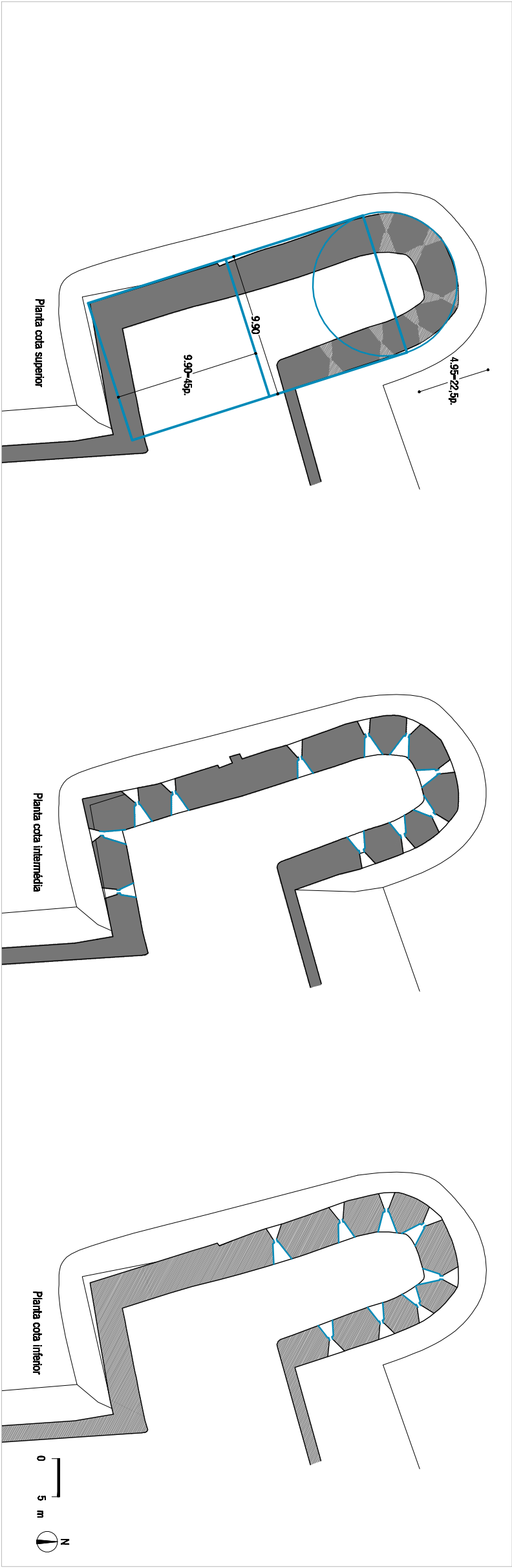
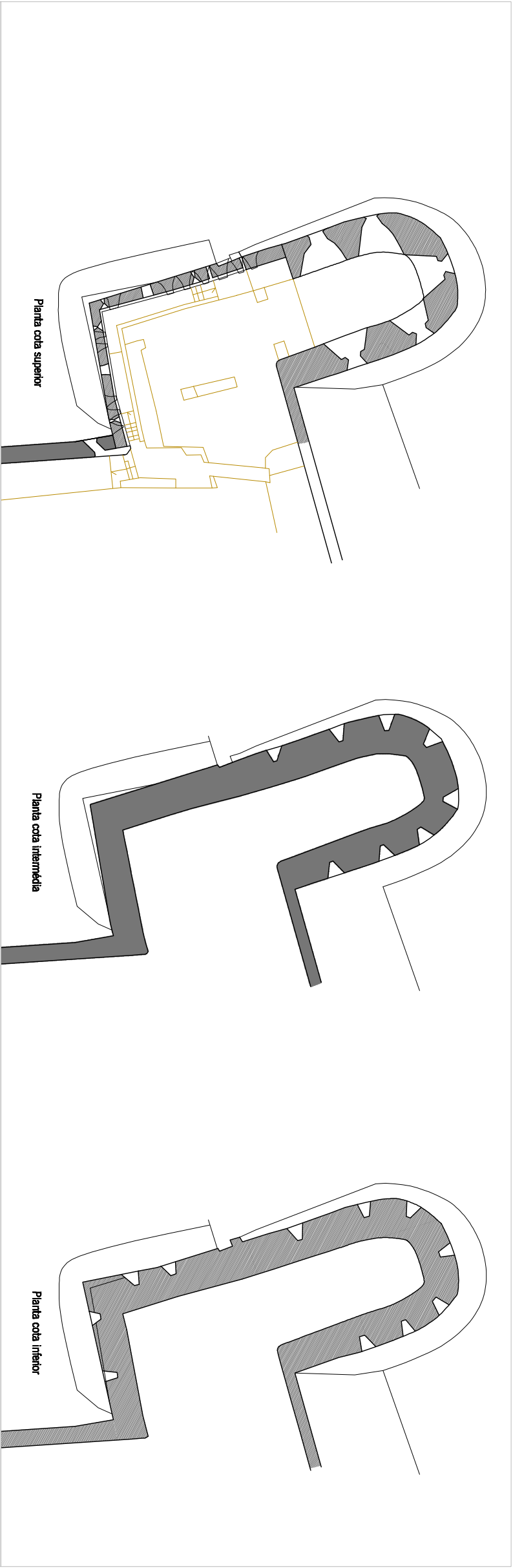


ANEXO F – Desenhos de levantamento, análise e especulação do Baluarte do Raio

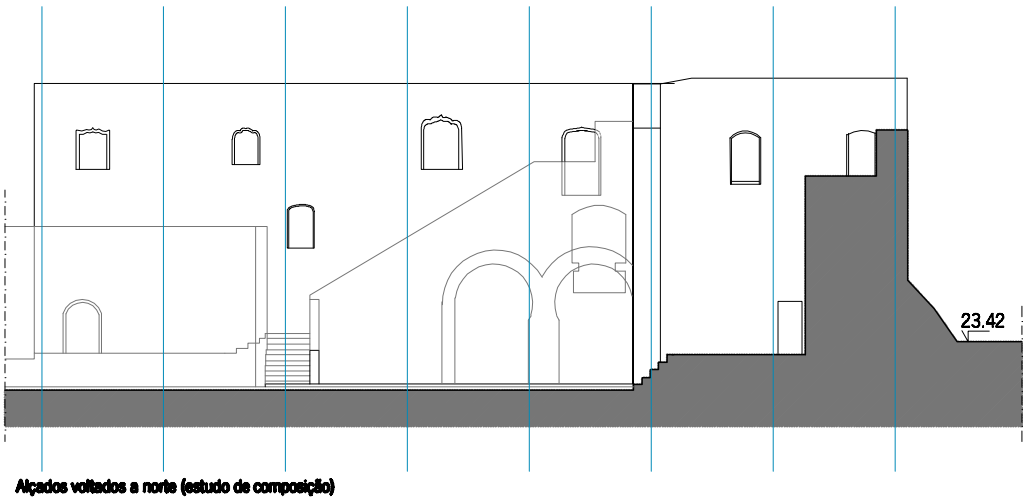
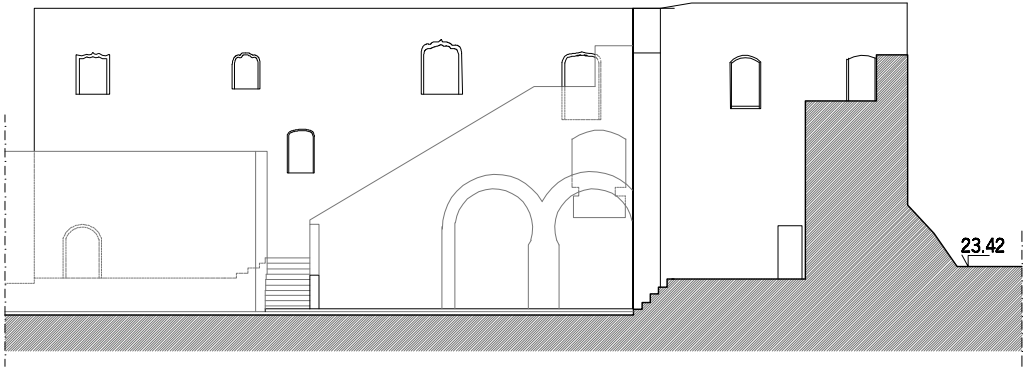
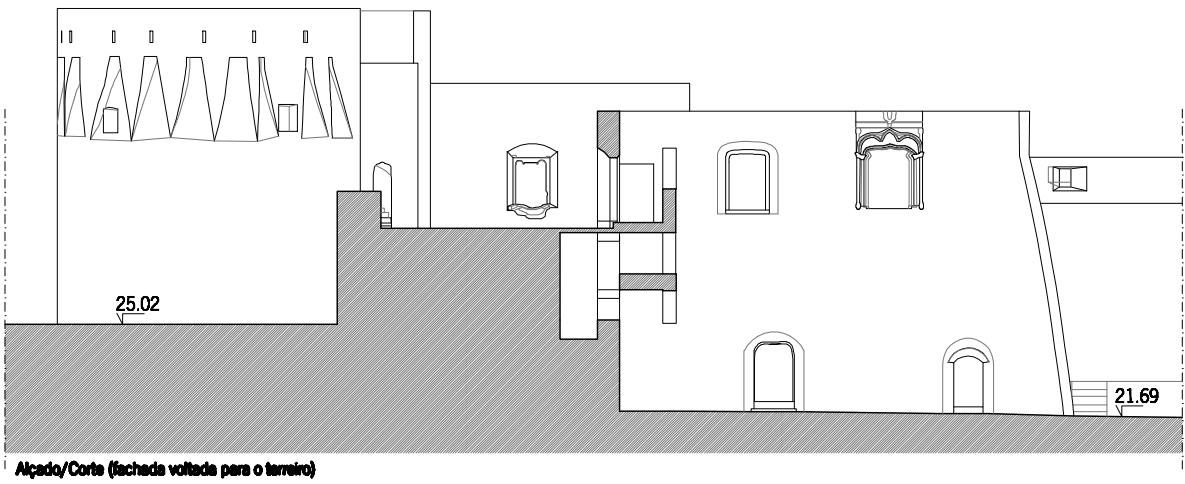
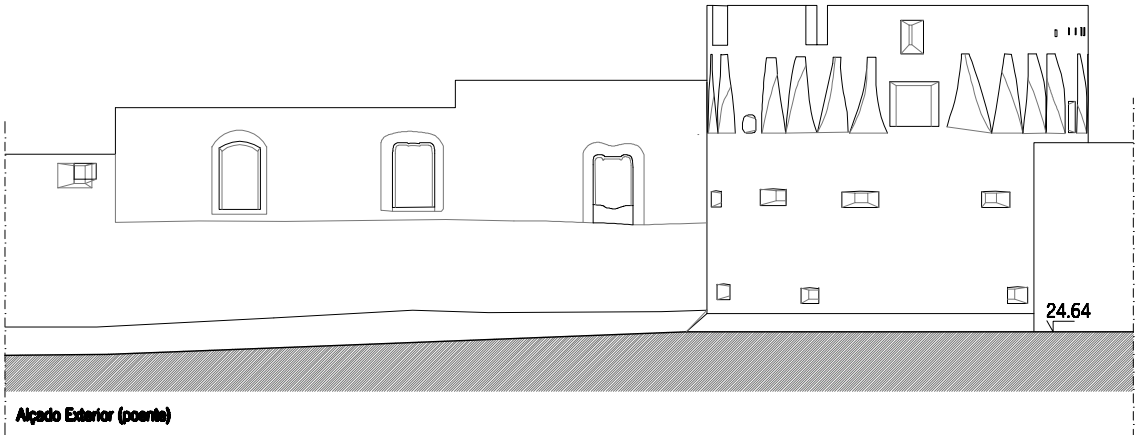


0 5 m

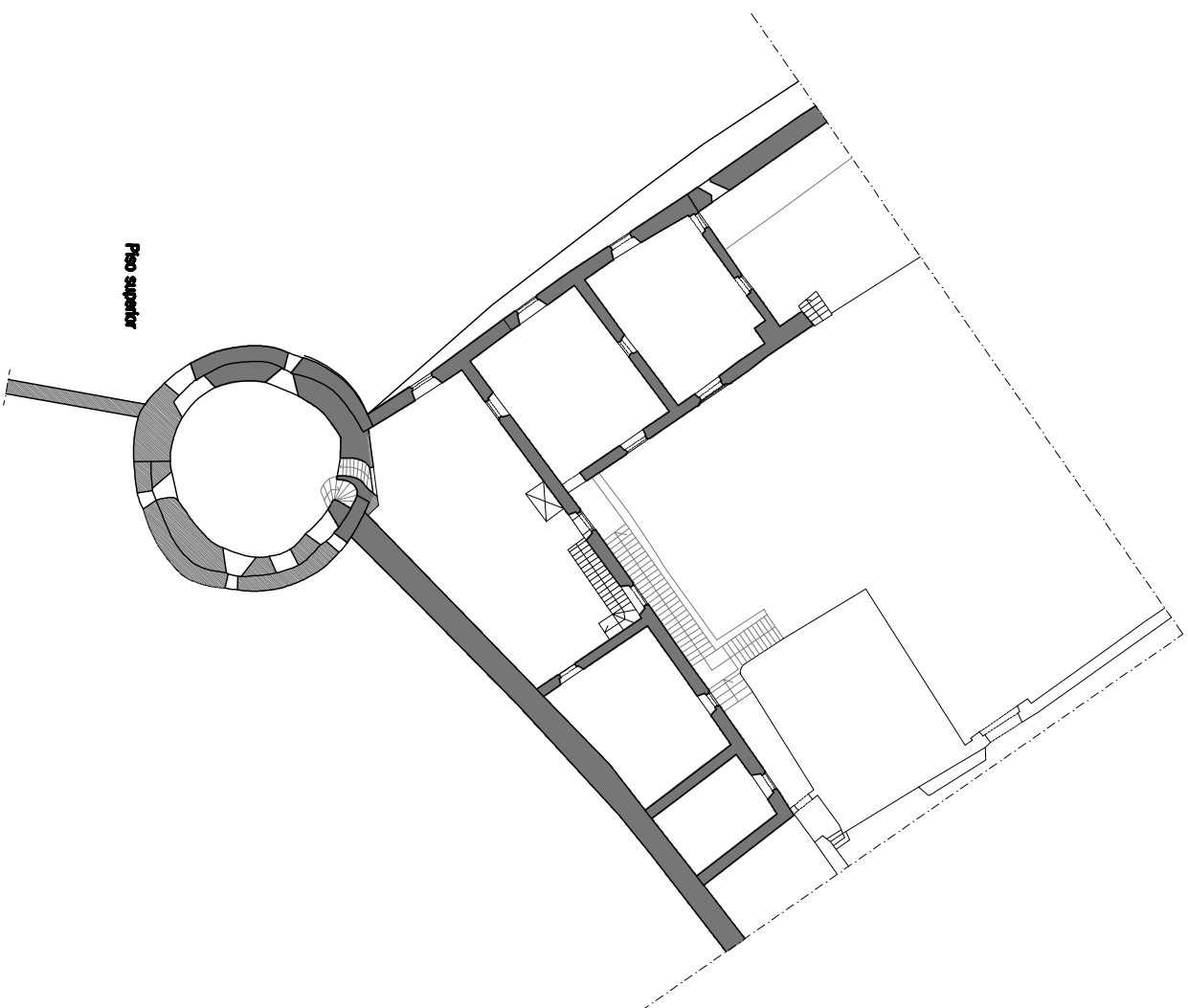
-Alçados do Baluarte do Raio (levantamento e especulação)



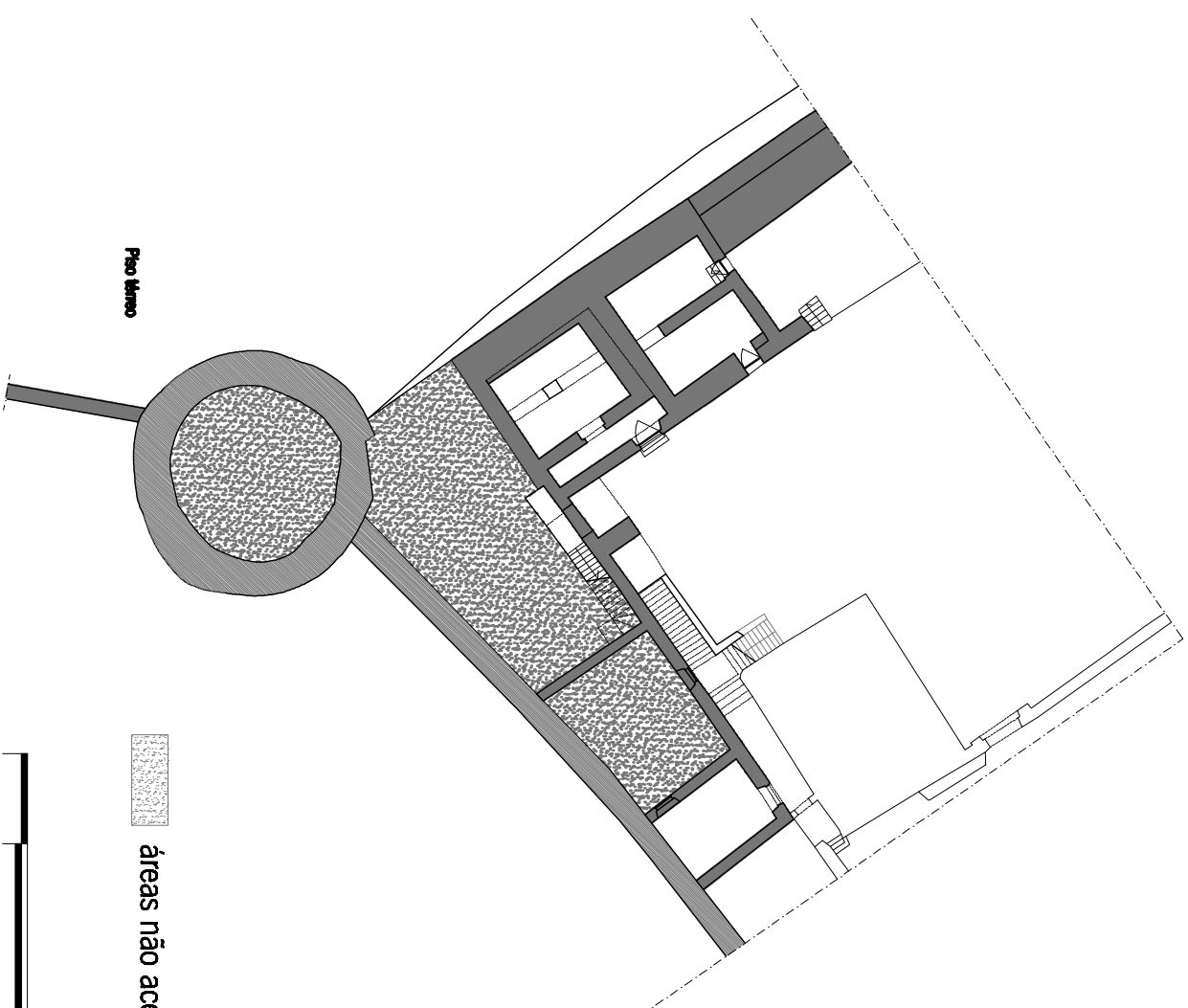
ANEXO G – Desenhos de levantamento e análise da Casa dos Capitães



0 5 m



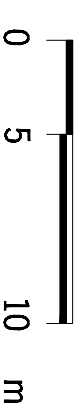
Piso superior



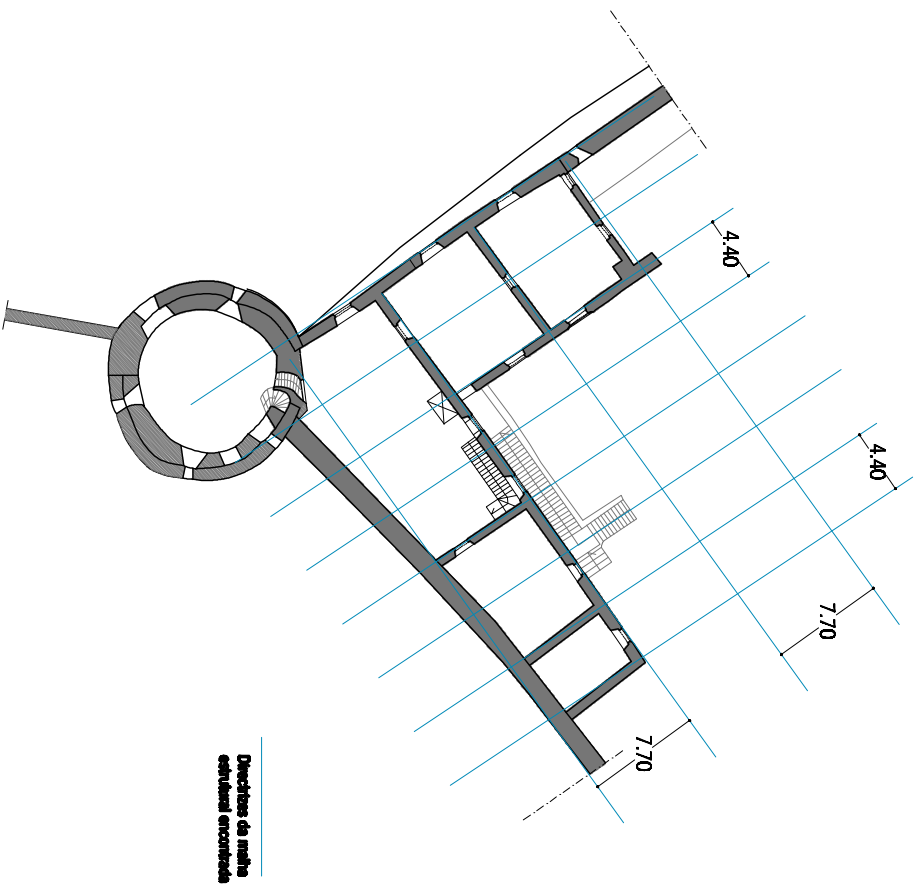
Piso médio



áreas não acessíveis

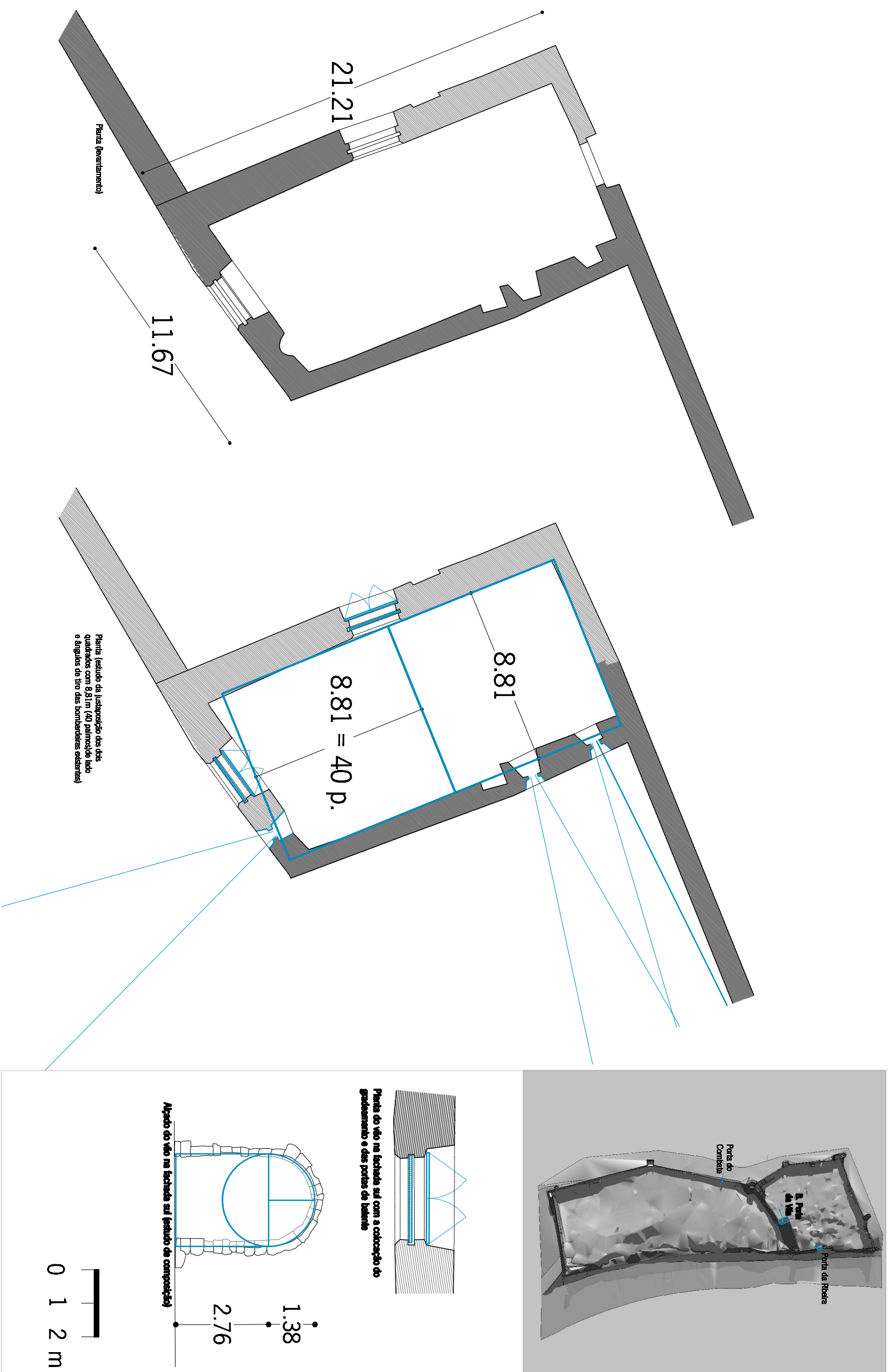


-Plantas da Casa dos Capilães (levantamento)

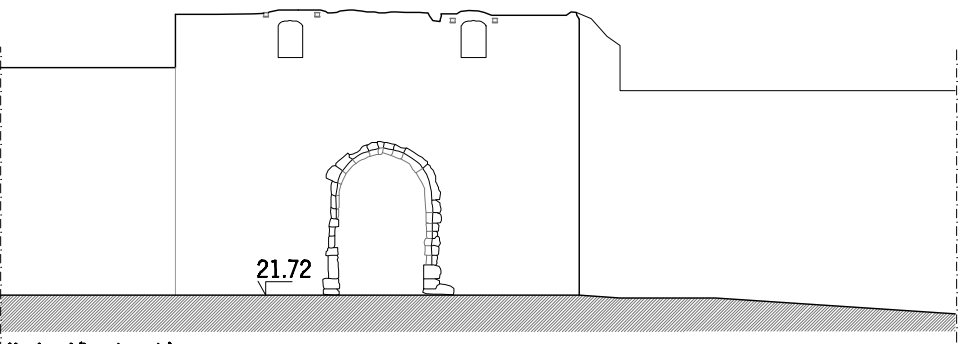


-Estudo de composição sobre planta da Casa dos Capões

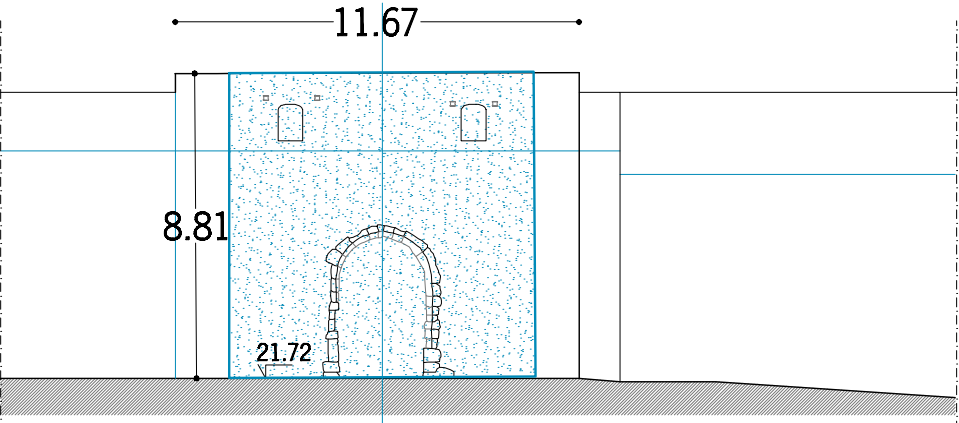
ANEXO H – Desenhos de levantamento, análise e especulação da Porta da Vila



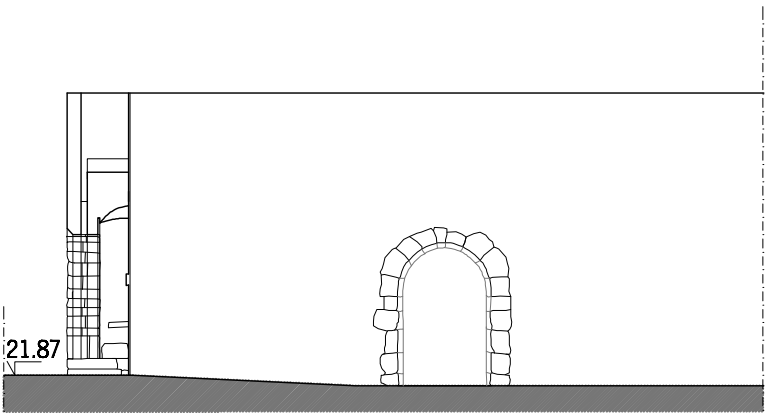
-Estudos sobre Baluarte da Porta da Vila (e desenho de enquadramento)



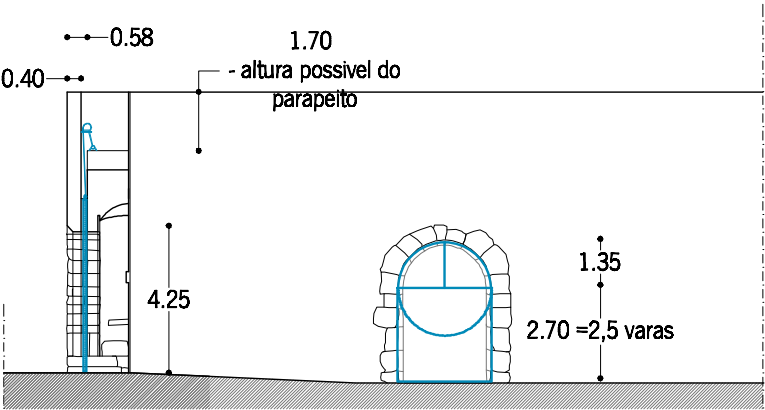
Alçado sul (levantamento)



Alçado sul (estudo com sobreposição da forma geométrica que deu origem à planta - quadrado de 8.81m = 40 palmos)



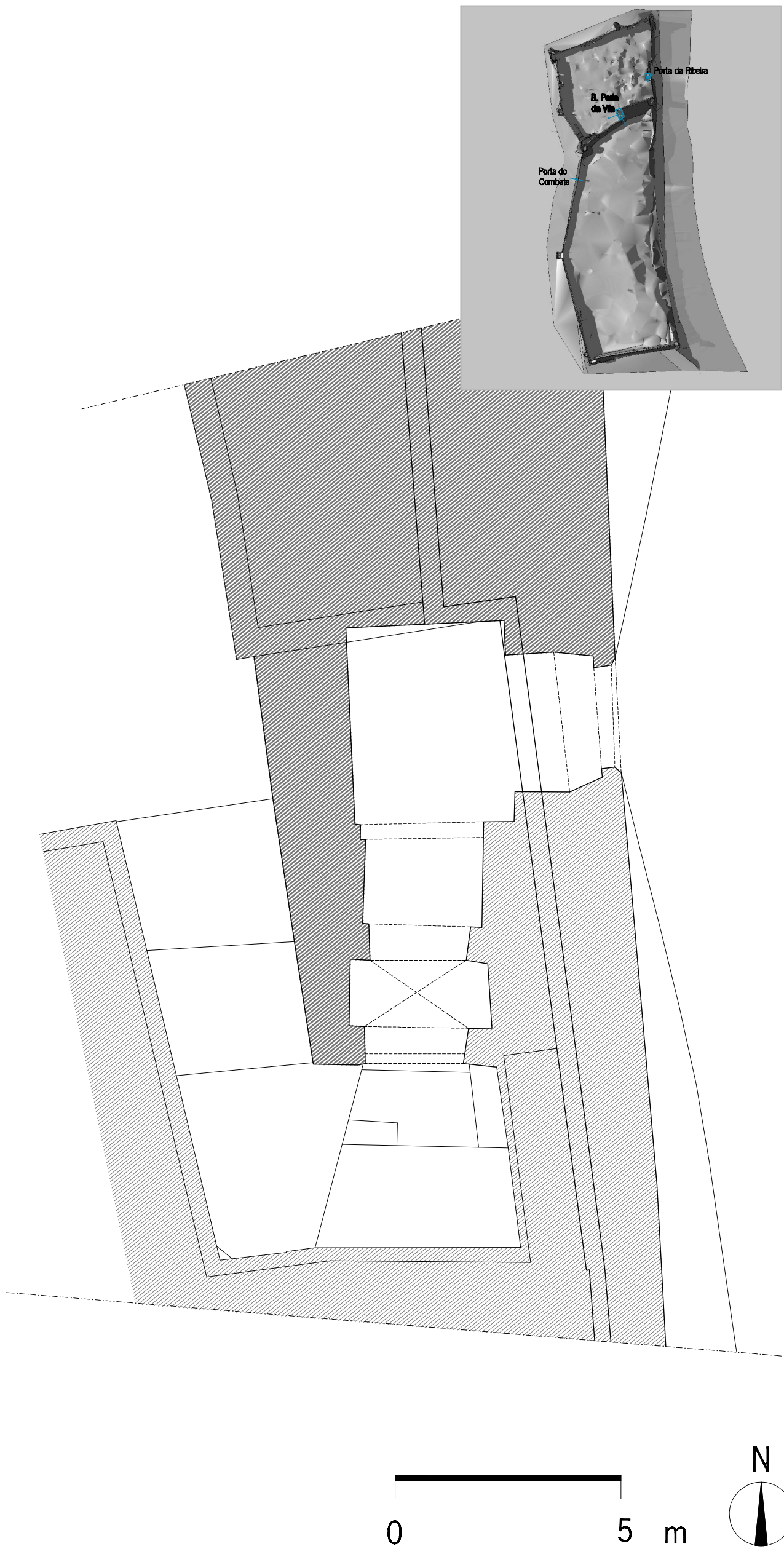
Alçado interior e corte da fachada sul



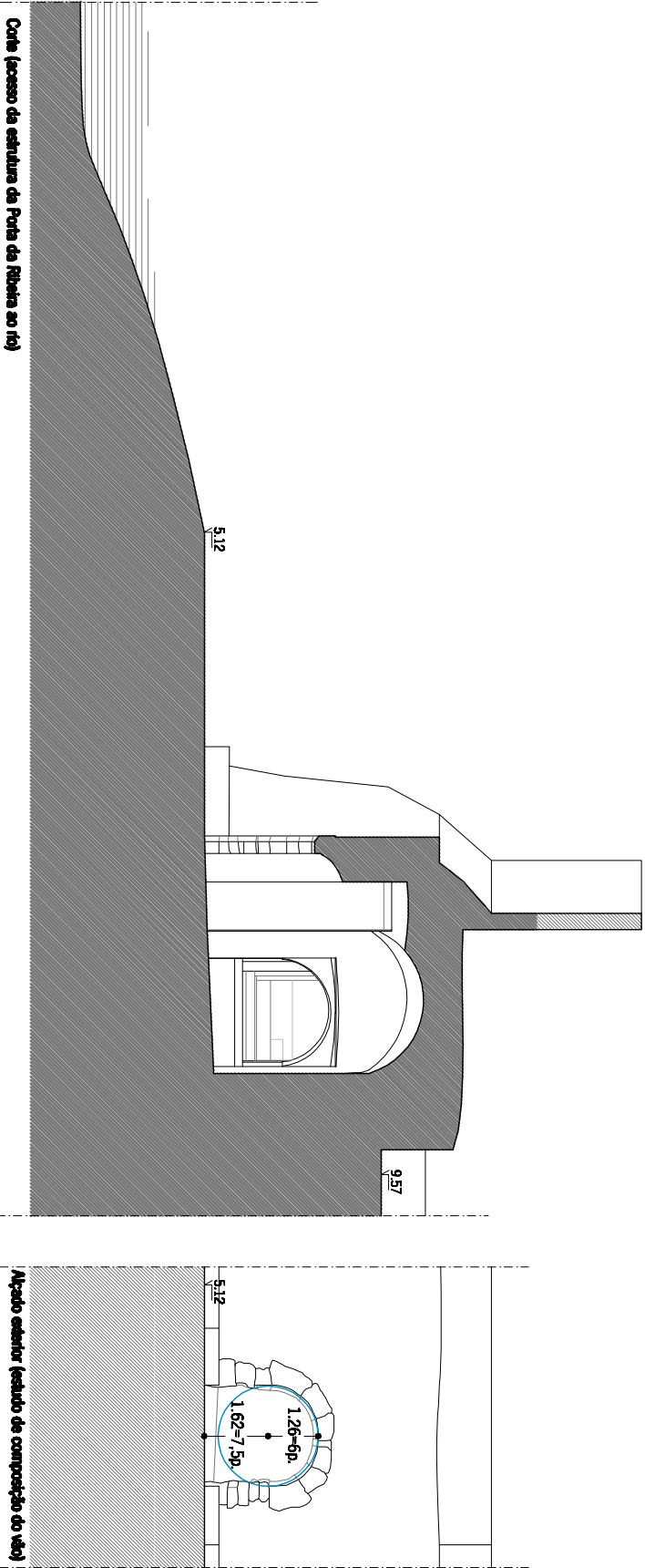
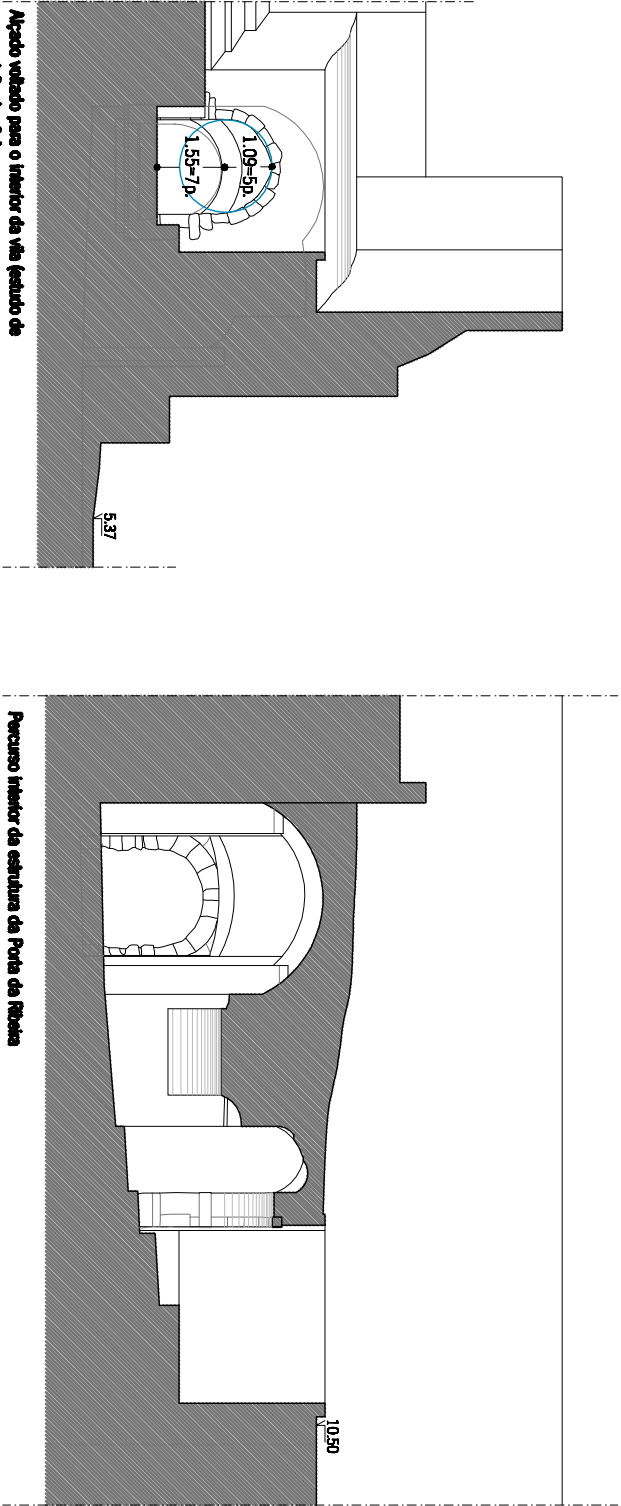
Alçado interior e corte da fachada sul(estudo do sistema possível de gradeamento na porta e traçado do vilo interior))

0 5 m

ANEXO I – Desenhos de levantamento e análise da Porta da Ribeira

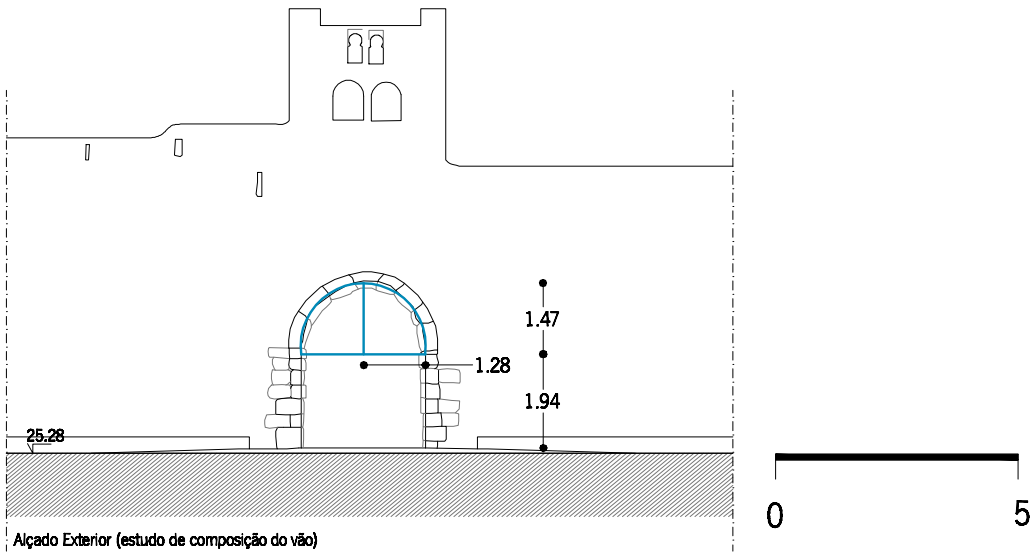
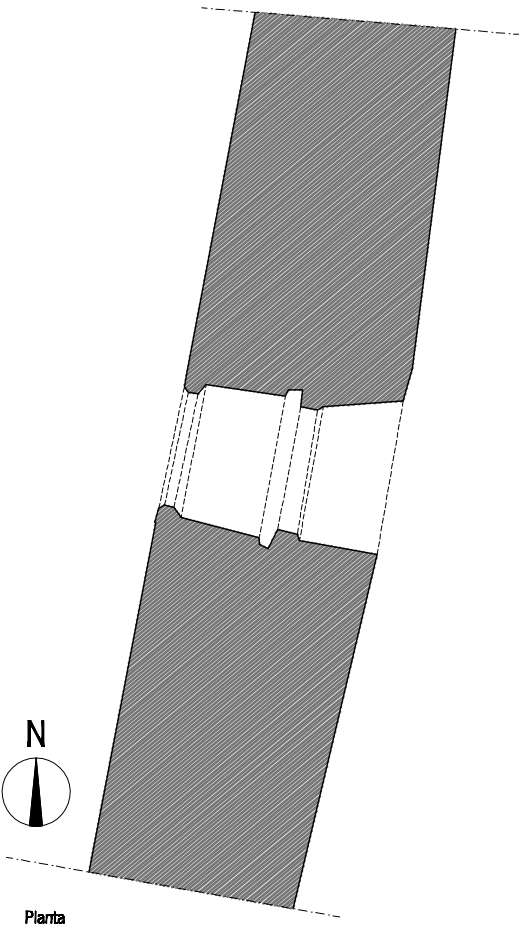
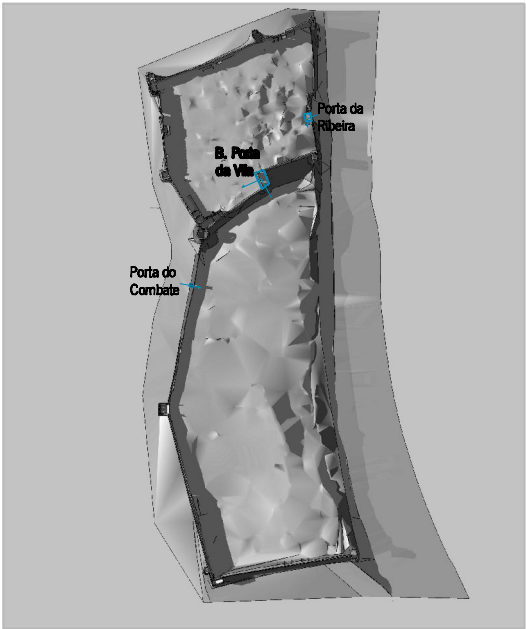
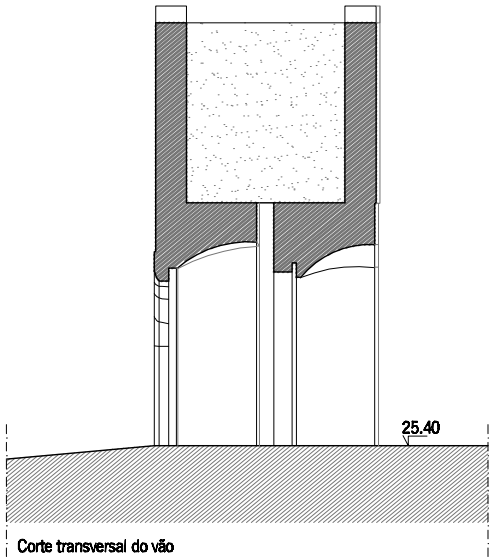


Planta da estrutura da Porta da Ribeira



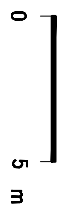
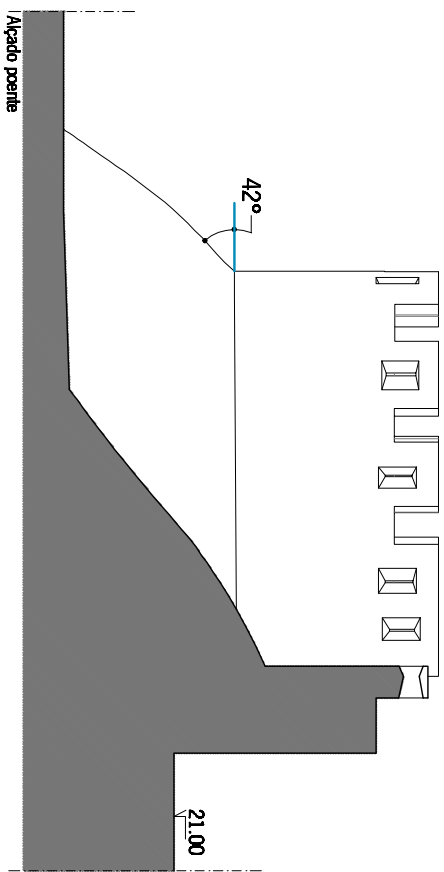
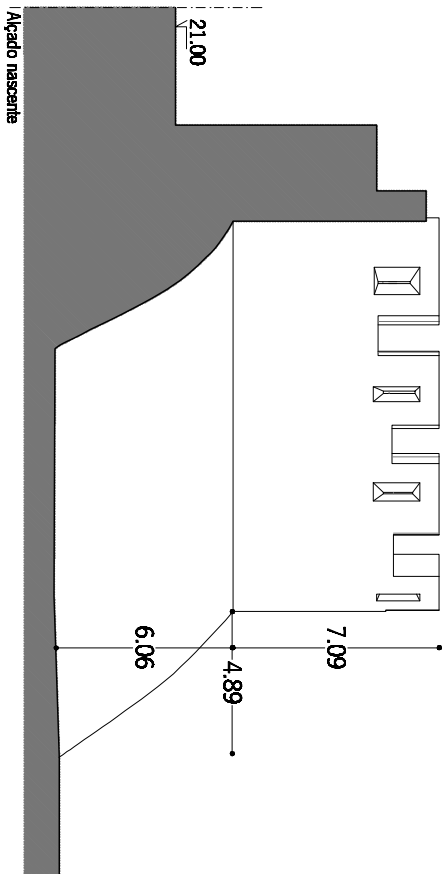
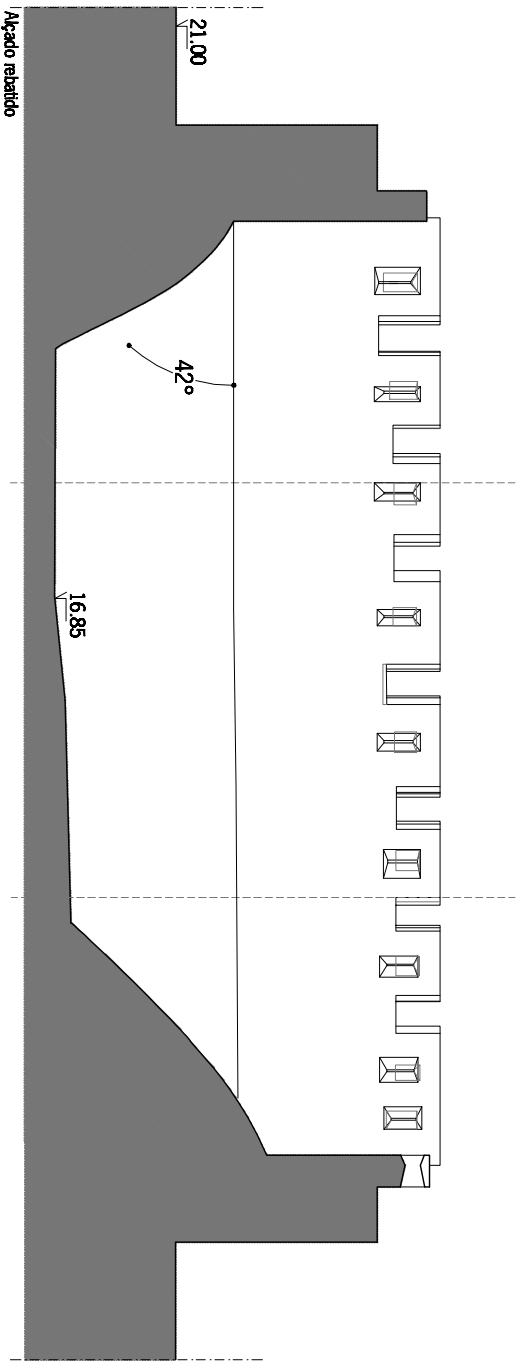
Alçados e cortes da estrutura da Porta da Ribeira

ANEXO J – Desenhos de levantamento e análise da Porta da do Combate, actual Bab el Medina (Porta da Cidade)

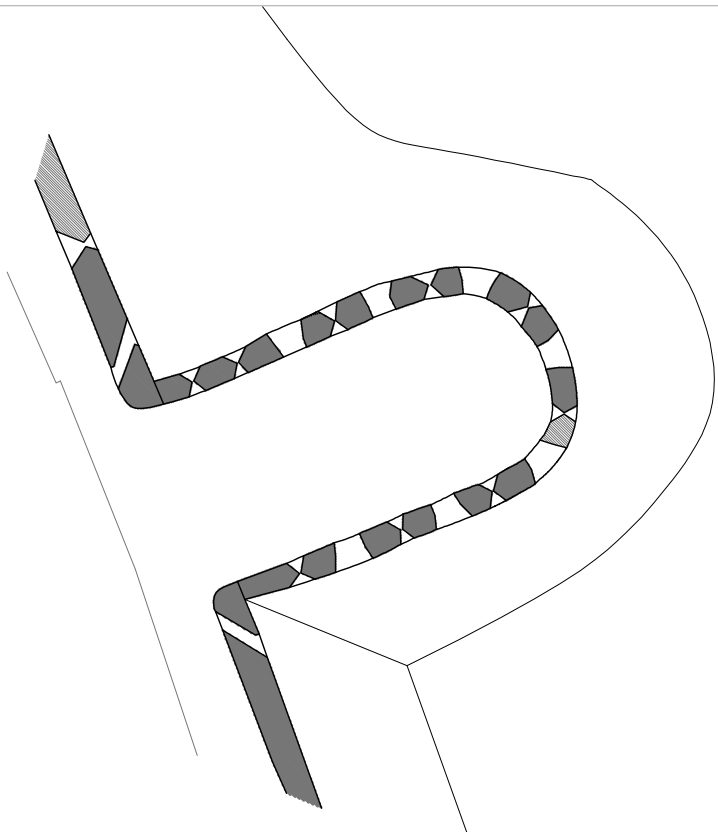


Corte, alçado e planta da Porta do Combate (e desenho de enquadramento)

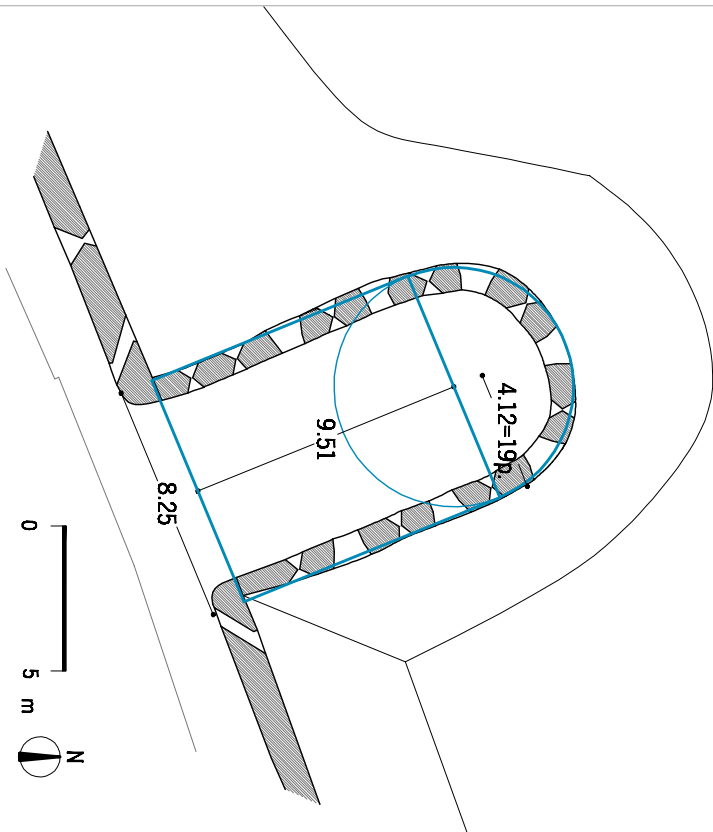
ANEXO K – Desenhos de levantamento e análise do Baluarte N



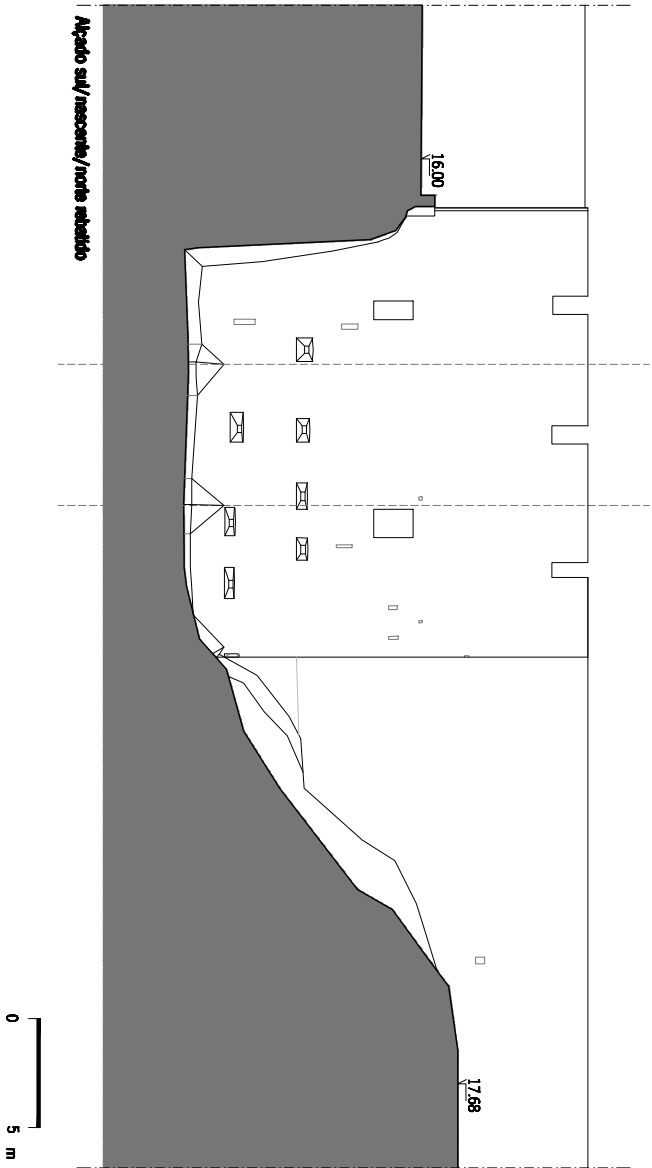
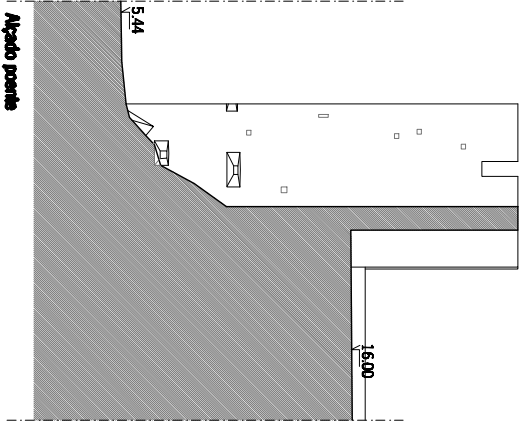
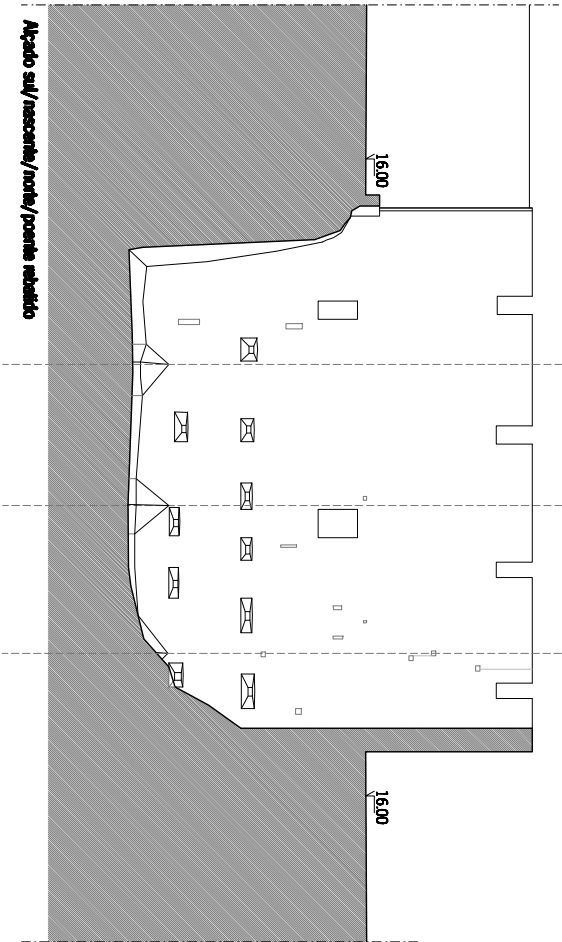
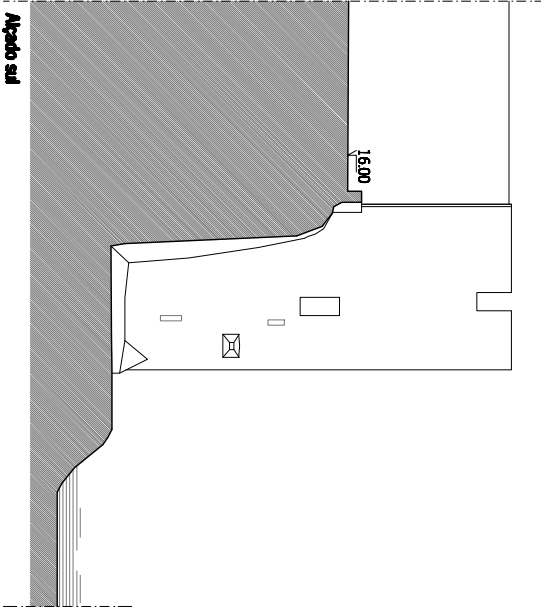
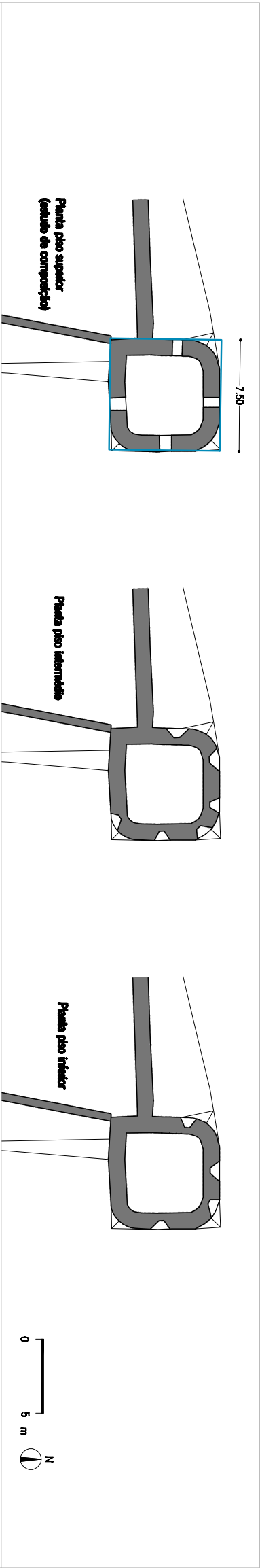
Planta da cota superior (levantamento)



Planta da cota superior (estudo de composição)

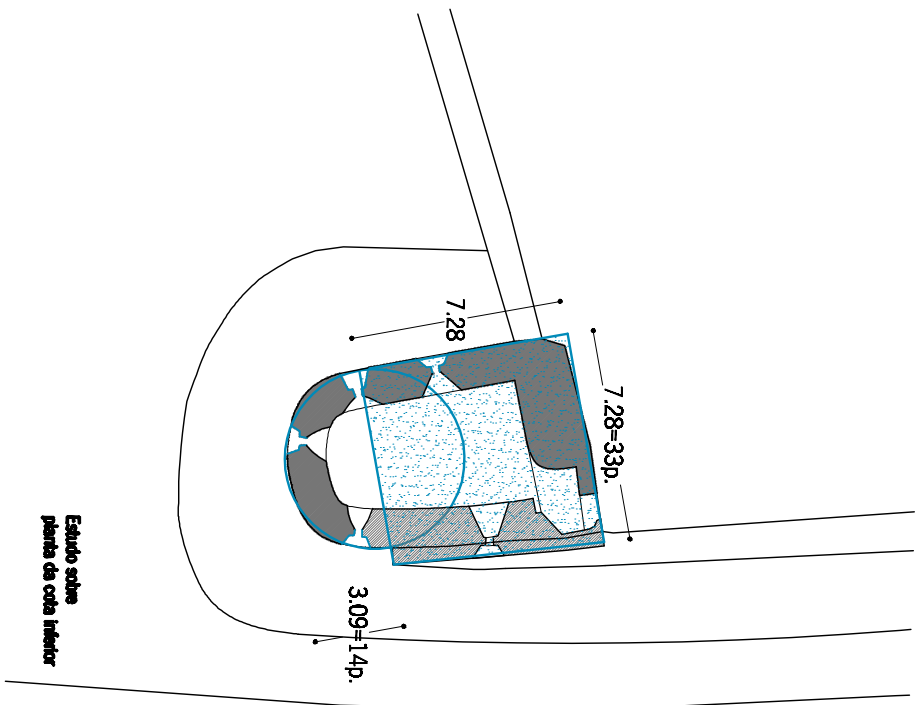
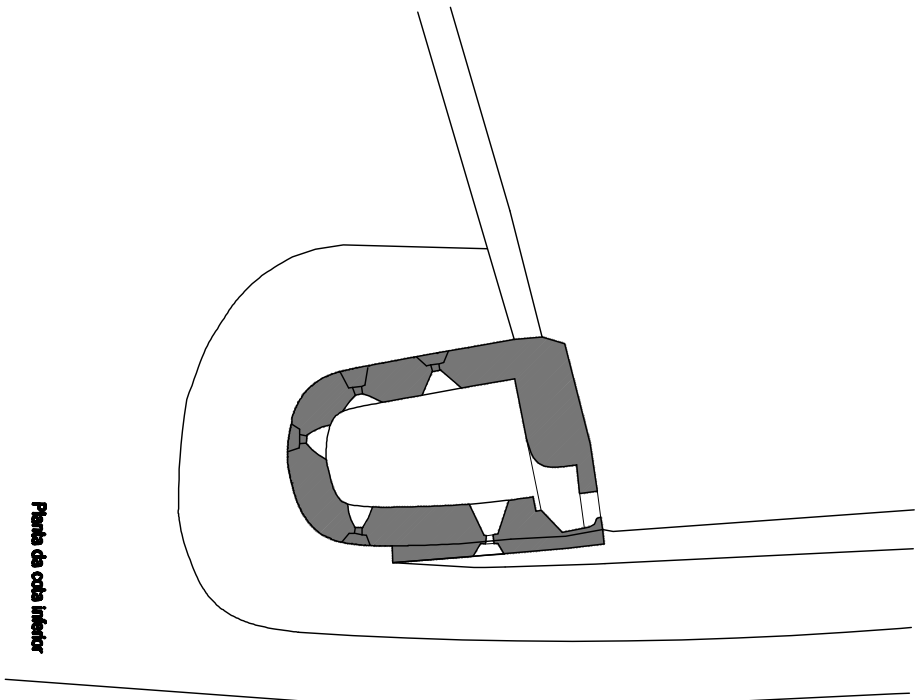
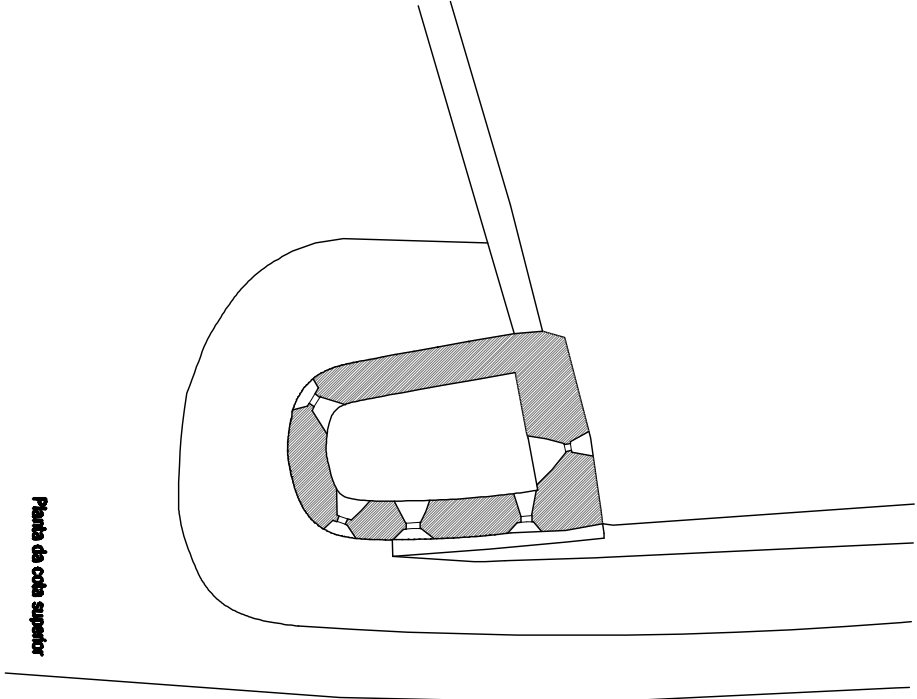


ANEXO L – Desenhos de levantamento e análise do Torre NE

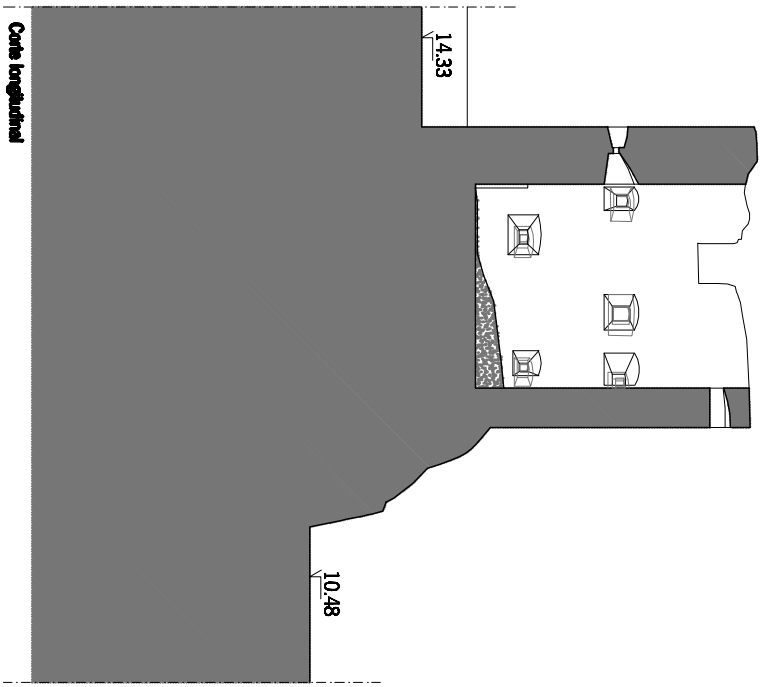
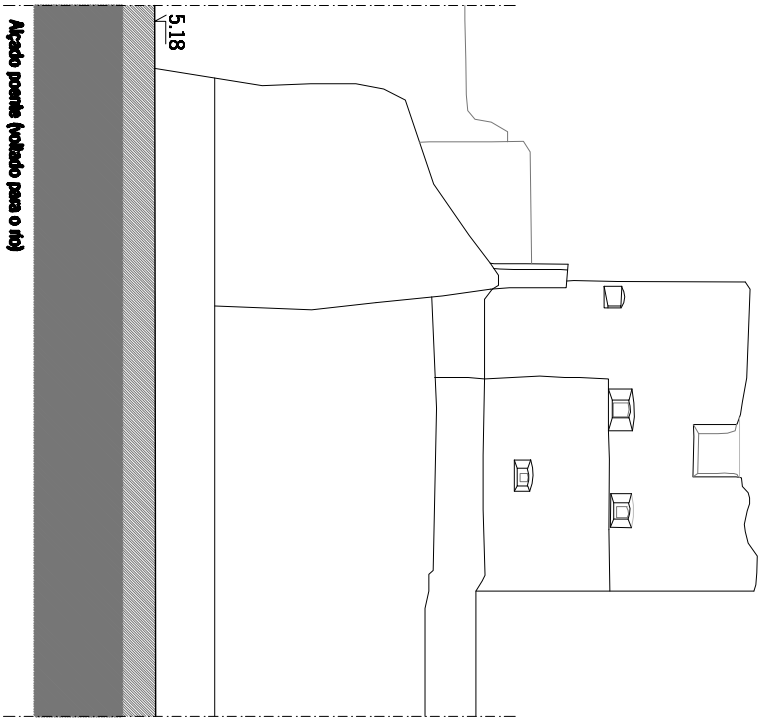
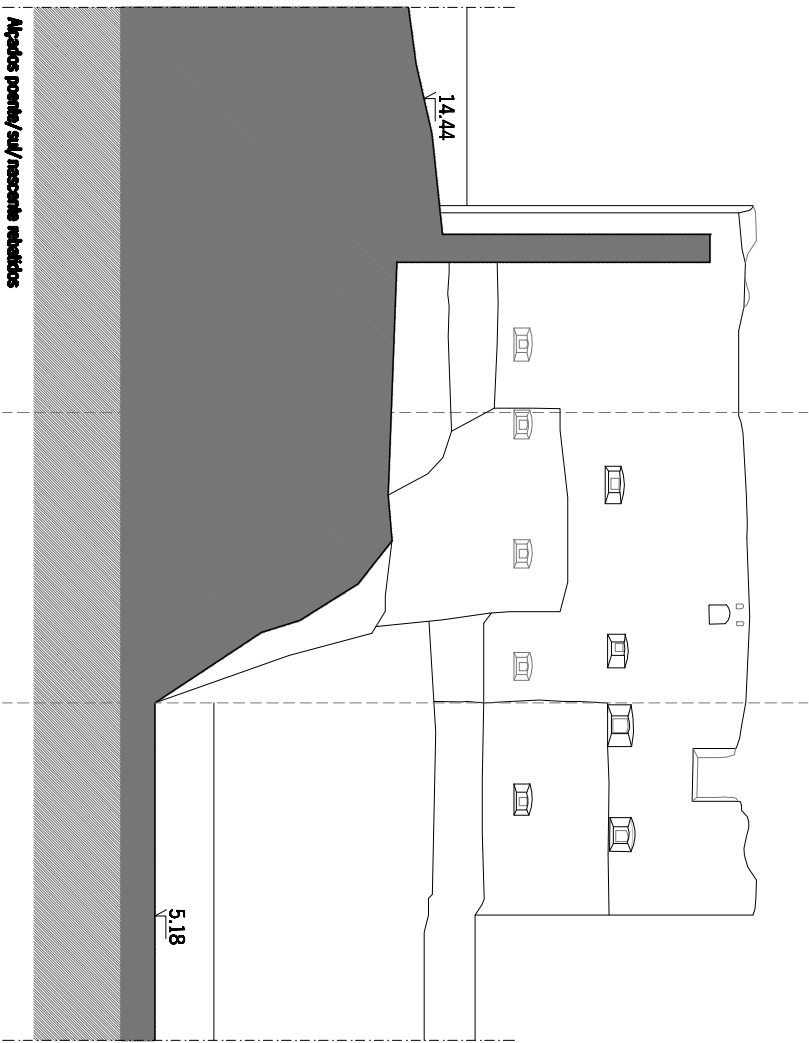
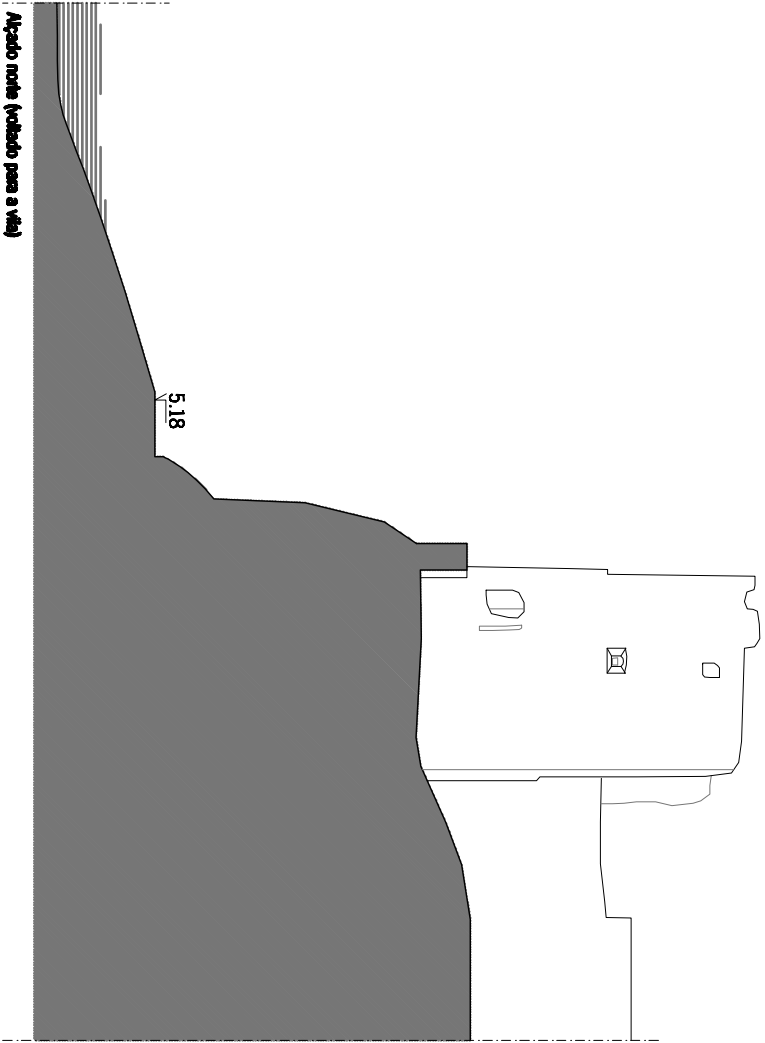


-Plantas e Alçados da Torre NE (levantamento e estudo)

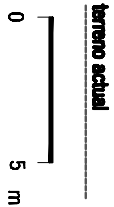
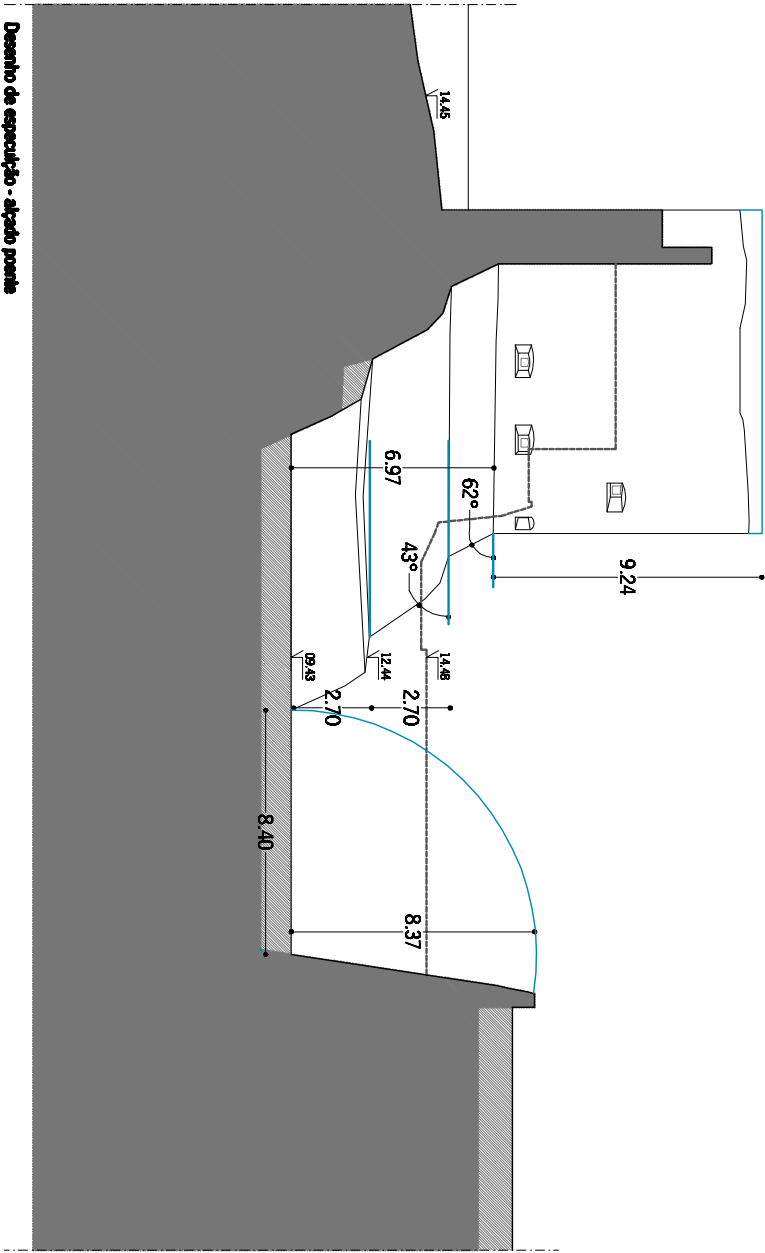
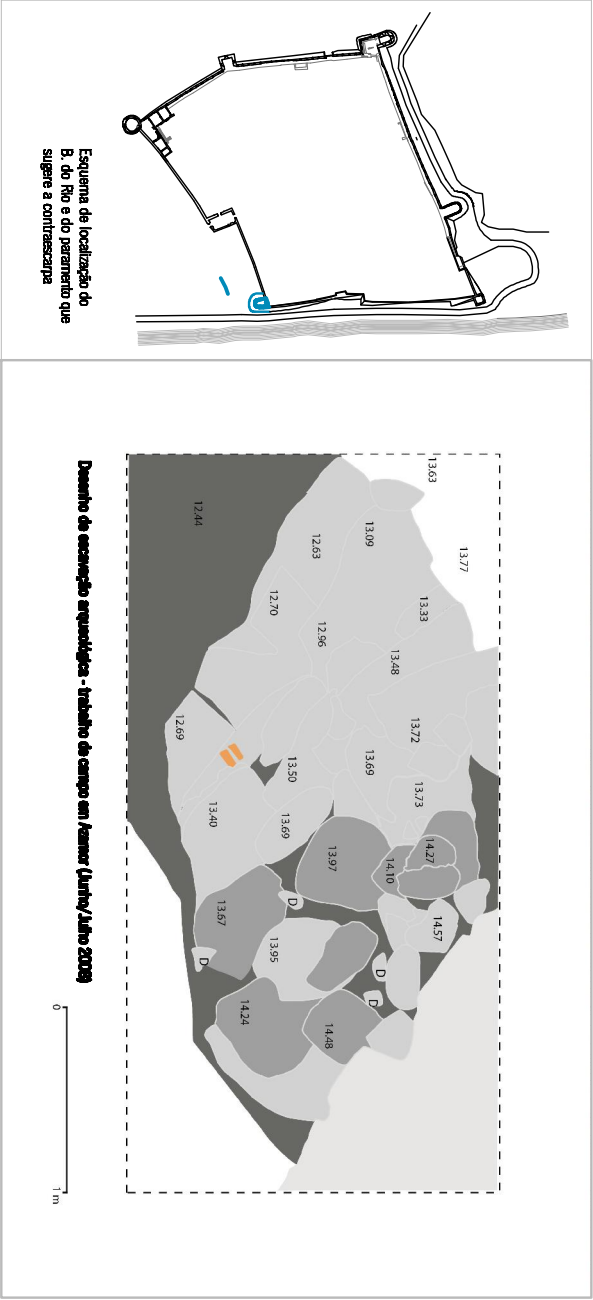
ANEXO M – Desenhos de levantamento, análise e especulação do Baluarte do Rio



-Plantas da estrutura do Baluarte do Rio (levantamento e especulação)

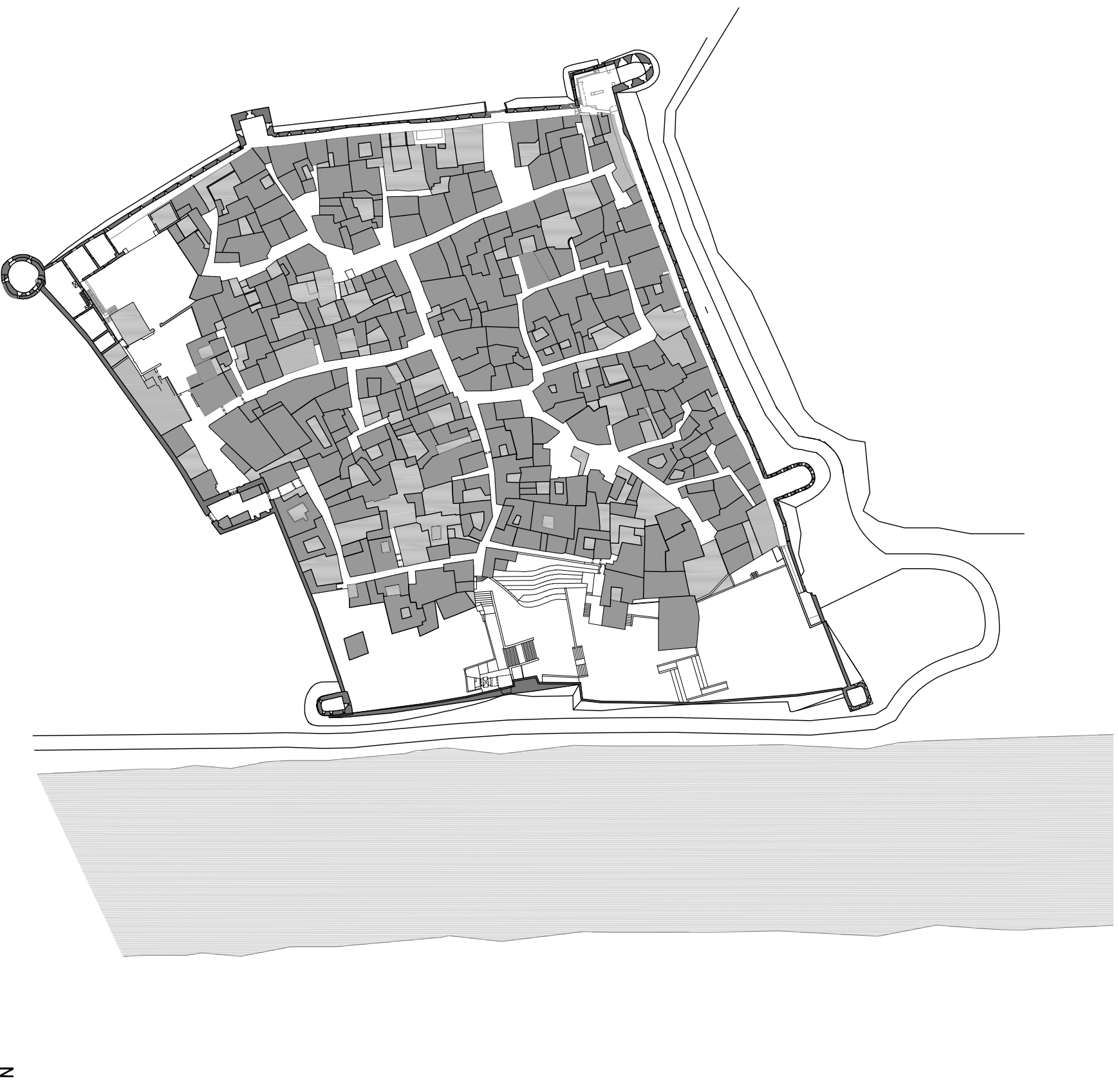


-Alçados e Corte da estrutura do Baluarte do Rio

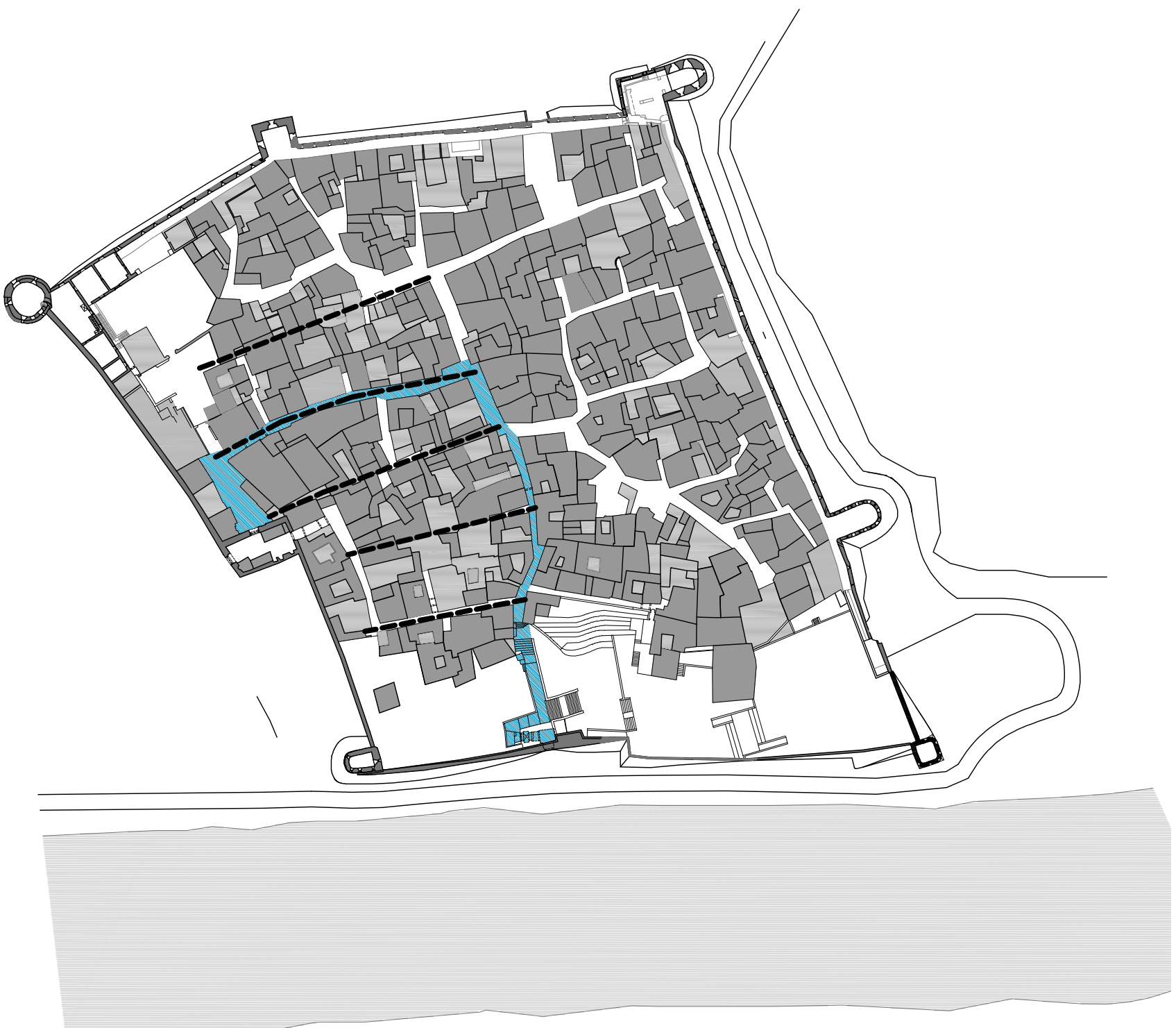


-Desenho de especulação sobre alçado poente - sugestão do traçado da cava

ANEXO N – Desenhos de levantamento, análise e especulação da vila portuguesa em Azamor

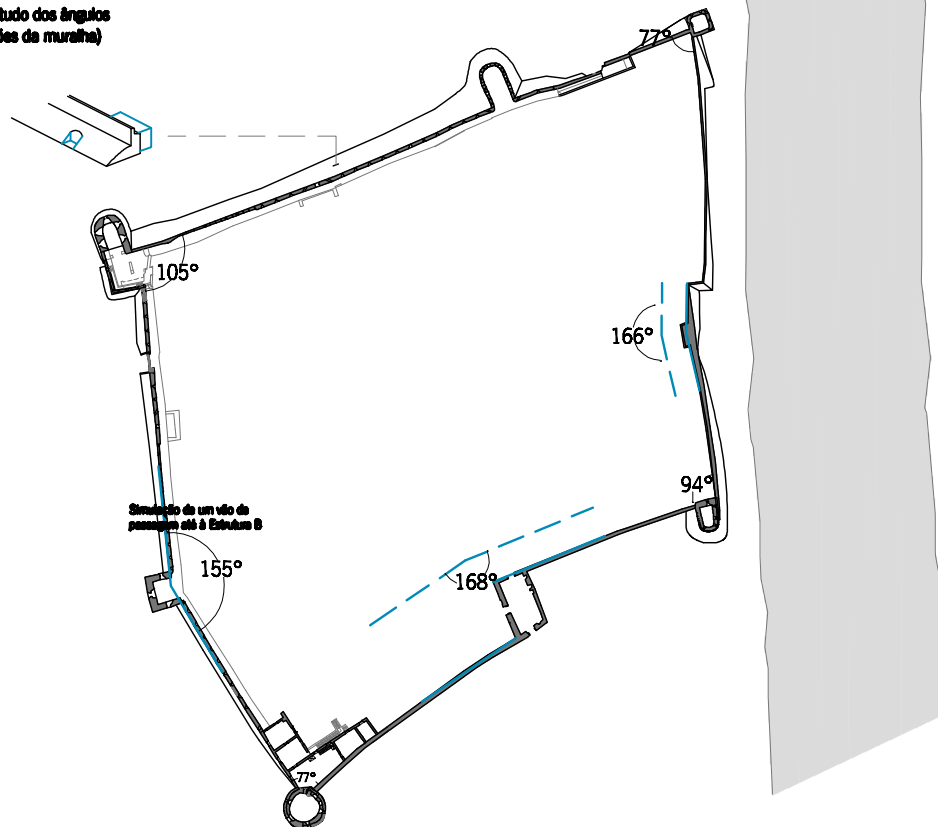


-Azamor. Levantamento do actual bairro Kasbah/Mellah (antigo Castelo português)

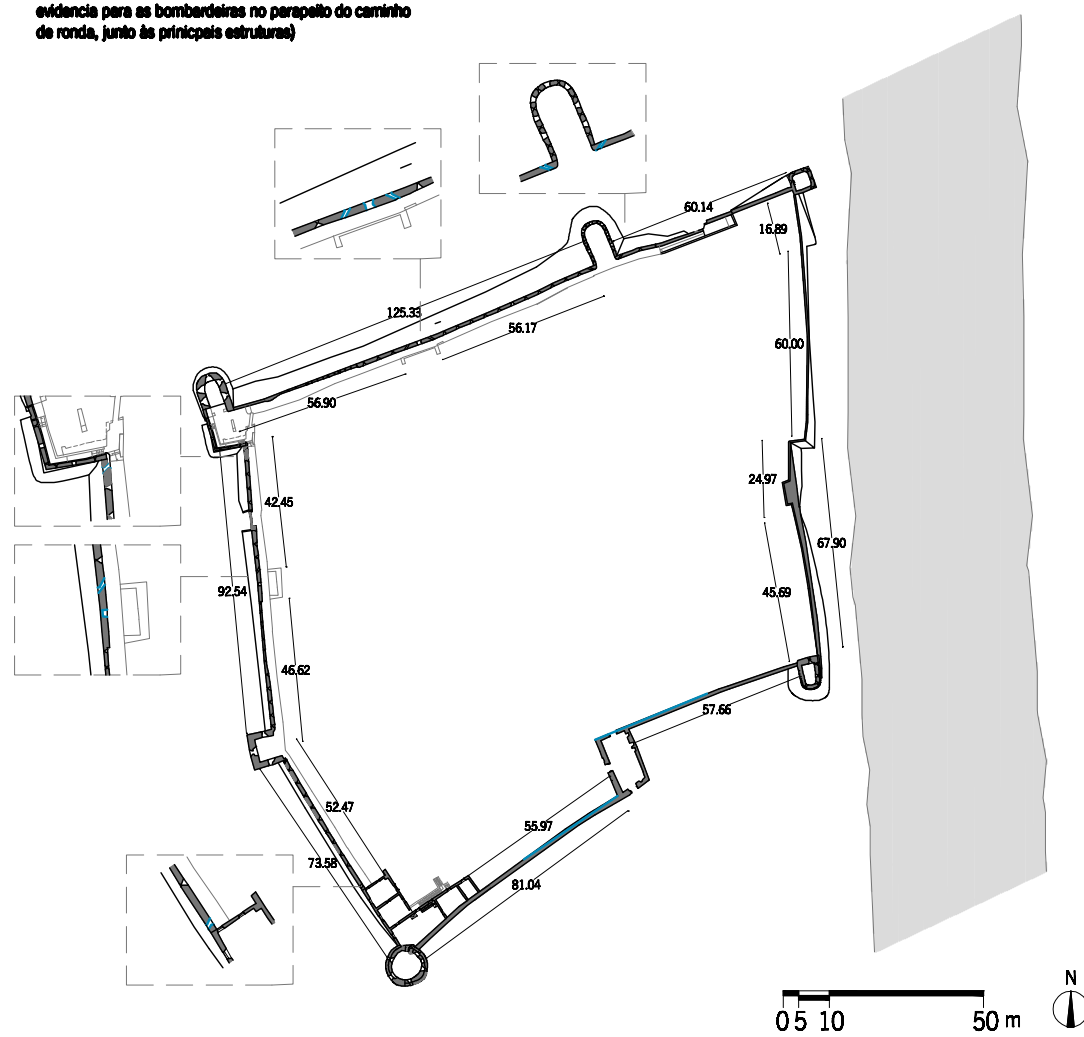


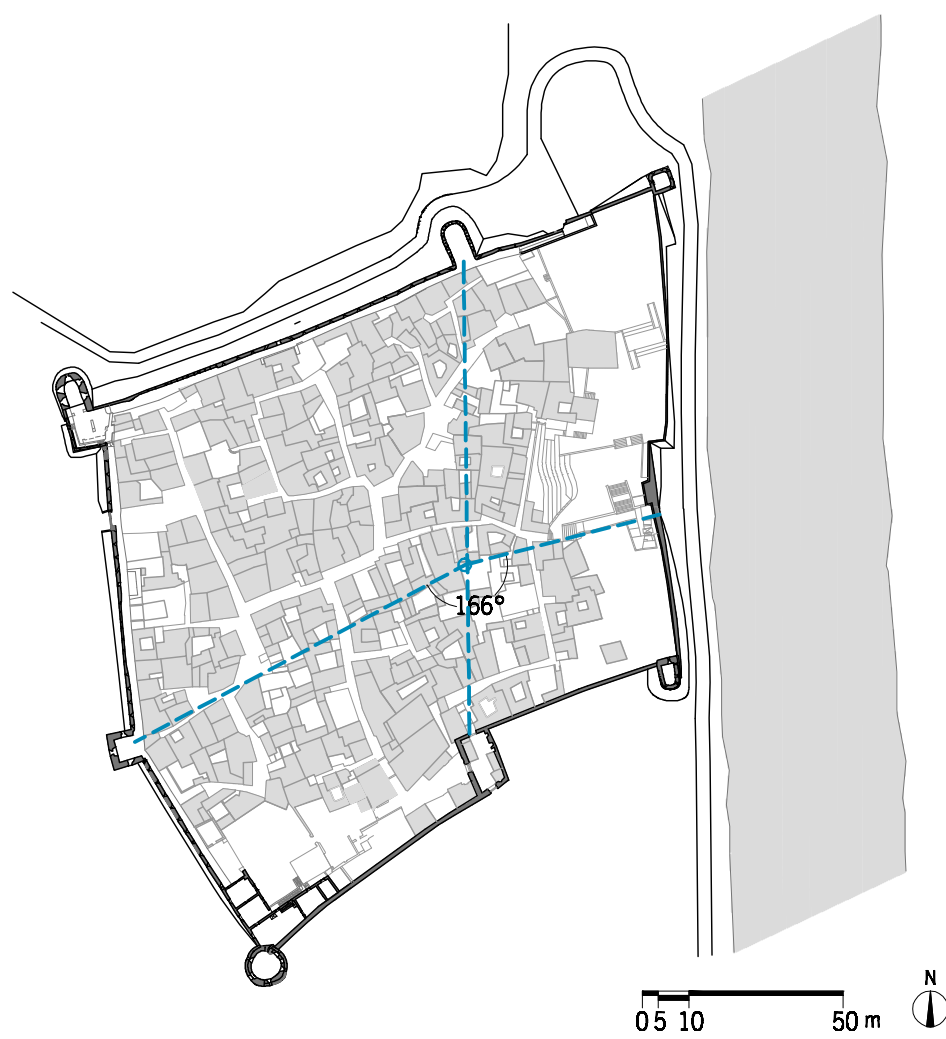
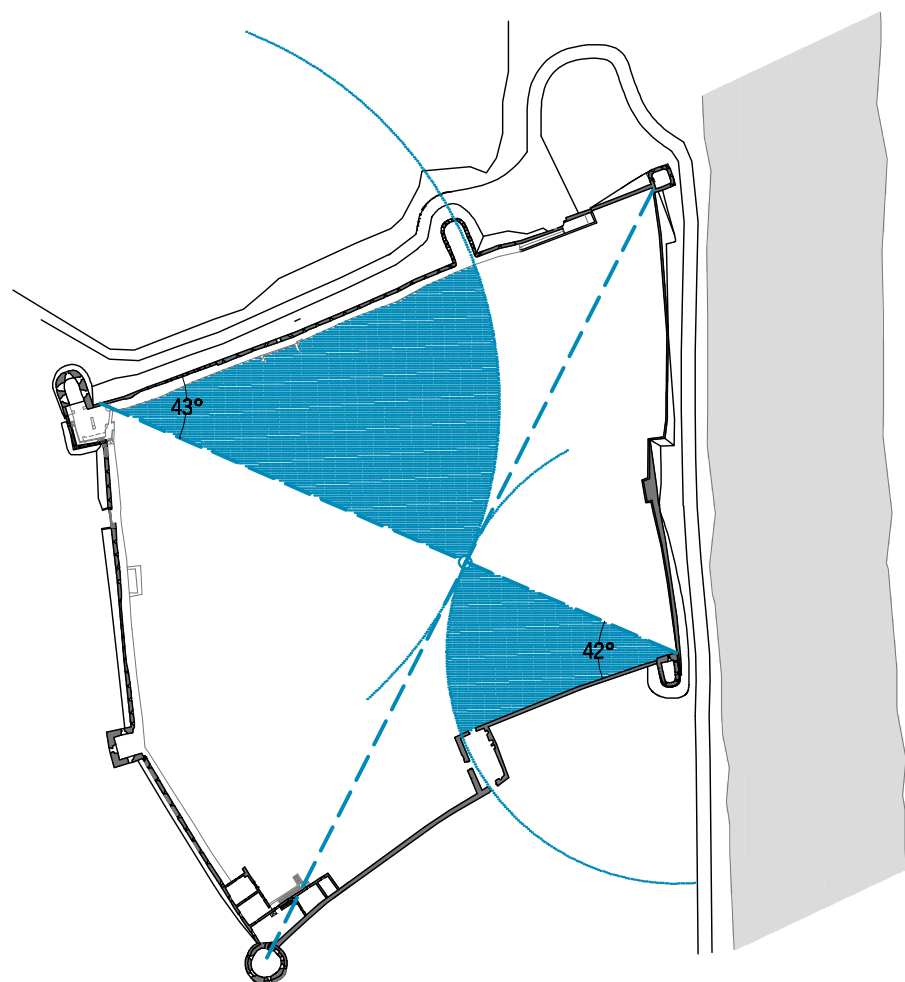
-Azamor. Planta dos actual bairro Kasbah/Mallah (antigo Castelo português) evidenciando a Rua Direita e os paralelismos entre os outros arruamentos

Planta (estudo dos ângulos nas inflexões da muralha)

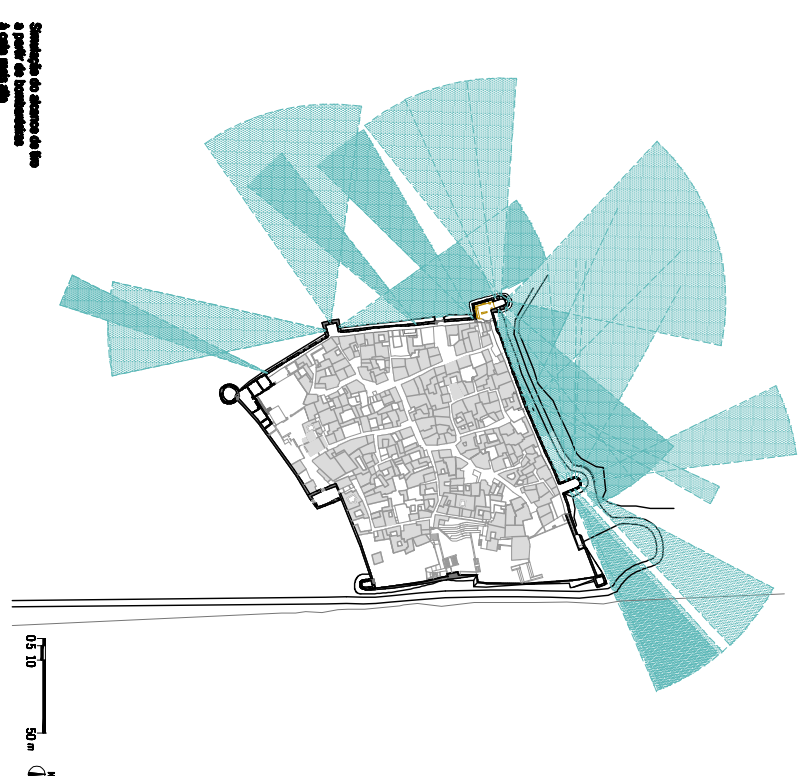
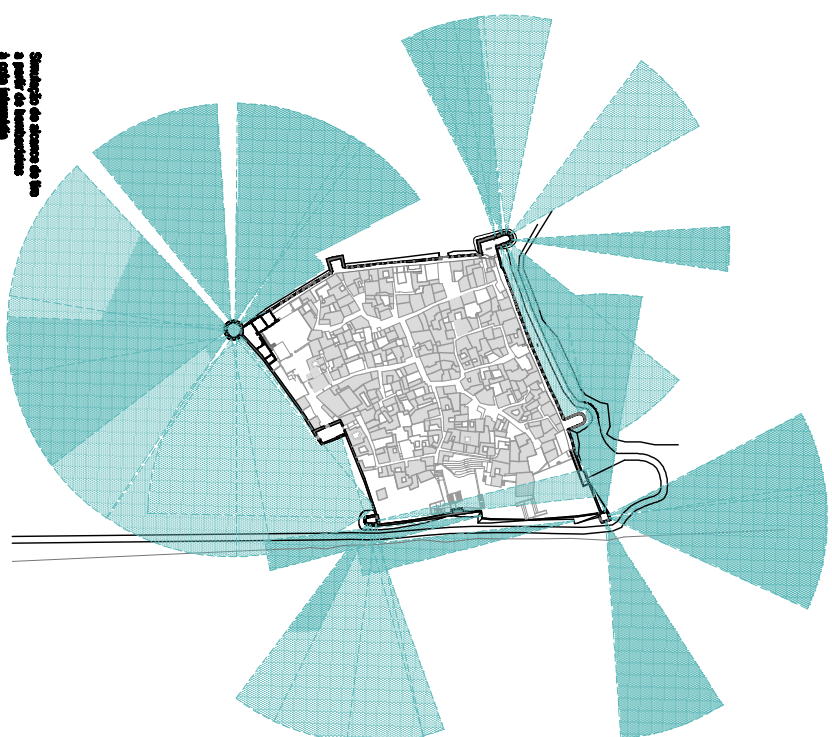
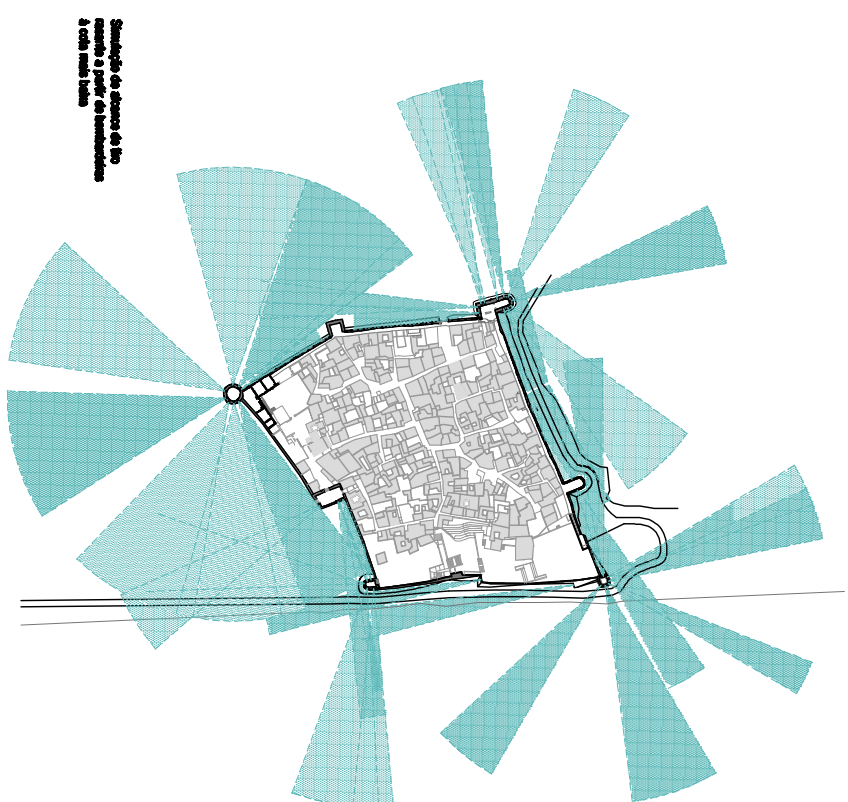
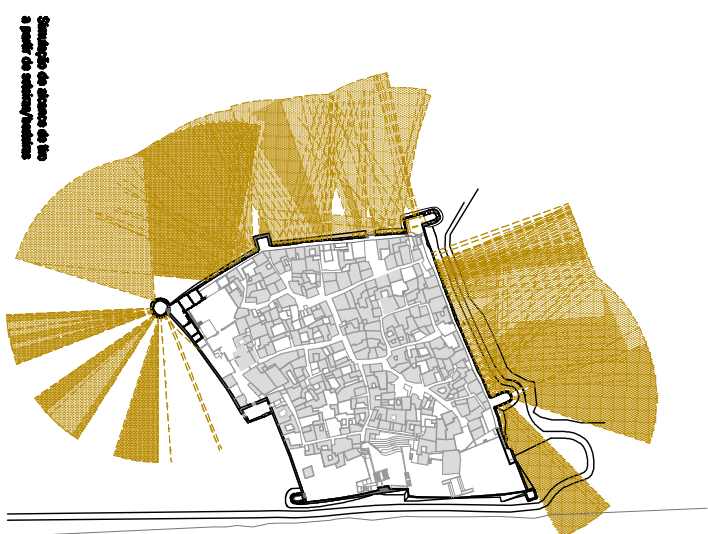


Planta (estudo das distâncias entre estruturas militares; evidência para as bombardeiras no parapeito do caminho de ronda, junto às principais estruturas)

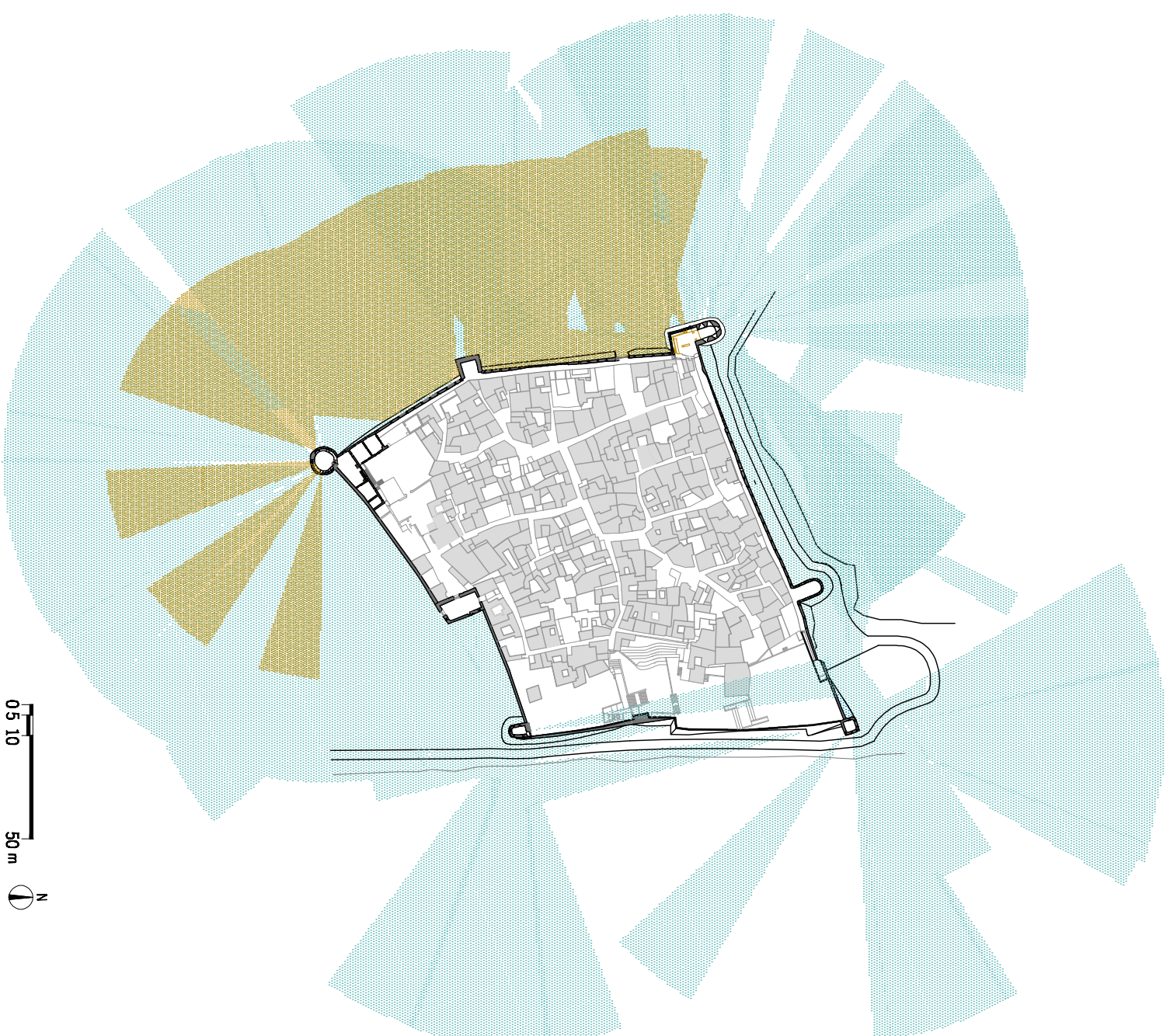




-Azamor. Planta dos actual bairro Kasbah/Mallah (antigo Castelo português). Estudo de traçados e interligações entre a cerca e o espaço urbano



-Azamor. Simulações do alcance de fogo (bombardeiras e seiteiras/besteiras) na capacidade máxima para cada nível



-Azamor. Simulações do alcance de tiro combinado entre os vários tipos e cotas de lançamento (bombardeiras e seteiras/besteiras)

ANEXO O

Carta de Rui Barreto a D. Manuel I

Azamor – 21 de Fevereiro de 1514

Estevam Rodriguez Berrio chegou a esta cidade a oyto dias do mes de fevereiro, com recado de Vosa Alteza a Dom Joam que se fosse e que me deixasse trezentas lanças e trezentos besteiros e cem espingardeiros. E, porque Dom Joam dizia que Vosa Alteza lhe espreve que esta jente me leixe, depois de toda ser despidida; fazendo fundamento d'estar atee derradeira embarquaçam, e mais que ho castelo nom era ainda forte que Vosa Alteza o mandava a ese, fazendo fundamento que estava jaa acabado, de que me muyto espantey, porque atee este rrecado de Vosa Alteza nunca me dizia ssenam que sse avia d'ir loguo, porque nom era qua necessario e que asy o pedia a Vosa Alteza em suas cartas.

E mais, com ssuas doenças, nom estava em disposyçam pera fazer nada, como de feito, numqua sse com esta gente bolio atee huua legoa da cidade, sse nom agora que fomos dar n'huas aldeas, como elle a Vosa Alteza esprevera mais largamente; e nom ssey sse diraa, sse eu nom fora, que de tres legoas o quiseram fazer correr a ellas, duas oras ante soll posto, ssem saberem onde eram. Deos me nom faça bem, se a jente ssoltaram d'aquela maneira, sse ao outro dia poderam achar a meetade d'ela: onde alguas pessoas lhe disseram que eu lhe dizia aquilo por elle perder aquela honrra; e ainda que lhe isto digam e outras cousas muitas, quando se ele acha tenpos, numqua pñoe pedra em nada sse nom por meu parecer. Aquela tarde, depois de per meu conselho elle nom soltar a jente, preguntou que me parecia. Eu lhe disse que, pois jaa hy estavamos e nom eramos sentidos e as aldeas nom podiam ser sse nom muy acerqua, como saisse a luua, mandase velas, esse nom fossemos sentidos, como de rrezam ho parecia, nom podiamos leixar de as tomar anbas, e que eu tomaria carrguo d'aquilo em que parecesse que mais podia aproveitar naquele feitio. Ficamos nisso; como saio a luua, levantamo-nos, começamos d'andar. Pedi-me que tomasse carregio da jente toda, porque elle nom tem condiçam pera mamdar vinte de cavalo. O que eu fiz por sse nom hyr tudo a perder mais que por folgar de tomar ssem muytas paixões, como Vosa Alteza ho pode

preguntar. A quall jente eu tive e levey em tanto concerto que par nossa parte nom falleceo hua palha par fazer, nom tam ssoomente teelas condiçõoes e pressunçõoes d'esta jente era necessario Vosa Alteza ser pressente, mas ainda porque Joam da Silva avia de correr diante. Hiam todos tam alvoraçados a quem hiria primeiro: que nom avia hy rremedio de os poder teer, que me foy necesario nesta pressa asacar a Aires Telez e a Dom Bernaldo e a Dom Francisco que nos chamava Dom Joam laa diante, e, como estes foram fora da sua gente, pedy a Joam da Sylva e ao capitam da Ilha e a Dom Garcia que ajudasse a teer a jente e asy a tive. Deran-sse na dianteira tanto a vagar por onde chegamos a oras e em tam maaõ concerto que sse foram Mouros. Ssoomente tomamos duzentas e sassenta almas, com que me nom pessou, porque melhor estaram aquelas aldeas de paazes e pagaram trebuto a Vosa Alteza que destruidas.

Da tornada, Senhor, que tornamos, faley a Dom Joam, pressente Joam Ssoarez que lhe pedia que holhasse bem quam pouca necessydade avia d'ele aquy estarm e quamtas perdas recebia esta cidade, e quam pouco era serviço de Vosa Alteza dous capitãaes nhua parede; que bem sabia que sse quisesse catar rrazõoes pera estar aquy. Nom dizia elle; mas eu, que sabia bem pouco sse quisesse catar achaques e dar-lhe entendimentos as cartas de Vosa Alteza, nenhua cousa poode vir tam decrarada que lhe nom achem rrezõoes pera o que homem quiser fazer; e e que eu nom lhe achava nenhua pera sse elle nom hyr sse nom nom abastar minha pessoa pera ficar em guarda d'esta cidade antes de ficar este castelo de todo forte; pois despidia a jente, em ssua pessoa ssoo parecia que estava a nosa necessydade; que lhe pedia por mercee que holhasse bem tudo, porque elle bem sabia que eu era homem que abastaria pera outro maior carreguo qu'este, porque millhor, seria hyr elle nesta primeira embarquaçam pera Vosa Alteza por elle saber as cousas d'esta cidade e se ssera vosso serviço leixar mais jente nela, em quanto a Enxovia sse nom detrimina, o que Vosa Alteza nom podera fazer, ss'ele levar a jente toda diante ssobre sua ida.

Pasamos muitas praticas sendo Joam Ssoarez a isto pressente, que pera isto chamey. A que me rrespondeo que lhe parecia rrezam tudo ho que eu dizia e que asy ho queria fazer. Faço saber a Vosa Alteza como isto passa. Nom ssey sse em suas cartas dara outro jeito pera que fure isto per outra parte. Vosa Alteza aja por certo que eu ey jaa de sofrer tudo o que me Dom Joam dizer e tudo o que me, Senhor, quiserdes fazer, pois a isso me despus. Certefico a Vosa Alteza que, por nenhum bem do mundo, o fizera nem o quisera ter feito, sse nom fora

ver o Duque doente partir-sse e Dom Joam dizer que, sse lhe nom deixavam o carreguo tam inteiro como ho Duque, que sse hyria. Deixo isto, Senhor, pera em algum tempo lhe eu dizer quanto nisto vos servy, e que neste trato sam pasadas cousas que as lagrimas apunhadas me tem saltado pelos holhos muitas vezes.

Ssamente quero falar na maneira de que esta terra estaa, pera que Vosa Alteza ssaiba ho que compre a sseu serviço e d'ahy avamte mande o que lhe parecer. A Enxouvia, Senhor, me parece que sse faraa de paazes, ainda que nom queira; laa sabem ter ssuas maneiras que lhe fundem mais que he rrezzam, por hum pouco nos avermos com elles mais cortesmente do que a nossa força demanda. Jente estamos aquy pera, bem mandada e bem hordenada, hyrmos a Çalee; e, asy como estaa, Deos me nam faça bem sse he pera cometer com ela cousa que antes nom cometesse com quatrocentas lamças concertadas como ham de ser. Esta culpa he de Vosa Alteza, porue Dom Joam nom negua que nom tem condiçam pera mandar gente pera outras cousas. He o mais espiciall homem que ha no mundo, e outros, que nam sam pera o que elle he, seram pera isto. Certo, Senhor, esta gente hyra a Marrocos, como elle diz que quer fazer, mas pera isso he necessario mandar Vosa Alteza de la quem a mande e a governe, porque cetefico a Vosa Alteza que aquele pedaço de tempo que aly teve carreguo de a levar, eu vy bem que a culpa de nom serem hordenados nom he neles. Isto diguo, nom deixando de me lenbrar que Vosa Alteza podera cuidar que parte d'este parecer meu fara meu descontentamento de ssua estada aquy. Nom olhe Vosa Alteza a isso; pregunte que homens tendes qua que vos diriam a verdade.

Quanto, Senhor, as nosas paazes, as arrafeens que tem dadas sam filhos d'omens baixos e nenhua d'omem principall, pagadas por ovelhas e vacas a seus paays. Fez-sse asy na primeira, por hua vez começarem de gostar de nos e nom fazerem de ssy outros partidos que nom fosem vosso serviço que estem hum pouco mal inssynados, e mingoa d'alguum pequeno de castiguo, por nom quererem guardar ho que comiguo e cam Pero Correa asentaram. Estam porem tam meus amigos todos estes xeques que creo que, toda cousa que por vosso serviço lhe mandar, a faram, se a força d'aquy nom for tam pouca que hos faça mudar em outra maneira. Por isso, nom deve Vosa Alteza d'apertar tanto a mão na jente por huuns dias, porque Çafim tem quatrocentas lamças e parece-lhe que estaa ssou, tendo-nos diante. Tomara Vosa Alteza Çalee e nom averes qua mester nenhua jente. Pois ista ha de ser por poucas dias, nom aja Vosa Alteza por mall gastado ho que aquy for necesario. Agora eu ey

por certo que, sse Vosa Alteza visse esta terra, que huum ssoo dia que estivesse em Lixboa e em Portugall averia por mall gastada; quanta mais, pela ssegurar e asentar, alargar mais alguma cousam que nom pareça que ficamos horfãaaos, porque, tirando os olhos de duas mill lanças e em tanta jente de pee, como agora aquy esteve, que pareceram trezentas lanças!

Azamor, Senhor, nom he o que nos parecya, porque em ssua tomada sse descobrio el rrey de Fez nom poder viver; porque, tomando Çalee, ficara esta jente toda, asy a Enxoviia como istoutra, pera cam ella e muy pouca da nossa Vosa Alteza mandar a Fez se quiser. Marrocos, que pode fazer de ssy, ssenom estar a ordenança de Vosa Alteza?

Os trebutos, que agora pagam nom vem a conto, porque sseram aqueles que lhe Vosa Alteza hordenar, pois a jente he tanta que ssoo hua alheela d'Oley de Farax, que he a mais pequena que a nesta terra, he mais pera ver que Lisboa, quando a cafila d'eles vem com lenha pera os fornos de call.

Nam tomando Vosa Alteza Çalee, as cousas de ssua vinda parecem moodos pera deteer a Enxoviia e alvaraçar estes nossos Alarves, como de feito faz. Porem esta bulrra nom pode muito durar; e porem, quanto ella asy anda, nom deve Vosa Alteza d'aver por mall enpregado algum mais gato do que parecera necesario a quem nom vee as cousas de qua porque tall mercadaria com esta, deve-sse, ssempre de ssegurar.

Eu creo, Senhor, sse Vosa Alteza visse o que qua tem , que teeria d'isso tanto gosto e contentamento que ho quereria antes soster com hua capa de pardo, que com todos los brocados do mundo tirar hum ponto do que qua conpre, em casso que isto nom fosse mais que por serviço de Deos e por honrra; quanto mais que, sse isto for granjeado, como ha de ser, eu nom ssey nenhua coussa no mundo que posa vir a ser de mais proveito que o d'esta terra, depois que for asentada, como de rrezam nom poode leixar de ser. Aquy, Senhor, nom avees de teer gastos de jente que vos ajam qua de matar nem cativar, antes esta terra ha de fazer muitos ricos e o reino muito abastado. E nom duvidareys, antes de pouco tenpo, sse a Vosa Alteza cunprir, tirardes d'aquy com os capitaaes d'estes lugares dous mill de cavalo mouros e mais, pera vos irem laa servir, sse conprir, e os mais valentes homens e despachados e guerreiros que sse poderam achar. Os quaes sam estes d'esta Duquela, o que pera os outros lugares d'alem he pelo contrairo, que vos ssera entam necesario mandardes a elles jente e mantimento, com estes entam acudiram a vossos reinos. Pera quem sse d'isto

espera, devem de ssegurar ssua mercadaria e nom estar Vosa Alteza apertando em mais quatro homensm por quatro dias em que estas cousas todas sse decrararam e acabaram d'asentar estas paazes e as cousas d'esta terra. Sse a Vosa Alteza lhe parecer d'outra maneira, depois de lhe dizer meu parecer, farey o que mais ouver por seu serviço.

Quanto a Vosa Alteza mandar hyr totalas sseis bombardas grossas e toda outra muniçam; ainda que Vosa Alteza digua por quanto a fortaleza jaa ssera forte, ainda que ho ela nom sseja, bem me parece que podemos escussar tres d'elas, as quaes vam com todas as outras cousas que Vosa Alteza manda, tirando algua mais polvora que pareceo necessaria ao Condestabre pera estas bonbardas grosas que ficam. Sse per ventura Vosa Alteza quiser que sse vam depois da cidade forte, sseraa mais no verão e iriam mais sseguras, ainda que eu nom ssey como Vosa Alteza querera tirar de hum baluarte que se faz no canto do castelo da parte de dentro da cidade muy grande e muy fremosso, a que chamam Sam Cristovam, hum par de bonbardas grosas; e ao canto onde o muro da cidade vem entestar, onde foy o combate, se faz outro, a que chamam do Rayo (onde veio cair hum rayo de fogo de ceeo, o dya que combatemos pela menhãa cedo, que verdadeiramente nunca vy maior milagre, e em memoria d'isto lhe pus este nome), tambem muy fremoso, que, com outras duas bonbardas grosas d'aly, aja Vosa Alteza por certo que em toda a cidade, nom podera entrar nenhuma jente com estes dous baluartes, ainda que lhe abram as portas da cidade. E tanto necesario me parecem, que ho capitam que aquy estiver as deve pagar por as nom tirarem d'aquy; pois, pera as verem jente estrangeira, nom sey tracen as em que melhor posam estar, pois guardadas onde as cousas servem, aly as estimam mais.

Quanto he esprever a Vosa Alteza por meudo as cousas que Estevan Rodriguez leva, a Nuno Gato, que ho entrega, dey carregos de ho fazer.

Quanto aos cristãos novos que Vosa Alteza nom ha por seu serviço viverem qua, eu nom tinha mais nesta cidade por vizinhos que atee dez cristãos novos, a saber: hum cerieiro e humm tentureiro e dous alfaiates e humm tosador e humm serralheiro; e este nom he cristão novo n'arte nem no coração, que ho conheço, que hee de Lagoas. Os outros sam mercadores, aos quaes nom dey ssenom chãos pera fazerem cassas e dous ou tres pardieiros; alguns d'eles tem ssuas cassas feitas. Nom me parece que podemos escusar hoficiaes d'estes hofícios, que nom temos cristãos velhos pera estes, deve Vosa Alteza de dar lugar, e mais d'eles foram na tomada d'esta cidade e ficaram loguo aquy. Sse Vosa Alteza

ha por que lhe parece que nom serem qua boons cristaaos por respeito dos Judeus, onde eu estiver, aja Vosa Alteza por certo que ham de, parecer mais que lla, onde noom olhara ninguem por elles. Sse he pela rraçam estarem fora de la, sse Vosa Alteza mandar, nom nos mandey logo Senhor, que he inverno e tem qua ssuas mulheres e mais nom hay embarquaçam pera jente que Vosa Alteza manda hyr. Veja Vosa Alteza sse ha por bem que fiquem e estes hofyciaaes. Como diguo, e os mercatores hyr-sse-am, que hy a cristãaos que traatem, e hoficiaes nom nos temos.

Quanta aos tres moesteiros que Vosa Alteza quer que sse façam cidade, far-sse-a como Vosa Alteza manda mas eu nom sey como podera ser, Senhor, sse nom meteren-sse de cada hordem nuas cassas huum golpe de frades pera andarem toda a noyte pela vila, como agora fazem estes poucos que qua estam; e estes sseram aqueles que em Portugall nom podem estar em ordem. Cassas pera igreja nom ha nenhuas, em feiçam que nom aja mester gastar-sse muito dinheiro nelas. As esmolas de qua sam muy poucas, pois pera Vosa Alteza gastar dinheiro nisso, nom me parece cousa que tanto cumpra, principallmente nestas partes, onde o sseu maior os nunca vee pera correger ssuas dessordes e desconcertos. Pois os capitãaes tem tanto que fazer, que lhe nom deve Vosa Alteza dar trabalho d'entender neles. Parrece-me que nom avera mester nesta cidade outra guerra, sse nom a que eles faram. E mais cassas em que pousa Dom Francisco, que estavam hordenadas pera huum moesteiro, manda-as Vossalteza agora tomar per alfandegua; e eu tinh'as dadas a Nuno Gato per carta, sse nom ouvessem de ser moesteiro, estando aqui quatro annos primeiro, porque com esta condiçam dou as cassas. Veja Vosa Alteza bem ssobre estes moesteiros, sse sse ham de fazer todos tres, e mande dar maneira de como sse façam, pera os fraades andarem soltos pela cidade, ssem cousa azada em que sse rrecolham, sseraa huua desordem muy grande. Depois da cidade ser atalhada ou aver de ficar toda como Vosa Alteza ordenar, e depois de tudo asentado, entam devia Vosa Alteza ordenar os moesteiros, ssegundo a gente nela vivesse. Decraradamente me mande Vossalteza dizer o que ha por serviço de Deos e vosso neste casso, porque a minha tençam era huum moesteiro de Santo Agostinho, pois he naturall d'esta terra, laa perto d'alcaçova, nua mezquita que hy estaa; e isto abastava com a see. Ssera necesario, sse hy ouver tantos moesteiros, nom ser tan bem provida, e ela he hua peça muyto espiciall e tem necessarydade de corregimento de muytas cousas. Por enxemplo, Senhor, teemos que a cera ssobeja queima a igreja.

Quanto as cassas que Vosa Alteza manda que sse façam no castelo, sse me parecer bem ssera muy bom fazerem-sse; mas ainda ninguem no cometer quera hy fazer nada, sse nom Dioguo d'Arruda, que me disse que queria hy tomar hum chãao pera fazer huas cassas. Poderam dentro, Senhor, viver trinta moradores; depois do castelo acabado; que antes d'ysso nom sse podera fazer. Darey chãaos aos que quiserem fazer hobra dentro, ainda que nisto nom sse devia de fazer nada, atee Vosa Alteza nom detriminar o atalho ou de que maneira esta cidade ha de ficar. Como as ocusas sse nom fazem por ordem, huas apolas outras, de muitas se arrepende o que as faz d'outra maneira.

Senhor, quanto aos celeiros e cassa d'artelharia que Vosa Alteza manda fazer no castelo, jaa hos temos Nuno Gato e Dioguo d'Arruda e Francesco d'Arruda e eu asunados onde ham de ser; e a grandura mostry-o a Dom Joam e Joam Ssoarez e pareço-lhes que estavam aly bem. Mande Vosa Alteza loguo vir telha e madeira, porque oje xx dias do mes, sse pñoe foguo a hum forno muy grande que fizemos; d'aquy avante me parece que avera hy call, e far-sse-ha prestemente roda cousa. As cassas do Capitam nom mandou Vosa Alteza rrecado pera sse fazerem; ainda que sse nom façam loguo, sse nom pera rrecolher no castelo necessarias pera sse comprar, sse deviam loguo fazer, porque o castelo he hermo, ssem nenhua cousa, sse nom huas cassas que hu estavam descubertas, pera sse rrecolher fazenda de Vosa Alteza. Nuno Gato e Dioguo d'Arruda esprevem a Vosa Alteza a grandura dos celeiros e ho que he necesario pera elles.

Quanto a Vosa Alteza mandar ssaca a todos os que levar trigo, pagandoo vossos direitos, nom me pareceo vosso nem Vosa Alteza nom deve de dar licença a nynguem porque Almedina e Tite e todas estas vilas e aldeas derredor com nossa chegada foram dessemeparadas, as quaes todas foram roubadas e do que lhe ficou pagaram sseus trebutos. E, com alvoroços d'el rey de Feez, que nunca çessa d'isso; nom lavrara ssenam muito tarde e pouco. Achamos as ssuas ssementeiras agora, por onde fomos a estas aldeas, o pñao tamanino e com tanta erva que me pareceo que no ha de prestar pera nada, ainda que eles o principal adobio que dam ao pñao he mondar o menos até homem ver os sseus pñaes onde sse pñoe. Nom deve Vosa Alteza neste lugar dar ssaca, e eu por este rrespeito tenho mñao nela, atee Vosa Alteza me mandar o que faça.

Quanto ao castelo de Mazagam, que Vosa Alteza manda que sse ponha logo mão nele, acabando-sse d'alçaçava, eu certefico a Vosa Alteza que nom digo isto por nenhum rrespeito, ssenam por me parecer asy vosso serviço, e asy he o parecer de quantos homens ho qua praticam; nom ssey como laa dizem outra cousa. Vosa Alteza nom devia de mandar alevantar mão das obras d'esta cidade atee a por naquela força e ssegurança que he necessaria e d'aquy atee laa olhar-sse-ha bem a obra de Mazagam quam necessaria he e onde sse fara, porque, pera ssegurança d'esta terra, Azamor seguro e forte, d'aquy pera Çafim nom hay empedimento, ainda que a Enxovia sse nom fizesse de paaz, quanto mais que de rrezam nom pode leixar de a fazer, salvo sse ficar esta çidade com tam pouca jente, que de todo lhe percam a vergonha. Pois, pera carrega de trigo, em que parte pode ser no mundo melhor que aquy? Carregam os navios a porta do castelo em sseco ssem lhe roerem amarra nem nenhua outra opresam, pois a barra nenhua he melhor pera mercadores e homens que agardam tempo. A call fa-sse-a a grande presa e quanta poder ser, que ssera quanta quiser, como Vosa Alteza manda.

As moradias que Vosa Alteza diz que qua mandara pagar ais cortessaaos, e asy quallquer outro ordenado que tiverem, mande Vosa Alteza loguo rrecado d'isso, porque os mais d'eles nom tem mais de que viver que da merçe que lhe Vosa Alteza faz. Deste Mouros, Senhor, que sse tomaram nestas aldeas, tomou Dom Joam ho quinto e laa teve ssuas meniras atee gora em muitas cousas que podia fazer qye is niradires bin sse assentassem por moradores, por eu ter pouca jente, asy pera vos servir com ella, como pera os quintos, porque diz que Vosa Alteza lhe manda que eu nom levasse quintos ssenam dos moradores asentados. D'isto e d'outras cousas me ouvira Vosa Alteza com elle e me fara justiça, porque nunca comiguo fala nenhua cousa, nem de guerra nem de paaz, ssenam quando tem neçessydade de mym; e quando a tem, a mim ss'encomenda, como agora eu levey o trabalho de todo e elle rrecolheo o quinto; e de trinta e sseis almas escolhydas que ouve, como por me fazer merçe me ficarem pera algumas cousas que conprem pera guerra e paz d'esta çidade. E pera Vosa Alteza ver quanto proveyto sse fizera com esta jente, sse sse com ela bolira esse trilhara a terra como sse bem podera fazer, esta ssoo vez que fomos fora, loguo os Mouros começaram a vir com mill tratos de paazes que nom ssoiam, pois as nom fizeram por guerra, nam nas ham de fazer jaa, ssenam depois de nos verem aquy estar fortes, e que per tempo pagaram, ainda que a kenta sseja pouca, o que nom pagaram agora com ela muyta. E este rreção ey por çerto que os faraa aver ssysso pera virem a o que he vosso serviço.

D'Azamor aos xxj dias do mes de fevereiro.

Beyyo as mãos de Vosa Alteza.

Ruy Bareto.

IAN – TT – Cartas dos Governadores de áfrica, n.º114. *Les Sources Inédites de l'Histoire du Maroc*, Première Série – Dynastie Sa'dienne, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tome I, 1934, p.489-501.

In CORREIA, Jorge – Implantação da cidade portuguesa no Norte de África: da tomada de Ceuta a meados do século XVI. Porto, FAUP publicações, 2008, p.492-498.

ANEXO P

Carta de Francisco e Diogo de Arruda a D. Manuel I

Azamor – 31 de Março de 1514

Senhor,

O pomto em que ora estaa o castello d'azamor saberá Vosa Alteza. O que se fez na call que Vosa Alteza mandou que ca trabalhassemos por se fazer, cozemos huum forno que nos lamçarya trezentos cimquoemta moyos, o quall forno, sse a pedra fomdyra como fumde a de Purtugall, ouveramos quinhentos moyos, assy que esta quebra nos parece que jaz na pedra nam ser muyto naturall de call, e a call em ssy he fraca. Asy, Senhor, que nos parece pêra Vosa Alteza sser melhor sevido, que com a call que aquy podermos fazer repairemos este castello do que fica por fazer, que he o menos, porque o mais e mais forte, que ssam os alicerçes de quatro baluartes, fizemos com a call que de Purtugall veyeo, e por ysso nos atrevemos acabal-los com estoutra que aquy fazemos, e assy também com ella repayraremos os muros de demtro e de fora, que pera ysto abasta a bomdade da call. E posto que a pedra he pouca e nam se acha, todavya trabalharemos de aver a que pera este castello nos seja necessarya, porque temos a llenha que abaste pera feytio da call que aqui he necessarya a redor dos fornos que Vasco de Pyna comprava com temçam de fazer call pera Mazagem, o que me parece que Vosa Alteza serya melhor servydo mandal-la de llaa pera Mazagam, ao menos dous mill moyos, pera que a obra que sse com ella fezesse fosse segura e duravell, o que com estrouta, par sser tam fraca como he, nam ssera ssegura a obra com ella começada e acabada. Porque ssabera Vosa Alteza eu quamta obra amtyga os Mouros tem feyta nesta cidade, toda he cuberta de jesso pera que segure a call de demtro da parede, e omdequer que o jesso mingoa, logo agoa a deffaz como se fosse barro: asy, Senhor, que, pera Vosa Alteza fazer obra duravell, comvem que seja ao menos os alicerces da call de Purtugall, e pera ser acabada na forma que Vosa Alteza ordenou, mamde-nos dous mill moyos de call e faremos obra como compre a serviço de Vosa Alteza, porque com a call d'esta terra, seja Vosa Alteza desemganado que se nam pode fazer ally coussa segura, assy por a call sser tam fraca, como

porque he a borda do mar, que mays assunha a a de gastar. E se Vosa Alteza lhe parecer que, mamdando de lla a call, sserya algua coussa mais custossa que fazersse caa, saberá Vosa Alteza que agora he veram e pode-sse aver quamta Vosa Alteza quisser emvyar em breve tempo, por sser verãooo, e o que mays custa a call, vymdo de Purtugall, se aproveitara no fazymento da obra e na brevydade d'ella, porque vyra em tempo bom, em que todas nossas forças podemos pôr. E ssendo Vosa Alteza d'isto servido, comvem que mamde a call que seja posta em Mazagam no fym de mayo, porque fazemos fundamemto que neste tempo podemos reparar este castello d'Azamor, sem a cava nem outra cousa algua, somente os muros e baluartes e ao castello ssam necessaryos e esta por agora ordenado, porque fazemos comta de fazer Mazagam em Junho e Julho e Agosto, que he o tempo em que melhor Vosa Alteza será servido, porque alemtemdo-nos nesta cidade mays tempo que ate mayo, nam sse poderya tam bem fazer Mazagem nem com tamto servyço de Vosa Alteza.

Item. Senhor, mamdamdo Vosa Alteza a call, mamde também loguo a madeira pera Mazagam, porque a que pera la trouxemos he gastada neste castello. E na mão d'Andre Vaaz ficou o rrol da madeira que hera necessarya pera a obra que Vosa Alteza tem ordenada em Mazagam e per elle nolla pode envyar.

Item. Senhor, nam dou nesta comta a Vosa Alteza da cava em que pomto vay, porque já a dey em outras e assy o tempo em que se poderya acabar. Nam sse fez mais nella cousa nenhua porque Dom Joam foy fora, como Vosa Alteza melhor ssabera, e levou toda a jemte que nela servya e esses que ficamos amdamos a rreparar o muro velho todo a roda, de pedra e barro, fazendo baluartes e reparando torres e ameas todo o tempo, que Dom Joham amdou fora, que foram xxb dias do mes de Março, porque tynhamos nova de cerco; porque sse nos nao acuparamos no rrepaio do muro velho estes dias, jaa este castello agora fora em melhor pomto.

Item. Senhor, tem Vosa Alteza aquy três navyos d'armada, em que Vosa Alteza mamda que fique o imao de Berryo neste ryo d'Azamor. Parece-nos, Senhor, que pera o começo d'este castello de Mazagam, serya muyto servyço de Vosa Alteza mamdal-los que neste tempo nos llevem muyto tygollo, assy o que trouxemos como outro que pella cidade, que he necessaryo pera a obra, e assy pera nos levarem feramenta e fato dos pedreiros e sservydores e também pera estarem no mar em quanto a obra nam for em altura que sse posa defemder,

porque estam bem armados e aquy nam fazem tamto serviço como llaa podem fazer, porque comtynoamente o ryo esta acompanhado de muytos navyos que vam e vem.

Senhor, veja Vosa Alteza o que aquy dezemos acerca d'esta call vyr de lla e assy a madeira, porque nam fazemos fundamento de a fazer aquy pera Mazagam, somente a que aquy for necessarya aatee vermos recado de Vosa Alteza; nem crea Vosa Alteza que se pode em Mazagam fazer call de que Vosa Alteza seja servido, porque parece cimza. Assy a faziam os Mouros nesta cidade e a que agora fazemos he de muyta avamtajem da que os Mouros faziam, comtudo nam he boa, como ja dizemos.

Item. Senhor, nos nam trouxemos provyssam de Vosa Alteza pera ssermos pagos do que avyamos d'aver por dya, por amdarmos ocupados ao tempo da partyda avyamdo as cousas necessaryas a serviço de Vosa Alteza, e agora Nuno Gato nam quer pagar-nos cousa nenhua; dizemdo que lhe mostremos por omde e quamto Vosa Alteza mamda dar. Beigar-lh-emos as maos nos mamdar provisam pera que nos pague Nuno Gato nosso ordenado, porque até quy o nam recebemos, Diogo de Arruda, nem Francisco d'Arruda. Os pedreiros e servidores tem sua provyssam.

Item. A fraqueza e comdiçom d'esta call nam fazemos ssaber a Vosa Alteza mais cedo, porque a nam tynhamos espermemtada e agora o temos esperimentado. Por ysso ho fazemos assy saber a Vosa Alteza pera mamdar o que vyr que he mais sseu sserviço.

D'esta cidade d'Azamor, ao derradeiro dia de março de j^mb^xliij anos.

Francisco d'Arruda. Diogo d'Arruda.

IAN – TT – Corpo Cronológico, parte I, maço 15, doc.14. *Les Sources Inédites de l'Histoire du Maroc*, Première Série – Dynastie Sa'dienne, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tome I, 1934, p.525-529.

In CORREIA, Jorge – Implantação da cidade portuguesa no Norte de África: da tomada de Ceuta a meados do século XVI. Porto, FAUP publicações, 2008, p.490-492.

ANEXO Q

Carta de Nuno Gato a D. Manuel I

Azamor – 31 de Março de 1514

A cal que veo do Algarve não nos supre nada, porque por vezes tenho esprito a Vosalteza quam pouco seu serviço hera tomar as caravelas por arqueaçam. Temos cozidos ja dous fornos de cal e nam nos rrepomdeo a cal asy como nos parecy, porque nam funde bem a pedra nem he tam boa a cal como cuydavamos. A de Çafym he muito de ventagem de forte e alva, pore, Senhor, ainda trabalhamos pera fazer hum dos fornos que esperavamos que lançasse de b^o moios pera cima; parece-me que chegarya ate quatroçemtos. Oje, que derradeiro de março, abrymos o outro e começaremos de rregar. Sera forno que laçara trezemtos moios. He gramde. Se çarrou abobeda d'ele no dito dia. Empedra-o Adibe ho Judeu por hum partydo que fez Pedro Correa, que ho tynha posto ho moio a duzemtos e oytemta e eu lho tenho posto a ij^o xxx; e porque tynha lenha e pedra gunta pera ho cozer, lho leixamos fazer, ho qual se começara a cozer aos dous d'abryl, prazemdo a Deos. Tenho hum fornynho feito pequeno que levava tres barquadegas de pedra pera apalparmos pedra d'outra sorte e como rrespomde: aquela que nos parecer que he mais serviço de Vosa Alteza, aquela nos apegaremos.

A obra, Senhor, do castelo vay avante quanto pode ser. A cava da parte de fora he de pedra tam indiabrada que çertamente, Senhor se a Vosa Alteza ouver de levar asy até o fundo e hela asy for, he de muita despesa e trabalho. E pore, Senhor, faz-se nela e temos rrecebydo muyta apressão com esta gente que nam quer trabalhar. E sobre muito estormentos e apreções que lhes tenho dado, agora começo de vyr alguns, porque lhe nom dava, mais que vymte e cynco reaes.

Dos baluartes de demtro ho mais pequeno he acabado de todo. O gramde, que tenho esprito a Vosalteza, esta agora emgalgado no derradeiro sobrado, domde a de jugar artelharya grossa, fycamdo, em bayxo duas andaynas d'artelharya meuda: he hua das formosas peças que no mundo pode ser. Queremos lhe fazer depois de cerrarmos as janelas por onde a de

gugar artelharya grosa, que a de ir na grosura da mesma parede, que he nove palmos, e d'ahy pera cyma avemos de lançar huas sacadas como quaes todo a rroda, que fyque hum peytoryl de dous palmos e meio de fora de toda a parede, e antre o peytoryl e a parede grosa antre quão e quão fyque hua vysta, que nam posa nynguem chegar ao pé do baluarte, porque, Senhor, he hua peça tão rreal esta, que sogyga toda a cydade. Posto que seja de mais despesa, faz-se asy porque Vosalteza nas cousas do castelo nam taxou nada, somente o que os capitaes ordenassem de fazer. No al, Senhor, se rrepaura ese castelo e se trabalha quamto cumpre a serviço de Vosa Alteza, de que eu sam muito avorrecydo, porque afirmo a Vosa Alteza que he menos trabalho e custo fazer-se de novo que rrememdar cousas velhas e podres.

Toda a madeira e pegadura e tavoado e cousas que iam pera Mazagam, todas se depemde em estas obras. Esta he terra nova, d'isto se furta quamto se pode furtar: nam nos valem escumunhões nem guardas, por que ferramemtas e madeiras que podem aver, porque nam ha hy outras ferraryas domde se aja, tudo se leva espycylmente onde a a (sic) deversudade da gemte. Que a nesta cydade cestos e alcofas nom temos nenhuns, a terra que se tyra da cava tyra-se em padiolas. Mamde-nos Vosa Alteza pruver com alguns çestos e alcofas, porque temos neçesydade d'iso.

As cousas de Mazagam nam bolymos nada co elas até ver provisam de Vosa Alteza. Das cousas da terra nom decraro a Vosa Alteza pelo meudo, por que estam tam devisas com estas novas que me parecem boas d'el Rey de Fez, que se não sabe o mandar conselho. Os Alarves todos estão arredados d'esta cydade com estes mourinhos que dizem que pasaram aquem do ryo. Prazera Deos que, se vierem, que elles averam bom castygo.

Tenho esprito a Vosa Alteza por quatro vezes decraradamemente muitas cousas de seu servyço. Ategora nam tenho nenhua provisam de que ey de fazer. Proveja Vosa Alteza das cousas de seu servyço, porque he muyto neçesareo pera governamça d'esta cydade, segumdo lhe tenho esprito, porque anda tudo com vontade de cada hum. Neste[s] cyleyros, Senhor, a muy pouco pao: tenho rrequerydo a polos seus pães que estam em Tyte e Agylez e eses castelos de rredor. Nam sabe ainda nyso ho que a de fazer. Este sera derradeiro rremedeo. Parece-me que teremos pão ainda pera ho mes de março; d'ahy avante. Senhor; trabalharemos porque ou por compra ou pola henha de avermos de comer; porque como esta terra estiver segura de nam vyr el rey de Fez, parece-me que sera aquy ho pam tamto que se

nam podera rrecolher. Nas obras, em todalas outras cousas nam se pode mais fazer, porque se trabalha quamto cumpre a servyço de Vosa Alteza.

D'Azamor ao derradeiro de março de b·xiiij.

Beijo as mãos de Vosa Alteza.

Nuno Gato

IAN – TT – Corpo Cronológico, parte I, maço 15, doc.16. *Les Sources Inédites de l'Histoire du Maroc*, Première Série – Dynastie Sa'dienne, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tome I, 1934, p.530-533.

In CORREIA, Jorge – Implantação da cidade portuguesa no Norte de África: da tomada de Ceuta a meados do século XVI. Porto, FAUP publicações, 2008, p.498-499.

ANEXO R

Carta de António Leite a D. Manuel I

Azamor, 27 de Julho 1514

Senhor

Pesa-me de en tam curto tenpo fazer cousa em que Vossa Alteza fosse deservido, como me mostrou per sua carta sobre a gente quue se tornou pera Mazaguam, e eu estava niso emguanado, que crya quue a Vossa Alteza fezera servyço por quue tanta merçe merçese como pelo quue niso fiz, usando do quue me Vosa alteza mandou, porque eu tenho carta de Vosallteza, em quue me mandou que requerise besteiros e espingardeiros ao Capitam pera seguamça d'aquella obra. E pareceo-me que, segundo me Vosa Alteza emcaraguadamente, se ho eu assy nam fezera, que me dera vosa Alteza por ysso castigo; e pois eu em fazer bem o que Vosa Alteza mandou errey, nam seey no quue poderey acertar. Isto mande Vosa Alteza de mim jullguar a quallquer pessoa que d'isso quiser que thome conhecimento, porque eu me quero sem cullpa mostrar. E nam hei de pidir por merçee a Vosa alteza que me pena que por yso mereço, mas quue me emmende a culpa que sem rezam me daa. E mais Vosa Alteza saberaa per outrem o que se perdeo e perde no que mais sobe a despesa pollo tenpo que a obra mais haa de durar sem a gente de lla tirei, como vosa Alteza mandou, ou se fora sem ella feito a obra quue se ffez am tam pouquo tenpo, e drea Vosa Alteza quue, se a gemte se nam tirara de como andava, ho castello fora acabaado de todo d'este mes de julho; e oito fornos de call que se fezerom e cozerm se foram ffeitos sem a jemte quue llaa amdou, ou se foraam abertos os aliceses com tanta presteeza como tudo ouve efeito com mayor dilligemcia quue nunca se pos em obra, e asy todolos outros maneos. Amdava tudo em taal conçerto qu eeu me afirmo quue nunca em semelhante obra se pos tall dilligemcia, poque a gemte era toda queservia em todolls maneos e serviço, e se Vosa Alteza quuizer ver slldo a livra a despesa homde sobe pela via que hordenou, hecousa crara, quanto mais que pollo despacho da obra ho devera Vosa Alteza de querer, e ysso era neçesario aquela jemte pera seguramça

da obra, ainda nam sevira, porque nam estavom seguros nem era rezaam que ho estevesem e em tall llugar com Mouros darredor de sy, [n]em nenhũuas rrefens d'elles teem e com muitos emconvenientes outros pera terem rezam de se guardar; e hum dia d'amtes que sobre iso Vossa Alteza me escrevese, me mandarom de lla pedir mais gente, a quall lhes eu nam mandei. E mande Vosa Alteza saber dos mestres se começaram aquella obra sem lhes darem aquella gente, que elles ouveram por pouca, e se haa quaa homem de boom conselho, a que pareçese bem de se começar com tam pouca força como se começou, e esto se haa de jullguar pello que quaa veem e ho intendem. E crea V. A. que as cousas de voso seruyço eu traguo os olhos abertos e ponho-as em pesso que nam tem ofiçiallque melhor tento tragua nas cousas de voso seruiço, nem que melhor as proveja e o que niso tenho ffeito, Deus o sabe e me jullgue segundo minha tençam. E em satisfaçam do meu trabalho, me manda V. A. que pague o soldo da jemte que lla foi, a quallfoy hordenada pello Capitam a requerimento dos mestres.

E parecer de pessoas que bem emtemdem tanto a servyço de V. A. compria de ser asi, como foy, tirando do que mais fora necesaryo. E quanto aos bonbardeiros, hiam pera as caravellas qu levavom artelharya e fustas, e passados sseis dias, foy ffeito obra em terra que foy necesaryo asentarem artelharya, a quallnom era bem que estevesse sem bombardeiro. E quando fuy fazer ho despedimento, os mestres e todallos pedreiros quiseram leixar a obra e Diogo d'Aruda se quisera hir a V. A. E Rui Bareto, visto a neçesydade e descomçerto e desserviço de V. A. que recrecianyso, quisera a meter a gente e Alvaro do Cadavall dizia qu a tornassem a meter e que careguasse sobre sua fazenda, e eu ho nam quis comsemtir, em que me pareceo que errava e em a tirar, e porque vi o mandado de V. A. tam apertaado, dando-me tanta cullpa, nam ousei de comsemtir nisto.

Item. Em oito dias d'este mes de julho, comcertou Rui Barretocom Joham Soarez de ireem tomar huuns aduares d'Ollei de Farax que tinham dessobedecido em muitas cullpas; e amtesquatro dias tinha lla mamdado rui Barreto Pero Lourenço de Mellocom ij □ lanças e os Mouros tiveram maneyra de se defemderd'elles. E elle hia pera os adquerir a paz, e de hũa nem d'outra maneira os nam poderam entrar e mandarom pera iso pidir socorro a Ruy Barreto; ao qual socorro foy Joham Soarez com outras ij □ lanças. e himdo-nos d'esta cidade seis leguas a hũa auguada que se chama Moguaruz, achamos Pero Louremço quese viera donde os Mouros estavom alem outro tanto; ho quall Pero Loureiro dise que fiquara com

elles conçertado nesta maneira, convem a saber quue os Mouros fyquavom pera paguarem a pena que lhes era posta per Rui Barreto; e que este conçerto fezera com elles pelos deteer, atee nos hirmos, porque seu proposito era acolherem a serra.

E comtudo eu dise a Joham Soares que me parecia que nam devia pasar d'ally : a hũa, porque os Mouros tiveramtenpo de se allevamtar e a outra por aquelle conçerto em quue ficavom, que poderiam aleguar que ficavom de paz, e mais que nos metiamos muyto demtro donde de hũa banda e d'outra avia muitos aduares, e que nam sabia bem quaes lhe queriam guardar verdade, e com sermos sentidos avia seis dias nom era que se cometese aquelle fleito e quue olhase bem a serem Mouros e nam muy firmes na paz e quue a cidade ficava sem gente. Todos estes emcovenientes lhe apresentei perante fidallguos e cavaleiros que me ouvyrã; e comtudo fomos, e amanhecemos sobre o luguar honde Pedro Lourençoç os leixava asemtdados, e achamos que eram allevamtados e hiam-se pera a serra, ao pee da quualestavom, e alguunm d'elles travarom com os nosos e os nosos com eles, honde morreo hum fidalgo que avia nome Diogo de Sousa e alguuns outros homens ferydos, e depois quaa nesta cidade se acharom menos besteiros e hum cyado de Joham Soares. Da qual emtrada vyerom a esta cidade b ☐ allmas e ij ☐ ij ☐ e tantas cabeças de guado vaquum e cemto e sesemta [ca]mello[s], pouquo mais ou menos.

E em chegando a esta cidade como Joham Soares... va ser feito isto per mandado de Rui Bareto, eu lhe fiz hum requerimento sobre o dito casso, de que com esta carta ho trellaado e a resposta que me deu Rui Bareto.

Item. Respomdendo a hũa carta que me V. A. mandou, cosidacomo caderno, com certos apontamentos, feita pelo secretairo a oito de junho, e foy-me dada per hum homem que V. A. mandei a xxbijj de dito mes:

Quanto aas casa d'allfamdegua e feitorya e comtos que V. A. mandou dar, ja se faz nellas o que V. A. manda, em que saeem pera tudo e compriraa fazer-se hum sobraado emcima de hũa açotea ssomente pera os comtos e alfamdegua e feitoria se poderaa servir no baixo do amdar das casas, e isto veja Vossa Alteza se haa por seu serviço.

Quanto aos escrivães dos officios que V. A. diz que nam tardarom, compre muito a vosso serviço mandal-los e Bastiam Gonçallvez que ecrepvia nos comtos se vaai de quaa descontente, como a Vosa Alltesa diraa, se lhe d'iso tomar conta, e er pus em seu luguar que

haa nome Vicente Pirez, que ora de V. A. he e foy do Baram, e nam quis joham Soarez que escrevesesem que se leixar de servir hy o officio; e mais por quue em hũa referia quue joham Soarez teve com Rui Bareto, sobre a entrega a cidade, disse a todos e a mym que, em que lhe Rui Barreto nam entreguasse a cidade, se lhe nos nam obedecesemos, que nos mandarya meter em hũa masmorra; e correonos asy tanto de rosto nam esperaríamos de V. A. ser tam mal tratados em caso que ho mereceramos. Em cousas da entrega d'esta capitania pasaram de hũa parte e d'outra cousas em quue sera bem que V. A. atente e dee castigo a quem o merecer.

Ao que V. A. diz que folguaraa de lhe eu mandar outro caderno mais declarado dos soldos que quaa ssom devydas, eu mandei a conta d'iso meudamente a V.A. per Antonio Fernandez.

Quanto ao trigo que V. A. diz que faça toda deligencia que for possivel, eu nam fazer outra senam mandar navios a Çafim com mando pello que V. A. mandou que la viesse, e quanto ao que d'esta terra se pode aver, por agora nam estaa nada certo nem assentado com os Mouros pera acudirem com nenhũa pagua, e o pam que estaa em Tite, que he bem pouco, nam sei se ainda ho terço d'elle poderemos aver roguamdo muyto os Mouros e Joam Soarez tem lla mandaado. E nam cuide V. A. que esta terra estaa asemhada como por suas cartas mostra que lhe laa fazem crer, nem pera mais ao presente que os Mouros virem a esta cidade vender suas lãas e mercadoryas que follguam de llamçar de sy, de que lhes veem bem, e pera paguarem, nem quem lho quaa hordene nam vejo muyto certo. Isto diguo porque ha de ser feito pelo Capitam, e porque tambem os Mouros estamesquivos e nesta cidade se nom acha ja nenhum trigo nem cevada.

Quanto ao que V. A. diz que lhe mande o que levam aguora os oficiaaes, convem a saber ho allquaide ho mar e allmotacell e alcaide do çoco o que levam o que parece bem que deveem levar tudo mandarei a V. A. com parecer de pessoas que se escolherom de boom emtemder e saber niso. E por mais certo, me parece que V. A. devia de mandar levar a hordenamça antiga de Ceyta, que foy o primeiro luguar, e per hy ememdar e correjer o que a V. A. parecer seu serviço. Eu não pude ao presentenisto emtemder nem em algũas outras cousas d'esta qualidade qu toquam a serviço de V. A. e bem d'esta cidade, porque com cartas testemunhaves e requerimentos d'amtre Joham Soarez e Rui Bareto, de noite nem de dia

nunca leixavom. E tem ffeito sobre processos que avera bem que ver na casa da Sopricaçamhuums [deles] se tudo a V. A. fflor.

V. A. me escreveo que eu queria dar a Joham Soarez hũa carta testamunhavel que me ele pedira; e ssegundo me parece, ele hy o tera asy escrito a V. A. E ele nunca me tall carta pidio nem cousa que em tal caso lhe deneguasse de meu ofycio; e a alla que ffez a Rui Bareto na igreja, em que lhe requeria que lhe entreguasse a cidade, pidio d'isso hum estromento, mas o pidio ao Prior, o quall lhe respomdeo que nom era de sseu officio; e depois, meteo nisso ho tabeliam da cidade, pera pedirom respostas e testemunhos meus, que eu nam deneguei nem tinha rezam pera ysso; e nas cousas que a serviço de V. A. toquam, eu nom tenho afeçam com nenhũa parte.

Quanto aos bombardeiros e jente, tenho espedida como me V. A. mandou.

V. A. me escriveo per Antonio de Couto sobre o concerto que Rui Barreto fez com hos mouros da Xerquya, que eram das pazes de Çafim e que Nuno Fernandez diz quue sam de sua comarca. Eu requery a Rruy Bareto que fezese e conprise assy tudo como V. A. mandava e que eu nom avya d'estar pello comcerto que com eles tinha ffeito; mas que ante o noteficarya assy aos ditos Mouros. E Rui Bareto me respondeo que e nom fezese fazer nenhũa mudança, porque compria asy a voso serviço, e que elle hia dar a V. A. comta. E quanto ao que os Mouros tem paguo, foy recolhido a esta cidade certo trigo e cevada queelle troxerom de penas e nam de pagua. Isto se recolheo no celeyro de V. A. e assy trouxerom certos cavallos e guado, e dos cavalos e guaado leva Rui Bareto pera sua casa parte, do que diz qua haa d'estar com V. A. ssobre isso, porque lhe parece que as penas sam suas. E em meu poder fficam trinta cavallos e dozentas e ssesemta cabeças de guado vaquun e cento e sesemta carneiros. E d'iso mande V. A. o que ha por seu serviço que se faça.

Quamto aos trezemtos de cavalo que V. A. diz quue fiquem nesta cidade, como Rui Bareto sashir, e os que estaam aguora pera embarcar, eu tenho ja sober ysso requerido a Joham Soarez que faça alardo e o ffaça assy como V. A. manda; e loguo podereyescrever a V. A. [os] moradores de sua casa que quaa ficamservindo, de que V. A. que r saber, pera lhes mandar pagar suas moradias.Item. Eu tenho escripto a V. A. hum Guomez Aranha que aqui achei fazia çertidões falsas e as vemdia e premdi-o com o outro que pelo semelhante fazia

pproes, de que hum e ho outroeram cancertaos, e os mando ambos a V. A. pressos com hũa enquiriçam que de suas culpas fiz tirar. V. A. mande d'elles fazer o que for justica, e estas cousas e outras per semelhante maneira assy ffeytas pola mayor parte passaam quando haa quem lhes corra. Isto cra V. A. que ho faziam com tam sutil arteque ffoy maravilha poderlos alcançar.

Item. Pera estes comtos deve V. A. de mandar hum homem bem aucto por escrivam, poque em que sempre este sobre obras, poderaa ele em hum soo ponto danar ou aproveitar muito em vosa fazemda, sem ser ffeito com malicia. E a Bastiam Gonçallvez deve V. S. quaa de mandar tornar pera algũas duvidasque acho em verbas postas por ele, quue nom fiquam bem craras e poder-se-a logo tornar, se V. A. ouver por bem. E se V. A. quiser emcarregar este oficio a Duarte Rrodriguez, que he escrivam das obras de Mazaquam, emcareguamdo outra pessoa do seu, seria muito voso serviço, porque eu conheço d'elle ser pera ysso bem aucto. E o emcareguei aqui d'escrivam do almoxarifado do almazem, emquamto nam servia nas obras, e vio tem boom cuidado e com tanto aviso que me parece que, em hũa cousaquanto releva a vossa fazemda como a d'estes comtos, ho deve V. A. d'encareguar ao menos emquanto durarem estes solldos; e no seu careguo qualquer homem poderaa fazer, que nom he mais que receita e despesa e aviso a V. A. d'isto, por quue conpre muyto a voso serviço, e eu nom poso ser boom official se nam tiver tallescrivam asy pera despacho das partes como de vosa fazemda, ou mande V. A. d'eses contos outra qualquer pessoa que isto lhe parecer tall, em que eu nam poderaa laa melhor escolher que este que a V. A. digo.

Item. Joham Soarez me dise que V. A. mandava fazer hũa cerqua da bamda da Emxouvya e que queria mandar poer hum escudeiro, e porque aquy esta hum cavaleiro morador nesta cidade, qu haa nome Joham Follguaado e he alquaide do çoquo d'aquela bamda e he homem que tem feito muito serviço a V. A: na guera d'Arezilla, merece que lhe faça V. A. merce e homra d'aele careguo sem outro mantimento somente com percallço do seu oficio. Lembro isto a V. A.. porque me parece voso serviço.

Item. Quanto aas pazes da Emxouvya nom haa com eles feito nenhum comcerto, somente dous lugualetes que vierom aqui concertar com Rui Bareto e estam ao lomguo d'este rio vinte leguas, e hum haa nome Tageste e outro Benagure; e concertarom em hum

camello por cada casa e averaa cento xx casas em ambos e nom derom refens, dizemdo que queriam logo vir com a pagua ; e hum d'elles haa tem ja cidade. E segundo me parece que a Emxouvia ao presente esta alevamtaada, nom viraa o outro ; e vem nos correr da bamda d'Allem. E a xx d'este mes, emtrarom cincoenta de cavallo e se vierom lançar bem junto dos fachos d'esta bamda e foram sentidos e sahirom-se em salvo ; e oje, xxiiij d'este mes levarom cinco Christãos de junto com esta cidade que andavom a pesquar d'esta bamda. Asy com toda a paz que haa nesta terra, nunca me tantas vezes armei nem tam ameude a repiquesen Tanjere e em Arzilla, honde estive muito tempo.

Item. Quanto ao escriptam dos contos, em que aqui a V. A. fallo, hee vimdo a feitoria d'esta Martem Vaz de Tangere, a que V. A. d'isto fez merce. Porem cumpre com todo vyr Bastiam Gonçallvez como a V. A. digo e a mim cumpriraa, se bem ouver de olhar pelo qu conpre a fazemda, ser contador e escrivam.

Item. Pera es feitoria, devia V. A. de mandar vyr panos de coore de lynho, pera se darem as moradias aos moradores e V. A.que os tomarom, e asy gente de soldo, assy moradores como toda a outra jemte.

Item. Em xxbj d'eeeste mes, chegou ao porto de Mazaguam Lopo Cabreira e Estevom e Estevom Rodriguez Berrio, e me mandarom chamar a esta cidade e birrio me deu hũa carta de V. A. , em que mandara que lhe dese as duas caravellas que aqui estiverom d'armaada, e asy certidom do tempo que aqui servirom e loguo o ffiz, como me V. A. mandou ; e assy me pidirom xxx besteiros pera irem com eles nas ditas caravellas, e porques me disseram e requereram estremadamente que cunpria muito a voso serviço, eu previ nyso, como a Vossa Alteza dirom, e asy lhes fiz dar allguum mamtimento que tambem me requereraam, e isto fiz, posto que V. A. pera ysso nam vi mandaado, somente por me certificarem que relevava muyto a voso serviço, o que eu per semelhante maneira mais nam farei sem V. A. ver seu especial mandado, porque nas cousas de vosa fazenda extrahordenaryas nam me cumpriraa fazel-lo d'outra maneira.

Item. Mando a Vosa Alteza ho aucto que da noteficaçam aos oficiaaes que nesta cidade servem, convem a saber alcayde do mar, porteiros das portas e almotace e allcayde do çoquo, asy como me V. A. mandou per sua carta : e o que parece que devem de levar, e asy a barca

da pasajem, mandarei a V. A. na primeira passajem, e hey-o de fazer com pessas quue antigamente tem servido nas partes d'Africa, respeitamdo mais ou menos o que seraa bem e voso serviço.

Feito em Azamor, a xxbij de julho de b □ xiiij.

Antonyo Leite.

IAN-TT - Corpo Chronologico, parte I, maço_15, nº 97, in *LES SOURCES Inédites de l'Histoire du Maroc*, Première Série - Dynastie Sa'dienne, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tome I, 1934, p.575-586.

ANEXO S

Carta de Simão Correia a D. Manuel I

Azamor – 3 de Outubro de 1516

Senhor,

Depoys que estou nesta cydade, tenho sabydo que, na ora que Vosa alteza determynar de nam aver hy atalho na cydade, de se recolherem ao castelo e fazerem suas casas, e em quamdo Vosa Alteza os pom em duvyda, deyxam-se estar, esperando determynaçam, e posto que os eu a iso encline e os faça tomar chamos, a hy quem os desvya com beocos que, se isto nam fora, nam fycara já palmo de cham por tomar no castelo. Conpre muyto a Vosa Alteza e a seu serviço tomar logo determinaçam. Se a ouver de mandar atalhar, mande jente que a encha, e com que se defenda ate se acabar o atalho, porque os muros sam tamanhos como Vosa Alteza sabe, que soo pera se velar bem ha mester mays jente do que agora me fyca; e se Vosa Alteza quer que se recolham logo ao castelo, escreva-lhe hũa carta a todos em jeral, que compre asy a voso serviço e que vos servyram nyso.

E affyrmo a Vosa Alteza que todos os que há na cydade e outros tantos nam enchem o voso castelo, o qual he tamanho que bem se pode chamar vyla; e sayba Vosa Alteza que cheo todo de casas na ordem que vam as de Vosa Alteza e as ruas aruadas e calçadas de ladrilho, de muyto que ha nesta cydade, que cada hum calçara sua porta, com que se escusaram de muyto poo e lama que qua ha, e ha porta da rybeyra feito hum cays, e a alfandega logo pegada com ela, e a cydade velha derribada e cham e feito nela muytas vynhas e pumares e ortas, e as torres chanfradas de parte de dentro todas, e as portas çarradas, somente hũa aberta que se chama do Combate, junto do castelo, pera servyntya do campo, e soo a torre da igreja, que esta no meo mays alta de todas, fycase pera hũa atalaya estar contynoa sobre a cydade e ortas, e asy pera o canpo se ver d'ela, eu nam sey cousa que mays fermosa podese ser nem mays valença pera os omens vyverem nela.

E quando, Senhor, has casas que muytos alegam que tem feitas, tyrando-lhe a madeyra e telha que podem aproveytar, o que fyca sam duas paredes de pedra e barro de pouca sustancya; e o que mays, Senhor, alguns syntem he casas que podyam fazer, e algûas começavam pera lhe poder render, que as mays sam começos d'alycerces de pedra e barro, com pouca merce se podem pagar, e escrevendo-lhe Vosa Alteza bem.

E quanto, Senhor, ha judaria, bem se pode fazer dentro, em que se recolham todos os que na cydade há em hũa rua ou duas. Porem, Senhor, eles me requerem por Adybe, que he bom servidor de Vosa Alteza e o acho omem certo, que Vosa Alteza lhe dese de longo de muro da rybeyra duas ou tres ruas, que fosem dyreytas ha fortaleza, e que eles ha sua custa se taypariam e se velariam, e tendo nesesydade que se recolheriam ha fortaleza; e a mym parece-me voso serviço, e eu lhe ordenaria de maneyra que a artelharia de fortaleza a defendese em caso que ouvese d'estar bem afastada. Mande-me nisto o que for seu serviço; e nam faça Vosa Alteza fundamento que nynguem esta nem queyra estar nesta cydade sem o ordenado de Vosa Alteza, posto que se atalhe, senam quando entam pydyram mays porque averam mor medo. E asy nestas cousas, como em todas que me parecem voso serviço, eu as pratyco com o voso contador e feytor, por conhecer d'eles que com afeyçam vos servem.

Beyjo as mãos de V. A. a quem Deos acrecente o estado real a seu santo serviço.

Oje iii dyas d'oytubro, d'Azamor.

Cryado de Vosa Alteza.

Symam Correa.

IAN-TT, Gaveta XV, maço 21, n.º 24. *LES SOURCES Inédites de l'Histoires du Maroc*, Première Série – Dynastie Sa'dienne, Archives et Bibliothèques de Portugal, Tome II, Première, 1939, p. 37-40.

In CORREIA, Jorge – Implantação da cidade portuguesa no Norte de África: da tomada de Ceuta a meados do século XVI. Porto, FAUP publicações, 2008, p.500-501.

ANEXO T

Regimento da obra do muro e atalho da cidade de zamor

Lisboa – 11 de Setembro de 1517

Aluoro do cadauall esta he a maneira de que avemos por bem e noso Seruiço que se faça o atalho nesa cidade de zamor de que vos emcarregamos de vedor e Recebedor da obra dello.

Item faras huum muro de taipa com seu fermigao de call doyto palmos em larguo E vimte em alto o peitorill que sera de dous palmos e meio ou tres de larguo aquella altura que la bem parecer ao Capitam e contador e avos e noso officiaes e as ameias serom de vimte palmos em larguo e tera alicerçe todo de pedra e barro ate amdar da terra e sera de boa pedra e grossa por mais fortaleza da obra E sera o dito alicerçe de dez palmos e em cima de quall vira o dito muro doyto palmos em largo como em cima dito hee pera ficar de cada parte do muro huum palmo de Releixo pera o muro estribar e ficar mais forte.

Item o dito muro se fara desdo baluarte de sam chirstauão cortamdo dereito a ssee fficamdo a dita see dentro e dahy cortamdo a emtestar no Rio pelo mais alto lugar que poder jr jmdo dereitamento da see ao Rio como dito hee.

Item o dito muro tera huuma porta pera o Sartão daquela maneira que la bem parecer ao dito capitam e officiaes e farseha naquela parte em logar que bem parecer pera melhor seruentia e seguramça da Cidade.

Item da recepta e despesa obra avemos por noso seruiço que aJa liuros apartados sobre sy e que nom mesture com outra nenhuma E que do dinheiro ordenado a ela aJaa duas chaues huma em mão do contador que serue nesa cidade e outra em voso poder e nas despesas que se em toda a obra fyzerem e pagarem asynara o dito contador ao pee das pessoas das pagas que serão stpritas e asentadas pelo stpriuam de voso carguo ao qual por este mamdamos que seja prestes e diligemte em todo que a seu officeo ao quall mamdamos

que trelade estuo noso regimento no liuro de sua despesa pera se saber a ordem e maneira que nella mandamos ter.

Item porquando que ho dinheiro que te a presentação deste tiuerdes por despender e vos ficou do que Recebestes pera pagardes aas pessoas que haviam de ffazer as casas demtro No castelo se despemda nesta obra tanto que esteuerdes a conta com amtonyo leite nosso contador e ambos vyrdes o que vos fica o meteies demtro na area de duas chaues E se CaRegara em Recepta pelo stpriuam de voso Carguo No liuro de Recepta desta obra como dito hee stripta em Lixboa aos xj dias de Setembro afonso mexia o fez de (1517).

IAN-TT, Núcleo antigo, n.º 16 – Leis e Regimentos de D. Manuel, fl. 22v-23v.

In FAGUNDES, Maria Augusta Lima da Cruz - Documentos Inéditos para a História dos Portugueses em Azamor. Sep de: Arquivos do Centro Cultural Português. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1970, vol. II, p. 147-148.

ANEXO U

Carta de Duarte Roiz Alcoforado, da guarnição de Azamor, a D. Manuel I

Azamor – 11 de Agosto de 1517

Senhor,

Sam já tamtas e tamanhas as cosas que em esta vosa cydade dazamor passam que me pareço muyto seruyço de deus e de V. A. fazerlho saber porque eu senhor sam omem que paso de setemta annos e tenho sempre serujdo os Reys pasados e V. A. em todos os vossos lugares dafryqua e conhecydo todos os capitays dos ditos lugares e nenhum achey que tam pouquo folgase de guardar o serujço de V. A. e bem do pouo porque nos trata a todos de maneira que nom há nenhum fydalgo nem cavaleiro nem omem do pouo que lhe nom queira mall, e crame delle e as Razoys senhor porque sam estas.

Item senhor elle chegou a esta cidade sem cauallo nem lamça nem coyrças nem outras nenhuma aramas nem elle nem os filhos nem tres moços que trouxe traziam somente caçotes e huumas poucas dalabardas e huma mesa sem toalhas porque aquy lhas fyou Vicente fernandez ho mercador e ho capitão senhor que V. A. desta sore qua manda nom sey como posa guardar voso seruiço e tamto senhor que asy chegou se lyou com os ofycays e meteo a mão tam Rygo no celeyro que omde V. A. tynha mandado mantymto tee cerqua do novo nom nos bastou mays que tee feuereiro com outro mays trigo e byzcoyto que V. A. depouys qua mamdou e agora nos deuydos seys meses com este dagosto comprando sempre ho trigo a ctº xx Rs ho alqueire e a cemto e cymcoenta e ijº e agora que hee nouidade ha Recolhyda esta a cem Rs ho alqueire e a ceuada a R por omde V. A. verá como os homeys que Vos qua servem deuem pasar e tudo jsto por que o trigo e byscoyto que V. A. qua mandou elle e os ofycays ho gastaram como qujseram abryndo o celeyro de noyte e mandando o a vylla nova a sua casa em tempo que todos estauamos em grande necesydade e muytos a fome comendo ervas e carne seem pão na coresma e carnale e se aguum Resgate ou (...) de trigo algum ora vynha elle ho Repartya de maneira que todos ficauam agrauados avemdo hy ofycyall de cyleyro que ho vemdya se jmnda senhor mjlhor aproueytar tem asentados em vossos lyuros dezaseys de cauallo e xbij de pee nom parecendo nunca Em alardo nem em guardas

tays caualllos nem cauallgadores senão no cylleiro e para todos estes caualllos que tem asemntados no ha hy em sua estrebarya mais de tres ou quatro selas e ymda dalguuns cauallgadores que aos ditos caualllos daa delles nom pasam de dez annos e asy senhor no tempo que aquy avya gemte de solldo Ryscaua os espyngardeyros e besteyros de priuilegyo que aquy des a tomada serujam nem erão pera seruyr V. A. somente a elle e os ofycyays em suas casa Requerendo-lhes primeiro que se quiryam vyuer co elle e que os hasemtarya no solldo e seryão escusos do muro e vellas e todo outro seruiço por ho que a cydade era muyto mall vellada com os quays tem deRybado muytas casas nesta cydade a pessoas que seruem nella desde a tomada por lhes tomar a madeira com a quall fez suas obras e mada oje em dya muyta ha vylla nova.

Item Senhor he alguas pessoas daqui uam fora ha negocyar e deyção haquy seus caualllos e quem sirua nelles elle os nom deyxa estar asemntados senão com condição que elle aja ho solldo e pera mjlhor se hymda haproueitar ordenou sobre as portas do castello huma capella de sam pedro em que nom pos mays de huma cruz de pao e pos penas pera ella de que tem Ja leuado nesta cydade muyta soma sem fazer mays nenhuma outra obra nelle e caualleiro velho e omrrado e proue com molher e filhos ouuehy a que chamão aluaro leyço que por nom ter com que pagar a pena que lhe pos lhe mandou vender a capa em pregão na praça e agora amda por esa cydade com hum pao na mão e a dous omeys proues que andauam em huma barqua alheya por nom pasarem hum omem da bamda dallem do Ryo lhe fez pagar dous mjll e seyscentos Rs. e a outros muytos a quem dous mjll e quynhentos a quem mjll tem leuado gramde soma de pennas e os que nestas pertes senhor seruem V. A. com tanto gasto e trabalho serya mjlhor ajudallos a vyver que vemderlhes as capas e destas com que seruem a deus e a vosa A.

Item senhor sabera V. A. que aquy veyo hum dum xequé onrrado fazerse christoom e asy ueyo outro que elle fez christão e lhe pos nome pero e os mandou vemder a castella e asy senhor dizem pera esta cydade de outros que meteo em hum allgude (?) ou matamorra e os mandou depouys a sua casa e asy tomou aquy muytas negras christãas e filhas de christaos e christaas e allgumas casadas por catyuas que os outros capytays nom quyseram tomar por lhe nom parecer justyça segundo mjlhor V. A. sabera quando mandar deso tyrar aquy huma emqujryção que cumpre bem a seruiço de deus e de V. A. mandar tyrarmos a nos de tamta hopresão porque elle faz de qua crer a V. A. muytas cousas que qua nom ha muyto poucos

dyas ha que estando aquy muytos mouros da emxouvya deytou huma nova tam apresade pola cydade com pregoys que todos recolhesem suas fazendas ao castello porque vynha el Rey de fez que fez ha todos de noyte e de dia com carros e bestas vazar de noyte e de dya a cydade com tanto desmayo que os mouros estauam espamtados estamdo el Rey de feez aquelle tampo amtre Alcácer quebyr e ha mamora e per outra nos mandou fechar pera mandar tayar as portas da seruentya da Rybeyra por onde se toda esta cydade serue nom deyxamdo senão a do castello aberta que he tam fora de mão pera se a cydade seruyr como V. A. tera sabydo pollo que se leuanto todo o pouo contra elle yndo todos juntos asy por estes como por outros muytos escamdollos que delle tem Recebydos e se nom fora por fydalgos e pessoas genosas que se niso meteram sempre fyzeram allguas cousas que nom seruiço de deus nem de vosa A.

Item senhor sabera V. A. que nestas partes nunca se costumou ho que se agora nesta cydaade custuma que dos Resgates que há esta cydade vem que trazem alguus escrauos em pagamento ho capytão lhes pede por cabeça b onças por por ho que os mouros e christãos deyxão de fazer seus Resgates e os moradores Recebem muyta perde e asy senhor dofycos de que V. A. faça mercee nunca depouys que haquy he guardou as cartas nem menos outros nenhums aluarays de terras nem cousas de que faça mercee sem que primeiro os V. A. faça tornar e gastar mays do que vallem as cousas que lhes tem feetos meerce pondelhe sempre grosas e duuydas se os por sua aderencya ou dada nom ouverem como se por hos ofycos que a Vicente pirys e ao adayll e amtónio doliueira e outros que V. A. fez merce se mostra e asy do que escreue a V. A. sobre a guerra e pazes de emxouvya e cousas que toquam a seu seruiço e fazenda he bem desvyado do que se pasa e a seu seruyço e fazenda cumpre segundo o que todos sabydo porque nunca desque aquy tem escripto a V. A. nenhuma cousa desemganada do que em verdade pasa e a seu seruiço cumpre senão aquillo que lhe parece que ha V. A. mays haprazyuel será e ho por mays estucyoso e mjlhor seruidor que hos capytays pasados e a elle podera vyr allguum ynterese como era dyzem que por sua emformaçam e dadybe manda dar aos xeques da emxouuya setecentos myll Rs. de que elles e ofycays hamdauer mjlhor parte fazendo creer a V. A. que tem pazes com há emxouvya e trazem aquy mantymentos em abastança vyndo nos aquy correr muytas vezes de dya e de noyte leuando nos escrauos e asnos e gado e todo ho anoyteçe sempre fyzeram nem mais vemder nem çoquear do que em tempo de mays gerra vinhão que há vyrem Resgatar seus parentes e trazerem pera yso cauallos e gado e allguma carrega de trigo que lhe ho dono do

Resgate em Condção mete e jnda este toma a seu dono do resgate he o manda leuar ao Castello e o merqua por seu fazedor a cymcoenta Rs. huma medyda do çoquo que alqueire e meio e depouys o Reparte por quem elle quer a com Rs. o alqueire da cydade em que lhe fica vemydo ho que toma por L Rs. em cento e L e poraquy podera ver vosa A. as outras cosas e como se de vosa fazenda ajudara e se V. A. ysto nom soube mays cedo foy por no parecer cada dya que nos proueria em breue com andão capytão e asy porque as cartas que allgumas pessoas daqui mandão para V. A. elle as toma e trata mall os que as mandão ou leuão como ora fez a hum cavaleiro que chamão Brás omem que jndo camjnho da barra e pasamdo polla pporta da cadeya a rogo dum mestre (?) Johem preso lhe leuou huma carta para V. A. a huma caravella que querya partyr e tanto que ho elle soube lhe mandou Ryscar tdoo o que lhes atras era devydo e que o Ryscasem ao diamte e cauallo temdo asemtados a cauallo ortellays e cauouqueiros e pedreyros e campynteiros e allfayatesos quays se nom sabem ter a cauallo nem sam pessoas pera pellegar antes aquelles tays fazem desbaratar os bons as quais pessoas sera muyto serujço de deus e de V. A. mandar saber quem sam e nom escpriuo a V. A. doutras muytas apresoys que qua quada dya temos porque seryam lomgas descreuer as quays sabera quando nos quyser tamta merce que mande dyso tyrar huma emquyryçam por pessoa que lla venha e guarde o que cumpre a serujço de V. A. e que deus acrecente a vyda e Reall estado dezamor a xj dagosto de 1517.

Duarte Roiz Alcoforado

Arquivo Nacional da Torre de Tombo, Corpo Cronológico, parte I, Março 2, doc. 55.

In FAGUNDES, Maria Augusta Lima da Cruz - Documentos Inéditos para a História dos Portugueses em Azamor. Sep de: Arquivos do Centro Cultural Português. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1970, vol. II, p. 142-145.

ANEXO V

Carta dos doze eleitos pelo povo de Azamor, dirigida a D. Manuel I

Azamor – 12 de Agosto de 1517

Depois de termos escrito a V. A. se começaram de deRybar humas casas muyto grandes e bem hobradas em que se podyam agasalhar doze ou Xb de cavallo que ho duque aquy pera a myserycordya muyto perto da see e depoyz dom pedro as deu ha francisco dalmeyda adayll que foy desta cydade e quando se daquy foy sua molher as deyxou emcaRegadas a hum Joam fernandez alfaqueque o quall hora as começou de deRybar e deRyba e porque senhor nos dyseram que V. A. nom avya por seu seruiço deRybarem-se nenhuma casas e tynha dyso pasado hum aluara com muyta pena a quem nas deRybase o quall aluará nunca pareço e asy se deRyba huma mesquyta em que pouso aluaro Carvalho com muyta gente e ho capytão he de tudo jsto sabedor o nom lhes vay há mão fasemollo saber a V. A. pera njsto prouer o que for seruiço poys nos Já nom prestam estromentos e andão aquy muytos omeens que nom tem onde se meter o que serya mjlhor apousentarem-nos nellas que derybaremse.

Item senhor ho almotaçee perpetu desta cydade escpreueo huma carta por sua mão a V. A. em nome de dita cydade e amdou asynamdo e Rogando allgumas pessoas eu lhe asynasem dyzendo-lhe que nos doze emligydos eramos em consentymto de se escpreuer em o quall nos dyseram que espreue a V. A. que nom podemos ser serujdos sem elle senror a fym de nom aver outro com elle porque vosa A. sabera que nesta cydade nom há nenhum Regymto nas cousas dallmotaçarya senão em aRecadar o premyo que a elle cumpre nom seruindo nunca como deue pera bom Regymto da cydade e ho pouo ser serujdo pedymos por merçee a V. A. que mande a simão correya voso capitão que cumpra ho aluara de que nos vosa A. fez merçee que troxe Ruy quyxada e Lourenço gonçallvez em que manda que aja os doze emllegydos pello povo deste cada hum delles syrua hum mes com ho dito almotaçe porque esta carta do almoraçe foy feta a fym de se nom comprir ho aluara de V. A. e he mujto seruiço de deus e voso que se nom leuem as cousas sobegas como tee quy se levaram.

Item senhor Joham folgado uay Requerer a V. A. satysfaçam do çoquo da emxouvya de que elle he alcaide e porque a uosa A. muitas uezes escepreuem cousas mais por afeição que ser asy ho albytre de quando vem dous ou tres de trigo da emxouvya tomar hum e depoyos vemde-lo aos proves a ijc reais ho alqueyre como se fez ho tempo pasado quando esta cydade esteue em mays estreyta necesedade e hasy as gallynhas que venham se fazya da mesma maneira asy senhor que tajs albytres comester veja V. A. quando seu seujço he quam djnos sam de satysfaçam e sempre systo asy para se V. A. nom proue e a merçe aqui pedimos a V. A. he que ho alcaide nom Reparta nunca trigo nem gallynhas que vyeram da emxouvya e asy outras cousas de mantymientos senão pellos dous almotações juntamente trazendose tudo ha praça e ally se Repartyr pello pouo e pessoas que ho ouverem mjster e nom ser metydo no castello de que depoyos que lla he Repartese como nom he seruiço de deus e seu o que lhe Requeremos e pydjmos por merçe porque aquy nom entramos com outro enterese somente vyuermos em bom Rygymento.

E asy pydimos por merçe a V. A. que mande que nenhuma pessoa seja tam ousada que satreua escpreuer carta a V. A. por parte de cydade somente pollos doze emlygydos que tyuerem ho carego de Regymento dela as Reays maos de uosa A. beyjamos e Rogamos ao todo poderoso deus que hacrecente e eyxallçe a vyda e Reall estado de V. A. e seu seruiço desta cydade dazamor a Xij dagosto de 1517.

(Seguem-se 12 assinaturas).

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Corpo Cronológico, parte I, Março 22, doc. 58.

In FAGUNDES, Maria Augusta Lima da Cruz - Documentos Inéditos para a História dos Portugueses em Azamor. Sep de: Arquivos do Centro Cultural Português. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1970, vol. II, p. 145-147.

ANEXO W

Regimento pêra allfamdega da cydade dezamor

Lisboa – 19 de Fevreiro de 1518

Nos el RRey pazemos saber a vos amtonio leyte caualeiro de nosa casae nosso contador na nosa cydade dezamor e ao Noso allmaxarife e stprivam dallfamdegua da dita cydade e a outros quaesquer oficiaes a que este noso alluara foor mostrado e o conhecimento delle pertemçer que ha nos praz e avemospor bem seruiço que daquy em diante A nosa allfamdega desa cydade se faça no castello della na Casa que se pera jso fez que he debayxo de feitoria.

Item E por somos enformado que hos Recebedores dellfandega como mam acham os strprivaees tam prestes como compre e quelmda as vezes dizem que hos nam acham por despacharem navios e mercadorias que vão e vem sem elle aveemos por noso seruiço E porquamto queremos que pase peramte os stprivaes a que ho caso pertemçee avemos por bem que daquy em diamte ho nam façam sobpenna de pagarem em noveado todo o que hasy despacharem a metadepera nos e a outra pera quem uos causar e vos contador fazej daar a ditapenna a eyxeecução emcorrendo nella depojs de lhe seer este noteficado.

Item Outrosy avemos por bem que na Rybeira se nam posa depresentaçam deste em diamte dizymar barca nenhuuma de pescado sem cadahuum dos stprivaes serem presentes os quaees stprivaes serem muyto prestes ao asy comprerem e semdo allguma cauallgada ou guarda poderam leyxar outro em seu loquo autorydade do contador que lhe dara juramento que siruam fielmente e queremos que posam stprever com cada huum dos que ficarem na cydade semdo os outros fora sob penna de quallquer dos Recebedores que ho asy nam comprry paguearmyll reais a metade pera comfraria de nosa Senhoria e a outra pera quem os acusar.

Item avemos por bem que nenhuma cafylla que vyer a esa cydadenenhuum mercadornem outra pessoa posa comprar della cousa allguma sem primeiro hyr a tall cafylla a

nosa casa da feitoria pera hy lhe seer comprado o que bem parecer a nossos officiaes asy vemdydo o que na feytoria esteuer porquamto nella amde vender Majs Saamente as mercadorias e asy comprar as suas porem defemdemos e mamdamos quenenhuma pessoa ho nam daquy em diamte sob penna de perder a tallMercadoria que lhe comprar e a vallya da que lhe vemder e depojs de hua vez lrem teer a dita nosa feytoria de hy em diante poderam os mouros e judeus hyr vemder por homde lhe prouuer e os mercadores e pessoas outras comprar.

Item Outrosy porquamto somos enformado que noso Regementos se nam comprem e guardam como neles he conteude avemos por bem queho cumpram Imteyramente sob pena de perdimento dos ofícios e quando lhe parecer que ha allgumas cousas pera senam comprirem nellas façam saber pera Respomdermos e mandarmos o que ouuermos por noso seruiço e este notefycado e Registrado no lyvro dos contos e dallfamdega e almoxarifado pera nam alegarem Inoramçya e comprao todos asy feyto em Lixboa a XIX dias de feuereiro antónio mexia o fez de M b □ x b iij

Arquivo Nacional da Torre de Tombo, Livro de Registo de Leis e Regimentos de D. Manuel, fols. 42 e 42 v.

In FAGUNDES, Maria Augusta Lima da Cruz - Documentos Inéditos para a História dos Portugueses em Azamor. Sep de: Arquivos do Centro Cultural Português. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1970, vol. II, p. 149-150.

ANEXO X

Carta de mercê do rei D. Manuel dirigida aos moradores de Azamor

Lisboa, 23 de Julho de 1518

«Aos moradores da cidade dezamor que aquelles que tiuerem cassas da dada pellos capitães de que estiuerm em posse as possam vemder e fazer dellas como de sua coussa propria».

Dom manuel A quantos esta nossa carta virem fazemos saber que por folgarmos de fazer merçee aos moradores da nosa cidade dezamor Temos por bem e queremos e nos praz que todos aquelles que tiuerem cassas e lhe foram dadas capitaaes que teegora foram na dita cidadee dellas agora estam em posse e em ellas bemfeitorias as tenham e logrem a pessuyam como suas e possam delas fazer o que quiseerem e lhes aprouuer como de coussa sua porquanto por esta nossa carta lhas confirmamos e auemos por coffimadas noteficando assy o dom aluaro de noronha capitam rregedor da dicta cidade e a qualquer outro que pello tempo for e lhe mandamos que cumpra e guarde asta nossa carta de mercee que assi aos sobre dictos fazemos e lhe nam vaam comtra ella em parte nem em todo e lha mandem lamçar narca dos comtos da dicta cidade e a cada huum dos que tiuerem as dictas cassas que quiserem o trellado destamandamos ao dicto capitam que lha mande dar em pubrico pera o terem pera sua guarda. Dada em a nossa cidade de Lixboa a XXiiij dias de Julho antonio paez a fez do anno de mjll e quinhemtos Xbiiij annos.

Arquivo Nacional da Torre de Tombo, Chancelaria de D. Manuel , livro 28, fol. 35v e Livro das Ilhas, fol. 164.

In FAGUNDES, Maria Augusta Lima da Cruz - Documentos Inéditos para a História dos Portugueses em Azamor. Sep de: Arquivos do Centro Cultural Português. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1970, vol. II, p. 150-151.